

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE SÃO PAULO
MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

JOÃO PEDRO TELES AUZIER

**POESIA E EMANCIPAÇÃO: ANÁLISE DE ALGUNS POEMAS DE *A ROSA DO
POVO* DE DRUMMOND EM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE**

SÃO PAULO - 2024

JOÃO PEDRO TELES AUZIER

**POESIA E EMANCIPAÇÃO: ANÁLISE DE ALGUNS POEMAS DE A ROSA DO
POVO DE DRUMMOND EM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito à obtenção do título de Mestre em Literatura e Crítica Literária.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Roberto Lucas.

SÃO PAULO – 2024

BANCA EXAMINADORA:

Dedico o trabalho ao meu irmão, meus pais, professores e todos aqueles que acreditam em um mundo melhor para os mais desfavorecidos.

Agradeço a Deus pela oportunidade de continuar os estudos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – 88887.921346/2023-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 – 88887.921346/2023-00

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pela oportunidade de estudar e poder mostrar o meu potencial e desenvolver esta pesquisa. Agradeço de coração o fato de PUC-SP, em nome do professor Dr. Fábio Roberto Lucas, assinar minha carta recomendação e conceder uma bolsa de estudos para que eu pudesse ter a calma e tranquilidade de estudar e ter um melhor desempenho. Sem a ajuda desta magnífica universidade eu não seria o pesquisador que sou hoje. Agradeço a todo o corpo docente que sempre se dispôs a me ajudar, tirando dúvidas e partilhando o conhecimento sobre áreas variadas da literatura. Com os professores aprendi a amar literatura infantil, que era algo que eu pouco lia, literatura brasileira era algo que eu lia, mas bem pouco. Com as matérias variadas, sempre foi importante ler para poder desenvolver ideias diferentes durante as aulas.

Graças a PUC-SP eu pude fazer inúmeras amizades, conhecer culturas diferentes e aguçar ainda mais meu gosto pela literatura. Pois cada colega de turma colabora um pouco com suas histórias, suas dores e principalmente seu modo de ver o mundo. Os estudos são importantíssimos, pois criam um espaço de oportunidades gigantesco na vida de um ser humano.

A literatura tem um jeito ímpar de nos levar para vários lugares só com o poder do pensamento, da imaginação. A literatura nos deixa mais apaixonados pelo diferente, pela liberdade do ser, pela chance de estar e poder sentir algo novo sempre. Pois os personagens das histórias acabam virando nossos amigos imaginários. Mas nada disso, nada desta utopia pode ser concreta sem ter alguém para compartilhar, as dores do mundo ou melhor o sentimento do mundo. E na PUC-SP eu pude viver esse sonho de ver mais e mais pessoas falando sobre algo pelo qual sou completamente apaixonado, por isso sempre fica aquele sentimento de “quero mais”. Mas a vida tem disso, começo, meio e fim. E o amor pelo corpo docente e pelos amigos que fiz vai ficar eternamente gravado no meu humilde coração.

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos pela generosidade do meu orientador, professor Dr. Fábio Roberto Lucas, que sempre me incentivou, sempre disse palavras de acalanto e nunca desistiu de mim. Sempre acreditou mais no meu potencial do que eu. Por isso eu sempre falo, é impossível viver em uma sociedade sem os professores. Eles exercem a profissão mais importante do mundo. Eles nos ensinam desde cedo a escrever e depois nos ensinam a desenvolver isso de uma forma intelectual e sofisticada. Todavia os professores nunca conseguem abandonar um aluno porque essa missão de ensinar, de ser amoroso e bondoso já vem desde cedo, eles fazem isso de forma natural. Demorou, mas no mestrado eu tive uma educação humanista e acolhedora e isso foi muito importante para que eu continuasse focado e forte para estudar. Professor Dr. Fábio Roberto Lucas seu compromisso com o ensino me ajudou a chegar até aqui. Não existe palavras no meu singelo vocabulário para agradecer tanta dedicação e atenção que o senhor teve comigo. Obrigado de coração.

*{...} É necessário sempre acreditar que o sonho é possível.
Que o céu é o limite e você truta, é imbatível.*
(Mano Brown)

Auzier Teles, João Pedro. **Poesia e emancipação: Análise de alguns poemas de *A Rosa do Povo* de Drummond em diálogo com Paulo Freire.** Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2024 112p.

RESUMO

Carlos Drummond de Andrade é um expoente da poesia, modernista brasileira. As obras do poeta mineiro são abrangentes em vários temas. Mas são especialmente incisivas quando se trata da liberdade, sobretudo no livro *A Rosa do Povo* (2000) que o poeta publicou em 1945. Sob a luz das teorias educacionais de Paulo Freire, especialmente do livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), a poética drummondiana se torna ainda mais potente, porque o professor Paulo Freire acredita na educação libertadora, coletiva, experiência pela qual todos podem se desenvolver por meio do diálogo generoso que deve caracterizar a experiência de ensino- aprendizagem. Esta dissertação de mestrado articula as reflexões freireanas à análise de alguns poemas de *A Rosa do Povo*, livro marcado pela busca por liberdade, autonomia, emancipação, palavras-chave do vocabulário de Freire, que precisaremos ao longo da dissertação. Com o intuito de contribuir para a fortuna crítica do poeta, nossa leitura concebe a interação com a palavra poética como fator decisivo para uma relação com a linguagem e com o saber que toca em profundidade o processo de conscientização da experiência histórica pelo sujeito, indo além de uma recepção passiva do conhecimento, do soletramento meramente mecânico e instrumental tão criticado pelo educador: “todos os homens voltam para casa. / Estão menos livres mas levam jornais / e soletram o mundo, sabendo que o perdem”, dizem versos de “A Flor e a Náusea”, de Drummond (2000, p. 15). Assim, engajar-se nessa experiência histórica pela educação, em Freire, tanto quanto pela poesia, em *A Rosa do Povo*, envolveria construir uma postura crítica e livre diante da linguagem e de suas práticas de nomeação do mundo.

Palavra-Chave: Poesia, Educação, Libertação, Literatura.

Auzier Teles, João Pedro. **Poetry and emancipation: Analysis of some poems from Drummond's *A Rosa do Povo* in dialog with Paulo Freire.** Master's dissertation. Postgraduate Studies Program in Literature and Literary Criticism. Pontifical Catholic University of São Paulo, SP, 2024 112p.

SUMMARY

Carlos Drummond de Andrade is an exponent of Brazilian modernist poetry. The Minas Gerais poet's works cover a wide range of themes. But they are especially incisive when it comes to freedom, especially in the book *A Rosa do Povo* (2000), which the poet published in 1945. In the light of Paulo Freire's educational theories, especially the book *Pedagogia do Oprimido* (1987), Drummond's poetics become even more powerful, because Paulo Freire believes in liberating, collective education, an experience in which everyone can develop through the generous dialogue that should characterize the teaching-learning experience. This master's dissertation combines Freire's reflections with an analysis of some poems from *A Rosa do Povo*, a book marked by the search for freedom, autonomy and emancipation, key words in Freire's vocabulary, which we will detail throughout the dissertation. In order to contribute to the poet's critical fortune, our reading conceives the interaction with the poetic word as a decisive factor for a relationship with language and with knowledge that deeply touches the process of the subject's awareness of historical experience, going beyond a passive reception of knowledge, the merely mechanical and instrumental spelling so criticized by the educator: "all men return home. / They are less free, but they carry newspapers / and they spell out the world, knowing that they have lost it," say lines from Drummond's "A Flor e a Náusea" (2000, p. 15). Thus, engaging in this historical experience through education, in Freire, as much as through poetry, in *A Rosa do Povo*, would involve building a critical and free attitude towards language and its practices of naming the world.

Keywords: Poetry, Education, Liberation, Literature.

SUMÁRIO

Introdução	11
CAPÍTULO 1: Vida e Obra de Drummond e Paulo Freire	17
1.1 Contexto da vida e Obra de Carlos Drummond de Andrade	17
1.2 Posição de Carlos Drummond de Andrade na Literatura Brasileira.....	23
1.3 Contexto da vida e obra de Paulo Freire	32
1.4 Posição de Paulo Freire na educação	43
1.5 Articulando o pensamento de Paulo Freire com o livro <i>A Rosa do Povo</i>	49
CAPÍTULO 2: Drummond em sintonia com teorias críticas de Paulo Freire	52
2.1 O livro <i>A Rosa do Povo</i> : prelúdio	52
2.2 <i>A Pedagogia do Oprimido</i> de Paulo Freire	54
2.3 Categoria de análise: povo oprimido, diálogo, esperança e conscientização. 63	
2.4 A Poesia de Drummond na Educação Brasileira	71
CAPÍTULO 3: Poesia e emancipação em <i>A Rosa do Povo</i>	74
3.1 “A Flor e a Náusea”	76
3.2 “Nosso Tempo”	85
3.3 “Carrego comigo” (em contraste comparativo com “Cidade prevista”)	94
3.4 “Morte do Leiteiro”	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	107

Introdução

A Rosa do Povo, livro de Carlos Drummond de Andrade, é um dos marcos da poesia brasileira do século XX. De importância notável para o desenvolvimento da literatura brasileira e mundial, ela instiga continuamente novas interpretações e novas críticas, participando com muita intensidade da contínua e coletiva reflexão da cultura brasileira sobre si mesma. Para críticos como Pilati (2007, p.141), *A Rosa do Povo* seria o apogeu de todas as produções literárias do poeta, com poemas que tratam de temas sociais variados como a Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento do nazifascismo e a Guerra da Espanha.

Publicado quando o poeta tinha 43 anos em 1945, *A Rosa do Povo* tem uma carga bastante politizada, um movimento que já reverberava em outros livros de Drummond, como *Sentimento do Mundo* e *José*. Desta forma podemos apreciar o poema “A flor e a náusea”, que nos mostra o quanto é importante sonhar, como é louvável imaginar que a beleza, ou melhor dizendo a poesia pode nascer nos lugares mais depressivos, hostis e deveras sem esperança. Leia-se que “Nosso tempo” não fica para trás quando se trata de fazer com que as palavras virem utopias no imaginário do leitor, retratando o tempo de divisões, de gente cortada e dilacerada pelas consequências de políticas socioeconômicas desastradas. Esse paralelismo que o poeta faz entre a realidade, sonho e imaginação é algo que só ocorre no coração do artista, numa dimensão íntima e subjetiva partilhada com o público, difícil de ser posta em conceitos e explicações. Mas é importante frisar que o poeta sempre se sentia à vontade para discutir e abrir novos caminhos para a reflexão acerca de sua obra literária.

A poesia de Carlos Drummond de Andrade retrata o cotidiano de forma plena e carregada de sentidos, o que justifica sua consideração como poeta completo. Com o ofício da escrita, ele registra em forma de poesia os fatos que lhe chamam atenção e que através de sua arte jogam luz sobre os problemas e traumas que aos poucos devastavam as pessoas mais oprimidas pela fome, guerra e o medo. Além de informar o leitor sobre os problemas que o mundo enfrentava, o poeta tem uma escrita muito cativante, bastante envolvente ao ponto de instigar o seu leitor a sempre querer apreciar mais e mais cada palavra, cada conteúdo colocado de forma delicada e bastante consciente. Isso no final gera uma espécie de comoção nesse

leitor, de forma a humanizá-lo, e através da palavra, trazê-lo para entender ou ao menos compreender a dor do outro por meio do poema.

O Drummond “poeta público” de *A Rosa do Povo* constitui a fase intensa, mas breve, da esperança que nasceu sob a Resistência do mundo livre à fúria nazifascista, mas que logo se retraiu com o advento da Guerra Fria. A civilização que então se forma sob os nossos olhos, fortemente amarrada ao neocapitalismo, à tecnocracia, às ditaduras de toda sorte, ressoou dura e secamente no *eu* artístico do Drummond posterior, como lembra Alfredo Bosi (2015, p. 418).

Se voltamos ao poeta social de *A Rosa do Povo*, vemos um relicário aberto, que articula imaginação e realidade, num trabalho que instiga o público refletir sobre questões que envolvem a sociedade e nem sempre podem ser ditas publicamente, de modo aberto, discursivo. Assim, o poeta usa metáforas para expressar isso que a linguagem social não consegue dizer, nem muitas vezes pode tolerar. A poesia pode ainda ser conhecimento, que um poeta adquire ao longo da vida e por meio da sua experiência pode ser transferido para o papel. De acordo com essa perspectiva, os poetas podem ser heróis, capazes de mudar o mundo, de trazer mais beleza, um melhor entendimento dos seres e coisas da vida, criar outro mundo quando deixamos de viver nosso cotidiano e passamos a ser protagonistas de outras histórias, outras experiências. Talvez *A Rosa do Povo* seja o livro de Drummond que mais demonstra confiança nessa capacidade de participação e intervenção social própria à poesia.

A Rosa do Povo marcou época e também o movimento modernista no Brasil. Originado na Europa, o modernismo configura-se como um movimento artístico essencialmente voltado para a busca da liberdade diante das repercussões da industrialização, com o propósito de romper com os padrões estéticos e formalismos tradicionais de movimentos anteriores, tais como o Naturalismo, o Parnasianismo e o Simbolismo (Oliveira, 2001). Os primeiros anos do século XX testemunharam movimentos que revolucionaram a abordagem na produção de arte e literatura (Teles, 2022). Acrescente-se também, que a libertação estética e o experimentalismo deste período tornaram-se no Brasil uma luta constante pela independência da cultura da nação. A teoria estética do movimento foi desde o início objeto de disputa e esteve em constantes transformações, mas para entender o modernismo, é preciso primeiro entender a modernidade. Então, o que exatamente é

a modernidade? Pode-se dizer que a modernidade distingue o que está no passado, o que é novo, o que leva ao futuro e o que está à frente do presente.

Nesse prisma, Aranha (1925) dizia que o espírito moderno é uma abstração. No momento em que o definimos e o capturamos, ele entra no passado. Dessa forma, o movimento modernista teve impacto, surgiu como uma doutrina que acertava as contas com a modernidade e o progresso tecnológico, ora valorizando o industrial, ora recuperando o artesanato. Foi um movimento para reavaliar o passado da arte e iniciar uma libertação artística sem precedentes.

Dentro desta ótica, a ideologia modernista iconoclasta surgiu de um estranho paradoxo no Brasil. Lutando contra aquelas forças acadêmicas que materializavam o positivismo na literatura, irrompeu os espíritos em uma luta ufanista pela autonomia da literatura e pela identidade brasileira, sob a égide da estética das vanguardas europeias. Num claro processo de tatear a verdade, o espírito modernista inova na forma, nega veementemente o velho, enquanto explana uma abordagem crítica de nossa própria sociedade e o estado da arte no cenário mundial.

Desde a independência do Brasil em 1822, a história do país é marcada por complexos de inferioridade em relação às nações europeias. Diante desse fenômeno, a elite intelectual paulista realizou a Semana de Arte Moderna (SAM) em 1922, cujo objetivo original era nacionalizar e modernizar a arte brasileira. A partir da SAM, teve início o modernismo brasileiro, marcado por uma série de ações coletivas de um grupo de artistas para pensar e modificar a cultura nacional de forma decisiva na história brasileira (Teles, 2022).

Acrescenta-se também que foi a partir de então que o campo do conhecimento e da produção cultural começaram a sofrer grandes mudanças. Embora fosse um assunto “paulista” iniciado por intelectuais e elites econômicas, muitas das propostas feitas naquelas noites de fevereiro de 1922 começaram a ser digeridas depois de algum tempo por cariocas, mineiros, gaúchos e outros (Ramos, 2002). Além disso, o impulso modernista nas artes já estava presente em outros estados, mesmo antes da Semana de 1922 (Pasini, 2022). Sérgio Milliet assim delimita a influência europeia no Modernismo brasileiro:

foi a coragem de romper com a sintaxe convencional, foi o despojamento do falso poético, foi o humor, foi o direito de trocar a imagem comparativa ou alegórica pela imagem direta, foi a revalorização dos qualificativos, etc. Mais, porém, do que influência técnica, houve influência do espírito. (...)

Depois de 22 a poesia passa a ser sobretudo emoção (Apud Goes, 2015, p.8)

A partir da análise deste núcleo de pensamento, não demorou muito para que uma nova geração se mostrasse impulsionada por essa nova tendência estética disruptiva, já de certo modo paradoxalmente se constituindo como uma “tradição modernista”. É dessa tela “apocalíptica” que emerge no Brasil a poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Drummond apareceu como poeta ainda no panorama da primeira geração do modernismo no final da década de 1920, mas pertencia a uma segunda geração que queria definir uma nova direção para o movimento. Sua poesia, na forma, também revela uma ruptura com o passado. Em termos de conteúdo, porém, vai além e não se limita à necessidade de inovar e afirmar a identidade nacional. Em sua poesia, Drummond desenvolve uma reflexão existencial que questiona o lugar do indivíduo em um mundo cada vez mais artificial e tecnológico; nessa conjuntura, ele confere densidade e universalidade à poesia brasileira moderna.

A situação do Brasil na época era complexa: crescimento urbano e industrial nas principais cidades do país; instabilidade política; imigração (em massa desde o final do século XIX) e transformações na área do conhecimento e tecnologia. Tudo isso levou ao surgimento de uma nova mentalidade, especialmente nas artes e na educação. Assim, os grupos modernistas atuaram como grupos de pressão, defendendo um ataque sistêmico não apenas à linguagem da moda, mas sobretudo às instituições artísticas e seus códigos cristalizados. Dentro dos limites sociais do processo inicial de modernização, os modernistas questionaram o sistema de produção arte-cultura, seus modos de fruição e a pouca atenção que essa produção dava à nova paisagem urbana e seus novos atores (Fabris, 1994).

O modernismo, portanto, se destaca como um movimento que rompe com tradições estagnadas, abraçando uma expressão artística alinhada com as mudanças rápidas e profundas da sociedade contemporânea. Nessa análise, a compreensão da literatura modernista torna-se essencial para capturar a dinâmica e a inovação presentes nesse período de intensas transformações culturais e sociais. É dentro de tal contexto que estudaremos a poesia de Carlos Drummond de Andrade, em especial a obra *A Rosa do Povo*, que exploram os temas da pobreza, da desigualdade social e da luta de classes, traumas que se intensificaram com o

processo de modernização vivido naquele momento (e que ainda em larga medida seguem irresolvidos). Os poemas são marcados por um tom de indignação e revolta contra a injustiça social, e também apresentam um tom de melancolia, crítica e ironia, refletindo a visão de Drummond sobre os perigos da modernidade.

Assim, neste estudo, mergulharemos em alguns poemas de *A Rosa do Povo* – como “A Flor e a Náusea”, “Nosso Tempo”, “Carrego comigo” (em contraste com “Cidade Prevista”) e “Morte do Leiteiro”, – escolha que justificaremos ao longo da dissertação, conforme demonstrarmos como Drummond abordou esse período de grandes transformações no Brasil, sendo reconhecido por muitos como um dos principais intelectuais da época. Para isso, propõe-se aproximar Drummond de outra grande figura da cultura e intelectualidade brasileiras, Paulo Freire, com suas teorias críticas da emancipação pela educação. Esse enfoque permitirá uma análise profunda das contribuições de Drummond para a compreensão e transformação da realidade social, alinhando-se aos princípios emancipatórios propostos por Freire. Essa aproximação nos ajuda a dar especificidade à nossa contribuição para a leitura de um poeta e de um livro dentre os mais analisados e estudados pela fortuna crítica acadêmica, fator que, por um lado, nos permite ter acesso a uma grande bibliografia, mas por outro, dificulta constituir um novo enfoque global da obra, para além de percepções pontuais na análise de poemas específicos.

Diante dessa dificuldade, gostaríamos de propor como caminho de leitura um enfoque dos poemas de *A Rosa do Povo*, desde um diálogo com a obra e o pensamento de Paulo Freire. Considera-se a seguinte hipótese do trabalho: o livro *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, apresenta em seus poemas temas e motivos de natureza “social” que poderiam dialogar com categorias próprias da pedagogia de Paulo Freire (oprimido, esperança e conscientização), permitindo, assim, uma espécie de leitura freiriana dessa obra.

O objetivo geral do trabalho é estudar o emprego da linguagem poética e temas desenvolvidos por Carlos Drummond de Andrade, no livro *A Rosa do Povo*, na perspectiva da teoria freiriana. A obra de Freire será a contribuição teórica mais fundamental para a constituição de nossa perspectiva sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Os objetivos específicos delineados são: a) apresentar vida e obra de Drummond de Andrade e Paulo Freire; b) evidenciar os principais aspectos no cerne da obra de Drummond em sintonia com teorias críticas de Paulo

Freire; c) analisar alguns poemas de *A Rosa do Povo*, em que se destacam elementos formais e de conteúdo que podem sugerir um processo de conscientização do leitor por meio da poesia, com vista a sua emancipação do pensamento e desenvolvimento de seu espírito crítico.

Dentro dessa estrutura, após este capítulo introdutório, o primeiro capítulo apresenta uma contextualização histórica da vida e obra de Drummond de Andrade e Paulo Freire. Já o segundo capítulo procura delinear os eixos fundamentais da poética de Drummond, articulando-os com as categorias principais do pensamento de Freire. Por fim, no terceiro capítulo são realizadas análises de poemas da obra *A Rosa do Povo*, lidas à luz desse diálogo. Na conclusão, fornecemos percepções sobre as interconexões entre a obra de Drummond e as teorias críticas exploradas, consolidando uma compreensão aprofundada das relações entre poesia, pensamento crítico e transformação social.

CAPÍTULO 1: Vida e Obra de Drummond e Paulo Freire

1.1 Contexto da vida e Obra de Carlos Drummond de Andrade

O escritor Carlos Drummond de Andrade surgiu no cenário literário brasileiro, destacando-se como um dos principais poetas da segunda etapa do modernismo no país. Reconhecido como um "revolucionário" na expressão poética, sua obra aborda uma variedade de temas, explorando seu vazio melancólico como indivíduo e os desencontros no mundo. Com uma produção poética extensa, Drummond não apenas surpreendeu sua época, mas também deixou uma marca indelével nesse período da literatura brasileira (Nobrega, 2020).

Figura 1 - Carlos Drummond de Andrade.



Fonte: Diana, 2020.

Dentro desta ótica, Carlos Drummond de Andrade era de família de fazendeiros e nasceu em 31 de outubro de 1902 em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais. Nono filho de Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta Drummond Andrade, sua história familiar vai caracterizar sua poesia com nostalgia e sofrimento humano diante dos mistérios da vida.

Figura 2 - Casa que morava em Itabira.



Fonte: Frazão, 2022.

Do mesmo modo, Drummond expressou um profundo sentimento de saudade por sua cidade natal. Em essência, permanece ligado a Itabira, tanto por suas raízes quanto, mais significativamente, pela presença passada de seus pais e irmãos, todos nascidos lá e já falecidos. Esse legado atávico é uma marca indelével que Drummond carrega consigo e que jamais será esquecido. A ligação com a antiga Itabira é profunda e visceral, perdurando ao longo do tempo (Moraes Neto, 2007).

Note-se que, a trajetória literária de Carlos Drummond de Andrade teve início precocemente, aos sete anos, quando solicitou ao pai a doação de uma coleção de uma biblioteca internacional. Essa enciclopédia, composta por 24 volumes encadernados em percalina verde e repleta de representações abrangentes do conhecimento universal, chegou a Itabira-do-Mato-Dentro alguns meses depois, transportada por um burro, causando surpresa e encanto nas crianças locais (Said, 2007). A primeira grande incursão de Drummond para além das fronteiras do mundo da literatura mundial ocorreu em 1916, quando o jovem deixou Itabira para ingressar no Colégio Arnaldo, pertencente à Congregação do Verbo Divino, em Belo Horizonte.

Nessa situação, a forma como Drummond enfrenta a árdua jornada que separa a capital de Itabira parece evidenciar a magnitude simbólica daquela viagem inicial sob a orientação de seu pai. Nesse contexto, sua primeira experiência de

migração ultrapassou o limiar da transcendência dimensional das barreiras espaciais, marcando o ponto em que sua vida verdadeiramente começou a se complexificar (Said, 2007).

A partir desta análise, a estadia no internato foi breve e Drummond interrompeu seu segundo semestre por motivos de saúde. Após retornar a Itabira, começou a ter aulas particulares com o professor Emílio Magalhães. Em 1918, ocorreu outra mudança significativa: matriculou-se no Colégio Anchieta, sob administração jesuíta, localizado em Nova Friburgo, próximo ao Rio de Janeiro. No entanto, o poeta logo manifestou sinais do espírito não convencional que o caracterizava: ao final do ano letivo de 1919, um incidente com um professor de português resultou em sua expulsão da escola. De acordo com Moraes Neto (2007), na instituição, Drummond afirmou que era considerado um "maligno" por buscar demonstrar sua "independência espiritual". Essa, segundo ele, foi a verdadeira razão por trás de sua expulsão pelo padre jesuíta, uma medida que o jovem considerou injusta e da qual não pôde se defender.

Dentro desta ótica, a expulsão ocorreu de maneira que Drummond considerou extremamente arbitrária, sem que lhe fosse concedido o direito de defesa. Após passar um período confinado em um quarto, teve que deixar o colégio durante a madrugada, sem se despedir de ninguém, para tomar o trem com destino a Belo Horizonte (Moraes Neto, 2007). A partir dessa expulsão, em 1920, sua família transferiu-se para Belo Horizonte, um acontecimento crucial para o desenvolvimento literário do poeta. Já em 1919, com o estímulo do irmão Altivo, Drummond havia publicado seu primeiro poema em prosa, intitulado "Onda", no jornal Maio de Itabira. Portanto, o ambiente da capital mineira mostrou-se propício para a expressão de sua poesia.

Essas premissas apontam, ao longo da década de 1920, o jovem Drummond mergulhou na literatura. Ele passa a maior parte do tempo imerso no "reino das palavras", lendo ou escrevendo teimosamente. Durante sua pesquisa e sua primeira experiência de escrita, houve uma mistura de novos e antigos escritores, escritores nacionais e estrangeiros, especialmente escritores franceses, num ambiente formado pela sedimentação sincrônica de diversas temporalidades literárias (Said, 2007).

Nessa fase, conforme mencionado por Said (2007), a produção literária abundante da juventude do poeta se dispersou no tempo, todas as compilações de

textos cuidadosamente organizadas e elaboradas pelo jovem nesse período fracassaram antes de chegar à editora. Elas se perderam nas mãos de amigos e editores ou foram consumidas por empreendimento inacabados, negócios frustrados. A realidade é que esses escritos se extraviaram. Contudo, o melhor ainda estava por vir: em 1921, Drummond começou a publicar seus primeiros trabalhos no Diário de Minas e a se relacionar com jovens intelectuais mineiros, tais como Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Cassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Souza e João Pinheiro Filho, frequentadores assíduos da Livraria Alves e do Café Estrela (Merquior, 1975, p. 4).

Desde jovem, o autor graduou-se na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por desejo paterno e tornou-se farmacêutico. Embora não tenha exercido a profissão na indústria farmacêutica, acabou lecionando português e geografia, além de atuar como tradutor para autores renomados, como Bertolt Brecht e Federico García Lorca. Em 1923, Drummond ingressou na escola de farmácia sem nunca antes ter frequentado o local. Nesse período, estabeleceu amizade com representantes do modernismo que passaram por Belo Horizonte, tais como Manuel Bandeira, Blaise Cendrars, Oswald de Andrade, Tassila do Amaral e Mário de Andrade.

Figura 3 - Colação de grau.



Fonte: Revista Galileu, 2019.

Segundo Merquior (1975), durante esse período, Drummond estabeleceu uma extensa correspondência com o "papa do modernismo", Mário de Andrade. Dois anos mais tarde, foi o fundador da publicação modernista A Revista (1925), que teve três edições. Assumindo a liderança da revista, Drummond rapidamente se destacou como um dos principais expoentes do Modernismo mineiro. Após contrair matrimônio com Maria Dolores Dutra de Moraes, concluiu o curso de farmácia em 1925. No ano seguinte, retornou a Itabira, movido pelo desinteresse pela carreira farmacêutica e pelo vínculo com suas raízes familiares.

De acordo com Arrigucci Júnior (2002):

O poeta que surgiu em 1930 e acabou se tornando a figura emblemática da poesia moderna no Brasil construiu uma grande obra em que tudo acontece por conflito. Desde muito cedo Carlos Drummond de Andrade experimentou dificuldades e contradições para forjar o denso lirismo meditativo que a caracterizava (Arrigucci Júnior, 2002, p.15).

O marco decisivo que marcou a entrada de Drummond na carreira literária ocorreu em 1928 com a publicação do poema "No meio do Caminho" na Revista de Antropofagia. Conforme apontado por Merquior (1975, p. 4), o poema provocou "um dos últimos escândalos da era heroica do movimento. Considerado uma aberração pela crítica, dividiu o mundo literário da época". Em 1930, lançou o livro "Alguma poesia", inaugurando a segunda fase do modernismo brasileiro.

No mesmo ano, iniciou seu serviço como oficial de gabinete de Gustavo Capanema, seu amigo e secretário do Interior. Três anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro para assumir como chefe de gabinete de Capanema, que havia se tornado o novo ministro da Educação e Saúde Pública. Drummond dedicou grande parte de sua vida ao serviço público, encerrando sua carreira em 1962 como chefe de seção da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Teles, 2022).

Ao longo de sua trajetória, Drummond estabeleceu uma íntima conexão entre jornalismo e literatura, conciliando sua carreira de escritor com o serviço público. De acordo com Travancas (2008), entre 1920 e 1984, Drummond publicou mais de 6.000 artigos na imprensa, a maioria dos quais está registrada no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Embora seja mundialmente reconhecido como poeta, Drummond se autodenominava jornalista, afirmando que sua vida sempre esteve entrelaçada com os jornais. Drummond desempenhou o

papel de editor-chefe no Diário de Minas, onde, juntamente com outros colaboradores, liderou o movimento modernista em Belo Horizonte, experiência que ele descreveu como bastante divertida.

Em 17 de agosto de 1987, o poeta Carlos Drummond de Andrade faleceu aos 85 anos, 12 dias após a morte de sua filha, Maria Julieta. Drummond deixou obras inéditas e uma vasta fortuna crítica que o tornaram um dos maiores escritores brasileiros da atualidade e possivelmente um dos clássicos da literatura ocidental.

Figura 4 - Estátua de Carlos Drummond de Andrade no Rio de Janeiro.



Fonte: Revista Galileu, 2019.

Conforme Bloom (1994), que incluiu Drummond como o único escritor brasileiro em sua lista de 824 autores capazes de criar obras de valor duradouro, uma característica distintiva que pode conferir status de cânone a uma obra literária é a presença de uma estranheza que nunca assimilamos completamente ou um elemento que nos impede de compreender totalmente suas idiossincrasias. Nesse contexto, o reconhecimento literário de Drummond não é mero acaso. Sua poesia é profunda, instigante e original, continuando a causar perplexidade e a intrigar estudiosos, literatos, pesquisadores e amantes da poesia mesmo 36 anos após seu falecimento. A expressão lírica de Carlos Drummond de Andrade, originária de Itabira, transcendeu fronteiras, sendo traduzida para diversos idiomas. Apesar de ter

produzido inúmeras crônicas e contos, foi na linguagem poética que atingiu seu apogeu lírico.

1.2 Posição de Carlos Drummond de Andrade na Literatura Brasileira

Na visão de Cerqueira (2011), o movimento modernista que se desenrolava no Brasil era considerado inovador e revolucionário para a época. Para superar as barreiras do passado e da academia, era necessário um espírito revolucionário capaz de romper com os padrões herdados, dando origem a uma literatura moderna fundamentada nessa quebra de paradigma. Vale ressaltar que o caráter destrutivo da vanguarda brasileira estava vinculado principalmente à sua fase inicial, marcada por provocação, seguida por uma fase mais estável e produtiva sob novos padrões estéticos, visando estabelecer uma nova forma de expressão literária.

No contexto brasileiro, o modernismo apresentou uma condição singular, bastante distinta da vanguarda europeia. Isso se deu pelo fato de os artistas modernistas viverem predominantemente à margem da sociedade burguesa, mesmo que, em parte, se opusessem aos valores dessa sociedade. No estado de São Paulo, especificamente, a vanguarda contou com o financiamento da burguesia agrária, uma classe aristocrática que promovia renomados salões de arte e realizava viagens pela Europa. Essa burguesia, interessada não apenas na modernização estética, mas principalmente em preservar seus privilégios, desempenhou um papel significativo.

Some-se a isto, enquanto os modernistas buscavam nessas raízes a verdadeira expressão da brasilidade na arte, a burguesia agrária almejava consolidar e impor uma nova estrutura econômica ao país. Esse esforço contribuiu para o surgimento de uma nova classe burguesa, agora urbana e industrial. Essa particularidade na eclosão do modernismo brasileiro, sem dúvida, exerceu influência significativa sobre esse movimento.

O lema desse movimento modernista foi formulado por Oswald de Andrade em sua crônica publicada no Diário do Comércio em 16 de maio de 1920. Nesse texto, ele afirmava que uma nação se constitui por meio de sua cultura. Esse lema não apenas antecipou os eventos da Semana de Arte Moderna, mas também anunciou as diferentes fases da literatura brasileira. Nesse contexto, os artistas continuaram a consolidar novas formas literárias e a renovar ideias modernistas,

participando de um processo de significativa convulsão cultural. Esse período culminou nos acontecimentos mais marcantes do modernismo brasileiro durante o centenário da independência.

Esse movimento literário se desdobrou em três fases distintas. A primeira fase, que abrangeu o período de 1922 a 1930, foi marcada por esforços para consolidar o movimento reformista e disseminar as obras e ideias modernistas. Os primeiros modernistas satirizavam o ainda prevalente parnasianismo e a prática da poesia formal, acreditando que estavam inaugurando uma nova forma de arte com um espírito inovador.

Martins (2020, p.20) diz que esse primeiro momento...

Foi desencadeado a partir da assimilação de tendências culturais e artísticas lançadas no continente europeu no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial. Essas tendências denominavam-se de vanguardas europeias, cujas principais delas foram o Cubismo, o Futurismo, o Dadaísmo, o Expressionismo e o Surrealismo. Essas novas linguagens modernas trazidas pelos movimentos artísticos e literários europeus foram aos poucos assimiladas pelo contexto artístico brasileiro, mas colocando em enfoque elementos da cultura do país, pois havia uma valorização do que era nacional (Martins, 2020, p.20).

Na segunda fase do modernismo, que abrangeu o período de 1930 a 1945, a poesia brasileira não mais dependia da ruptura com a Academia, como foi tema central da segunda geração. Isso marcou o início da formação de uma nova ideologia. Impulsionado por uma reformulação radical da linguagem e da estética, o poeta continuou a defender uma quebra com princípios e técnicas estabelecidos.

Essa nova orientação estética caracterizou-se por um questionamento mais ativo da realidade, acompanhado pela reflexão do poeta sobre sua literatura e sua interpretação do mundo. Como resultado, emergiu uma poesia mais madura e politicamente engajada, direcionada para as profundas transformações sociais enfrentadas pelo país. Nesse período, os temas foram expandidos em relação à fase anterior, e a poesia voltou-se para a evocação e a intimidade. O verso livre, nesse contexto, destacou-se como um recurso eficaz e prático para expressar as sensibilidades dessa nova era.

Conforme apontado por Conselho (2010), é claro que a segunda fase do modernismo confrontou todos os desafios da fase anterior. Agora, não se tratava mais de autoafirmação; as preocupações haviam mudado. Com um enfoque no contexto sociopolítico, houve reflexões sobre o significado de existir no mundo e em

sua época. O amadurecimento trouxe, de maneira acentuada, a renovação da linguagem, elevando aquela poesia para um domínio mais humanista e afetivo, dadas as circunstâncias da época.

A segunda geração do modernismo, também chamada de segunda fase, constituiu a segunda etapa do movimento modernista brasileiro, estendendo-se de 1930 a 1945. Este período, comumente denominados “anos 30”, foi caracterizado pela consolidação dos princípios modernistas que foram introduzidos na Semana de Arte Moderna de 1922. Vale destacar que esse acontecimento assinalou o início de um rompimento entre o modernismo e a arte tradicional.

A segunda fase do modernismo brasileiro emergiu em um contexto desafiador. Após a crise de Nova York e a Grande Depressão econômica de 1929, muitos países enfrentaram dificuldades econômicas, sociais e políticas. Isso resultou no surgimento de diversos governos totalitários e autoritários na Europa, culminando no início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Além do aumento do desemprego, do fechamento de fábricas, da fome e da miséria, no Brasil, a Revolução de 1930 representou um golpe de Estado. O presidente Washington Luís foi deposto, impedindo a posse do presidente eleito Júlio Prestes.

Entretanto, a esquerda brasileira não recebeu com contentamento essa conjuntura. Assim, para enfrentar a oposição, o presidente Vargas conseguiu a aprovação da Lei de Segurança Nacional em 1935 e iniciou a perseguição a comunistas e artistas. Nesse cenário, surgiram figuras significativas na história do comunismo no Brasil, como Luis Carlos Prestes (1898-1990) e a alemã Olga Benário (1908-1942). No entanto, Getúlio Vargas consolidou ainda mais seu poder e, em 1937, deu um golpe, estabelecendo a ditadura fascista do Estado Novo (Bellintani, 2017).

Na Europa, o nacionalismo exacerbado alimentou o surgimento do fascismo e do nazismo, culminando na eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e no lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945. Nesse contexto de extremismo, tortura, assassinato e perseguição, a segunda geração de modernistas brasileiros desenvolveu suas obras.

Diante desse cenário político e econômico, a estética modernista delineou de maneira clara a condição humana em um mundo conflituoso. As propostas de rompimento com os moldes estabelecidos desde a República Velha continuaram em evidência, uma vez que a nova era exigia uma atenção estética mais refinada. Essa

é a distinção marcante da segunda fase do modernismo brasileiro: a busca por uma compreensão mais abrangente do sofrimento humano não estava entre as preocupações dos primeiros modernistas.

Além disso, com a ascensão do fascismo italiano e do nazismo alemão, o mundo se tornou mais perigoso, exigindo uma nova perspectiva artística. No contexto brasileiro, a ditadura imposta por Getúlio Vargas restringiu a liberdade de muitos intelectuais de esquerda. Portanto, em um novo cenário, a rebeldia dos primeiros anos já não encontra espaço. Nesse momento, o artista moderno é convocado a enfrentar a complexidade dos eventos históricos.

Conforme apontado por Villaça (2014), na segunda fase do modernismo brasileiro, Drummond aborda temas de liberdade formal e questões sociopolíticas em sua poesia. Entretanto, seus textos são profundamente marcados por temas cotidianos que possuem uma universalidade cultural.

A terceira fase do modernismo representa um marco histórico na literatura brasileira. Sua característica principal é um retorno à estética e ao conteúdo clássicos, assemelhando-se ao parnasianismo, mas incorporando a liberdade artística do movimento modernista. Esse período foi marcado pela queda de Getúlio Vargas e pelo término da Segunda Guerra Mundial. No entanto, é também a época da Guerra Fria (entre Estados Unidos e a extinta União Soviética) e do governo de Juscelino Kubitschek no Brasil (Júnior, 2019).

Na poesia, representada por figuras como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes e Jorge de Lima, observa-se uma ênfase na construção formal. Drummond foi descrito pelo crítico Otto Maria Carpeaux como o primeiro grande "poeta público brasileiro". Embora tenha escrito contos, crônicas, livros infantis e reportagens, Drummond é notável por sua significativa contribuição à poesia (Villaça, 2014, p.78).

Conforme observado por Marques (2011), Carlos Drummond de Andrade transitou por todas as fases do modernismo; seus primeiros poemas refletiam ironia, humor e individualismo. Segundo o autor, a poesia de Drummond não se enquadra facilmente em categorias distintas, o que o faz atravessar as três gerações sem uma identificação precisa com nenhuma delas.

Conforme Teles (2022), a obra poética de Drummond pode ser dividida em quatro fases. Ele concebe a primeira fase como um período formativo, visto que entende que o poeta experimenta uma conjuntura de forma e ação, onde a ação

representa o ser, um momento crucial em que a personalidade do poeta se desenvolve. Teles também destaca que a formação literária de Drummond coincidiu com sua maturidade intelectual, ocorrendo a partir da década de 1920, durante o período do próprio movimento modernista.

Por outro lado, essa característica "desajeitada" permeia toda a obra do poeta, indicando desde o início a consciência que Drummond possui acerca de sua própria personalidade. Conforme apontado por Santana (1980), o poeta revela seu constante esforço em buscar uma dualidade na personalidade, ao mesmo tempo real e idealizada, transformando os elementos simples de sua vida em uma estética formalizada. As obras desta primeira fase incluem "Alguma Poesia" (1930) e "Brejo das Almas" (1934). Nesse período, Drummond apresenta uma visão de vida na qual se preocupa profundamente com as diferenças e o luxo. É importante notar que Drummond se torna um marginal, mas à sua maneira, deslocando-se no cenário da literatura tradicional devido à simplicidade e ao sentimentalismo presentes em sua poesia. Na primeira fase, ele consegue expressar o momento histórico do Brasil, marcado pela transição do mundo rural para a urbanização.

Na segunda fase (1934-1945), o poeta aborda temas como sociedade, sentimentos globais, guerra, ditadura, condenação e metalinguagem, integrando os elementos do seu tempo. Conforme indicado por Teles (2022), neste período, Drummond começa a conferir uma configuração estética mais refinada à sua linguagem. Nessa fase, o sentido do mundo se manifesta como uma explosão em sua poesia, e o poeta não apenas reflete sobre o mundo, mas também o impacta com suas palavras. As obras que compõem essa segunda etapa de sua produção incluem "Sentimento de Mundo" (1940), "Poesias" (1942) - nesta última obra, o poeta revisita seus livros anteriores de poesia, a saber: "Alguma Poesia", "Brejo das Almas", "Sentimento do Mundo" e "José" - e "A Rosa do Povo" (1945).

Em meio a esse contexto histórico, Drummond retrata o mundo ao seu redor, como observado por Teles (1976), destacando a postura ideológica do poeta, onde tanto as obras quanto os títulos são significativos, revelando à primeira vista as principais preocupações de seu sujeito e o engajamento em medidas internacionais de solidariedade na construção de um mundo novo. No terceiro período (1945-1962), Drummond explora a negatividade por meio de seu pessimismo poético, abordando temas filosóficos e metafísicos centrados no signo da negação, manifestando uma consciência profunda caracterizada pela dúvida, atitudes

questionadoras e reflexivas. Teles (2002), no entanto, destaca que esse foi um período de transformações na poética de Drummond, pois acreditava que o poeta aderiu e contribuiu para a corrente modernista, ainda que essas características fossem enriquecidas pela riqueza da personalidade do poeta.

Nesse contexto, Teles (2022) argumenta que toda a poesia de Drummond desde então tem sido uma exploração da natureza da linguagem. Durante essa fase, Drummond concentrou-se em integrar o pensamento à linguagem poética, buscando compreender o significado das coisas. O poeta, nesse período, brinca com a experiência poética, reflete sobre a fronteira entre o real e o irreal, adota temáticas de negação e explora o conceito do nada. Conforme observa San'tanna (1980), Drummond almejava a clara e ordenada luz da consciência da memória, conferindo ao mundo uma maior organicidade, mesmo que oscilando entre aparência e essência. O objetivo do poeta era encontrar uma definição para as coisas do mundo.

As obras distintivas dessa terceira fase incluem "Poesia até Agora" (1948), na qual Drummond reúne todas as suas obras poéticas anteriores (Alguma poesia, Brejo das almas, Sentimento do mundo, José, *A Rosa do Povo* e Novos poemas), "A mesa" (1951), "Claro Enigma" (1951), "Viola de bolso" (1952), "Fazendeiro do Ar" (1954), "A vida passada a limpo" (1959) e "Lição de Coisas" (1962). Ao longo desse percurso, Drummond elabora uma imagem dual da realidade humana, que, de acordo com Correia (2002), reflete a dualidade fundamental: o homem, enquanto imaginação e espírito, é livre e infinito, mas, enquanto ação, é limitado. Com base nessas premissas, o poeta desenvolve um jogo entre a realidade finita da existência humana e o ideal infinito.

Na última fase de sua produção poética (1962-1987), Drummond experimentou um momento de memória e nostalgia, dirigindo seu olhar para suas raízes familiares e Itabira. Sua poesia passou a inclinar-se para a liberdade poética, adotando uma atitude lúdica e uma expressão mais suave. Durante esse período, sua poesia assumiu tons irônicos e experimentais. De acordo com Teles (2002), essa fase representa uma confirmação, revelando a forma radical de pensar a poesia no sentido de afirmação. Dessa forma, Drummond concentrou-se em si mesmo e em suas origens (família e Minas) por meio de uma linguagem rigorosa e clara, abordando reflexões filosóficas sobre eventos cotidianos, amizades, amor e morte.

As obras que consagram este período são: *Versiprosa* (1967), *Boitempo & a falta que ama* (1968), *Menino antigo* (1973), *As impurezas do branco* (1973), *Discurso de primavera e Algumas sombras* (1977), *Esquecer para lembrar* (1979), *A paixão medida* (1980), *Corpo* (1984), *Amar se aprende amando* (1985) e *Amor, sinal estranho* (1985). Os últimos livros de Drummond apresentam um certo erotismo e ecletismo, pois o poeta escreveu até ao fim da sua vida. O seu último poema foi escrito no dia 31 de janeiro de 1987 e intitula-se “elegia a um tucano morto” (Conselho, 2010, p.61).

Segundo Conselho (2010), o poema "Elegia a um tucano morto" faz parte do último livro organizado por Drummond, chamado "Farewell", publicado em 1996, e que recebeu o Prêmio Jabuti no mesmo ano. "Farewell" apresenta poemas que celebram o amor, o corpo e a terra, abordando temas como sofrimento, velhice, tempo e morte em poemas como "Unidade", "Acordar, viver", "O Malvindo", "O segundo, que me vigia", "A carne envilecida", "Missão do Corpo", "Noite de Outubro", "Enumeração", "Desligamento" e "Liberdade". Essa obra final do autor é vista como uma síntese de todo o seu percurso poético. Além disso, obras inéditas publicadas pela Record, como "Poesia errante" (1988), que se assemelha a "Viola de bolso" pela Circunstancialidade de seus poemas, "O amor natural" (1992), considerada uma coleção de poemas eróticos, e "Arte em exposição" (1990), que aborda versos sobre obras de arte, também foram mencionadas (Conselho, 2010).

De acordo com Candido e Castello (2006), a obra grandiosa de Carlos Drummond de Andrade instiga uma profunda reflexão filosófica e social, ultrapassando os limites do modernismo. Reconhecido pela crítica como o maior poeta brasileiro de todos os tempos, Drummond é descrito como um artista completo, destacando-se não apenas como um notável poeta, mas também como um habilidoso escritor de prosa, cronista, contador de histórias e ensaísta. Sua linguagem é elogiada pela elegância, pelo vocabulário rico e pela presença de humor.

Segundo Ferreira (2011), Drummond apresenta um lirismo único e explícito em sua poesia, extraído de reflexões diante de um mundo em constante transformação. O poeta rejeita respostas prontas, mergulhando em uma profunda reflexão existencial. A característica mais marcante de seus textos é a utilização de versos livres, nos quais desenvolve harmonia rítmica em sintonia com a semântica de cada poema.

Drummond concentra sua atenção em temas sociais e pessoais, revelando uma constante oscilação entre essas duas polaridades em sua poesia. Ao tentar se distanciar de si mesmo para observar os outros e a sociedade, emerge também uma análise interna, na qual o poeta questiona a si mesmo e seu papel como sujeito no mundo.

Os poetas exploram a fundo temas do cotidiano, como amor, guerra, amizade e a própria realidade, frequentemente permeando essas explorações com interrogações e reflexões que, por vezes, conduzem a situações complexas e sem solução aparente. Elementos como negação, existencialismo e a abordagem do mundo moderno também são temas recorrentes. Além disso, essas obras abrigam toques de humor e ironia, características mais proeminentes nos primeiros livros do autor, onde eram empregados como um meio de defesa diante da desintegração da realidade vivida. Autodepreciação, sátira romântica e paródia são recursos frequentemente utilizados por Drummond, variando entre uma abordagem mais leve e alegre e momentos de humor mais ácido, sério e cáustico (Ferreira, 2011).

A obra poética diversificada de Drummond desempenhou um papel crucial no aprimoramento e na consolidação da poesia modernista. Destacam-se suas principais características, como a fusão do verso livre com formas tradicionais de expressão poética, a conexão entre temas sociais do dia a dia e históricos, a reavaliação da poesia simbolista, a exploração de poesia curta e de poemas longos em busca do entendimento de "minha pessoa e minha presença no mundo". Em níveis meta literários e criativos, há uma investigação sobre o papel do artista e uma reflexão sobre a própria metalinguagem da poesia. Na esfera mais íntima e espiritual, a fragilidade do ego se torna palpável. Seus temas recorrentes incluem o indivíduo, a cidade natal, a família, os amigos, a sociedade, a visão do ser, o amor e a própria poesia (Ferreira, 2011).

O artesanato da linguagem e a metapoesia são características distintivas do trabalho poético de Drummond. Ele empenha-se vigorosamente na manipulação da linguagem, desmontando e recompondo palavras, reinventando a sintaxe por meio de jogos de linguagem e explorando e lançando novas possibilidades poéticas. Além disso, sua poesia frequentemente aborda o processo de escrita poética, narrando a própria experiência de escrever ou refletindo sobre a função intrínseca da poesia (Ferreira, 2011).

Segundo Candido e Castello (2006), a estética bela de sua poesia vai além da diversidade de temas e motivos, concentrando-se na captura da vida cotidiana e em como essa experiência transforma sua percepção do mundo. Essa poética, inicialmente concisa, amadureceu ao longo do tempo, evoluindo da rebeldia inicial para a nostalgia dos últimos anos. Dessa forma, é possível afirmar que ele desenvolveu uma linguagem poética distintiva, praticamente inimitável, que é seca, precisa, direta e que não dissimula objetos ou situações. Além de trabalhar com formas livres, ele enriquece também as formas tradicionais.

Carlos Drummond de Andrade desempenhou um papel fundamental ao traduzir o Modernismo para a sociedade de maneira madura e abrangente. O seu ponto de vista não se deixava simplesmente levar pelas demandas imediatas, mas, ao contrário, transcendia a experiência poética, lançando indagações sobre a existência no mundo. No início, por volta dos anos 1920, sua obra se caracterizava por uma linguagem mais concisa, onde o humor se manifestava de maneira marcante. No entanto, à medida que o fascismo e o nazismo ganhavam destaque, juntamente com as consequências avassaladoras da Segunda Guerra Mundial, os escritos de Drummond assumiram uma temática mais política e de protesto. Nesse contexto, o poeta adaptou sua expressão artística para refletir e confrontar os desafios sociopolíticos da época.

Os poemas de Carlos Drummond de Andrade apresentam uma notável diversidade, explorando uma ampla gama de temas e perspectivas. Eles refletem tanto um lado sarcástico da existência quanto um posicionamento humanista e compassivo diante dos problemas sociais e das dificuldades enfrentadas pelos menos privilegiados. O poeta consegue, de maneira hábil, sintetizar a rotina cotidiana das pessoas de todas as classes econômicas, abordando suas complexidades e adversidades.

Essa capacidade de Drummond em capturar a essência da vida, combinando sarcasmo e compaixão, o consagra como um escritor de vasto repertório intelectual e um dos maiores autores de sua época. Conforme apontado por Bosi (1994), Drummond é descrito como alguém que, embora possa parecer sem graça e sarcástico, é antirretórica. A maturidade de sua retórica, fundamentada na recusa e no debate, o posiciona como uma figura complexa que se esquia do centro das crises de sentido e valor da época, conectando-se tanto com os afluentes da antiga elite burguesa quanto com as massas.

Carlos Drummond de Andrade alcançou reconhecimento mundial por sua genialidade poética, tornando-se uma "figura pública" e um "poeta" de alcance universal à medida que suas obras foram traduzidas para diversos idiomas. A extensa pesquisa sobre sua obra revela que sua poesia não apenas reafirma as conquistas da proposta original, mas também aprofunda temas já existentes. Desde seus primeiros textos, as obras de Drummond estabelecem um tom de modernidade.

A sátira, presente em muitos de seus escritos, serve como suporte para uma crítica incisiva ao sistema de opressão do homem moderno. Por essa razão, suas letras frequentemente retratam figuras melancólicas e pessimistas, reflexo de um mundo doente, e sua poesia busca uma forma de escapar desse contexto. Após enfrentar inúmeros desafios, as palavras de Drummond carregam consigo as memórias da infância, da família e de Itabira.

Ao longo dessa jornada poética, o poeta se humaniza por meio da poesia, narrando os grandes conflitos de sua época. Suas palavras tornam-se testemunhas dos ventos que sopram em sua vida, revelando uma profunda conexão com as experiências vividas e a expressão dos desafios enfrentados pela humanidade em seu tempo.

1.3 Contexto da vida e obra de Paulo Freire

Dada a importância da obra de Paulo Freire em nosso trabalho, decidiu-se dedicar uma seção breve para o processo de construção de sua obra. Esta seção servirá como base para desenvolvermos nossa perspectiva em relação *A Rosa do Povo*, de Drummond. É pertinente lembrar como Paulo Freire deixou uma marca significativa na vida de muitas pessoas, ao mesmo tempo em que foi influenciado por elas. Apesar da amplitude de sua obra e do reconhecimento internacional, Freire manteve uma postura modesta, persistindo em ser visto como uma "pessoa", sempre em busca do diálogo com os outros e resistindo à transformação em um mito (PEREIRA, 2014).

Segundo Muhl (2021, p.1197), Freire:

É considerado um dos principais educadores de toda a história da educação mundial e o educador brasileiro de maior reconhecimento internacional do século XX. Sua obra, conhecida em mais de cem países e traduzida para

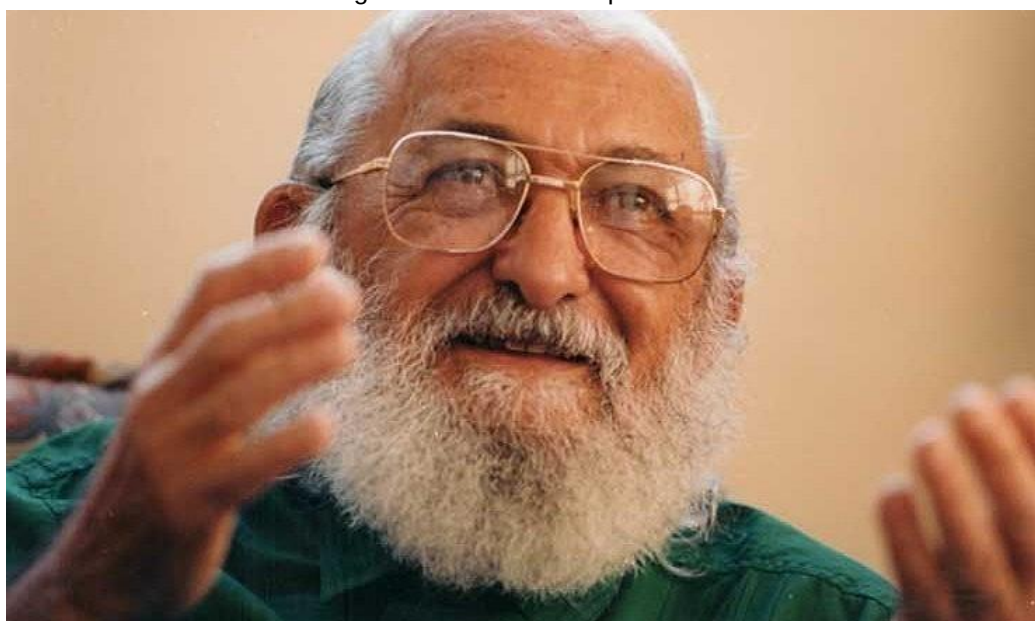
mais de vinte línguas, foi construída com muito esforço em contextos com inúmeras adversidades provenientes da pobreza, da exploração, da violência, do exílio, de culturas e populações devastadas por guerras e por diferentes formas de opressão, de colonialismo, de racismo e de todas as formas de exploração capitalista (Muhl, 2021, p.1197).

Não compôs sua teoria:

[...] para descrever e/ou prescrever o como fazer. Sua preocupação era ir à substantividade das coisas e dos fenômenos, perguntar, indagar, duvidar das certezas epistemológicas, histórica e ideologicamente consagradas, prontas e “imutáveis”. Incentiva questionar sempre: Por quê? Contra quê? A favor de quê e de quem?(Freire et al, 2001, p.28).

Até onde o pensamento de Paulo Freire alcançou ou pode alcançar é difícil determinar; no entanto, podemos compartilhar como sua vida se converteu em uma obra em constante movimento, um esforço incessante para interrogar e recriar o mundo, uma busca contínua por uma recriação em tempo real. De certo modo, ao buscar analisar os poemas de Drummond a partir de Freire, este trabalho não deixa de desdobrar essa interrogação, prolongando seu movimento, em direção à literatura e aos estudos literários.

Figura 5 - O intelectual pernambucano Paulo Freire.



Fonte: Brasil de Fato, 2021.

Paulo Freire veio ao mundo em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife. Ele nasceu em uma família de classe média, sendo filho de um policial e de uma dona de casa. Além de Paulo, o casal teve dois filhos e uma filha. O início da

educação de Freire se deu como bolsista em uma escola pública oficial, mas posteriormente ele também recebeu uma bolsa para frequentar o Colégio Oswaldo Cruz. Essa instituição, na época, era notoriamente progressista, caracterizada por turmas mistas de meninos e meninas (uma prática pouco comum na época em que a maioria das escolas separava os gêneros), pela recusa em uniformizar os alunos e pela aceitação de estudantes de diversas religiões, incluindo católicos, protestantes, judeus, muçulmanos e idealistas (Muhl, 2021).

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós [...] A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (FREIRE, P., 1983, p.12-13).

Na infância, durante a crise de 1929, a família de Paulo Freire foi forçada a deixar Recife e se mudar para a cidade vizinha de Jaboatão. Nesse novo ambiente, ele perdeu o pai e enfrentou situações de privação alimentar. Aos 10 anos, em Jaboatão, começou a perceber as muitas injustiças no mundo e já se questionava sobre o que poderia fazer para auxiliar as pessoas (Freire, 1980). Foi nesse momento que decidiu estar ao lado daqueles que estavam marginalizados e em situação precária ao redor do mundo (Freire, 1987).

Conforme Ana Freire (2018) relata, Paulo Freire não apenas frequentou o Colégio Oswaldo Cruz, mas também desempenhou funções na instituição, inicialmente como assistente de ensino. Posteriormente, ele se formou em direito e tornou-se professor de português na mesma instituição. Após concluir seus estudos em direito, Freire percebeu que essa não era sua verdadeira vocação, uma constatação que ocorreu quando perdeu seu primeiro caso legal. Foi nesse momento que ele testemunhou um dentista perder a causa simplesmente porque não conseguia quitar o empréstimo necessário para iniciar sua prática odontológica.



Figura 6 - Paulo e Elza Freire foram casados por 42 anos.
Fonte: Brasil de Fato, 2021.

Paulo Freire casou-se com Elza Maia Costa de Oliveira, sua primeira esposa e professora, em 1944, permanecendo casados até o falecimento de Elza em 1986. Em 1947, Freire assumiu a posição de chefe da Secretaria de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), uma entidade voltada para o atendimento de indústrias sociais. Nesse cargo, ele deu início ao seu trabalho inovador de alfabetização de jovens e adultos. A trajetória de Freire no SESI se estendeu até 1959, quando foi aprovado em um processo seletivo para liderar o Departamento de História e Filosofia da Educação na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Recife. Para alcançar essa posição, Freire submeteu ao comitê um trabalho que ficaria conhecido como seu primeiro livro educacional publicado, intitulado "Educação e Atualidade Brasileira" (Freire, 2018).

Em 1961, o renomado filósofo brasileiro assumiu a liderança do Departamento de Promoção Cultural da Universidade do Recife. Nessa posição, ele concebeu um programa de alfabetização de adultos como parte de uma iniciativa de

extensão, visando atender jovens e adultos de baixa renda nas áreas periféricas do Recife e, posteriormente, nas regiões do interior de Pernambuco. A rica experiência adquirida por Freire, aliada aos esforços de divulgação promovidos pela universidade, resultaram em um momento significativo na cidade de Angicos, localizada a 171 quilômetros de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Foi em Angicos que Freire alcançou um feito notável ao ensinar, pela primeira vez, um grupo de adultos a ler e escrever em aproximadamente 40 horas (Freire, 2018).

Para Leite e Duarte (2007) explicam, o método de Paulo Freire é uma perspectiva acessível que requer apenas uma pessoa alfabetizada e um espaço onde professores e alunos possam se reunir. Até aquele momento, as estratégias de alfabetização eram mais direcionadas a crianças, concentrando-se em aspectos como a compreensão de letras e fonemas. A inovação de Paulo Freire residia na concepção de seus alunos como indivíduos detentores de conhecimento próprio e de uma extensa bagagem de experiências.

Muitos deles possuíam mais vivências do que os próprios professores, e isso se revelava valioso. Freire enfatizava a importância de os educadores reconhecerem e valorizarem a riqueza cultural dos alunos, saindo da ótica que negligencia a realidade daqueles que estão sendo educados.

Nas práticas de produção escrita de texto, segundo Paulo Freire, as atividades são sempre precedidas por momentos de intensa troca e de diálogos entre educandos e educador. Desta forma, na nossa adaptação, as crianças vivenciam situações de interação verbal, constituem-se sujeitos na relação, apropriando-se e recriando a fala do outro (Leite; Duarte, 2007, p.42).

Paulo Freire adota a prática de utilizar palavras que tenham relevância na vida cotidiana das pessoas, conforme argumentado por Leite e Duarte (2007). Ele busca captar o léxico e as expressões comuns dessas pessoas, incorporando termos como trabalho, labuta, enxada, terra, seca e comida. Essa perspectiva permite que Freire integre a alfabetização à consciência de classe, unindo a aprendizagem da leitura à compreensão de questões fundamentais de educação cívica e política.

De acordo com Leite e Duarte (2007), a perspectiva de Freire começou a gerar desconfiança e até mesmo hostilidade na cidade de Angicos. Quando a alfabetização foi incorporada ao Plano Nacional de Alfabetização, iniciativa do governo do presidente João Goulart, com Paulo Freire atuando como assessor do

plano, agricultores e empresários do Rio Grande do Norte manifestaram oposição a Freire. Embora o acusassem de promover ideias comunistas (já que Freire era abertamente comunista), o verdadeiro motivo por trás da resistência era diferente.

De acordo com Gadotti (2014), inspirados pelas experiências vivenciadas nas rodas de cultura promovidas pelo projeto de Paulo Freire, trabalhadores de uma obra em Angicos decidiram interromper suas atividades até que seus direitos, conforme estabelecidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), fossem garantidos. Esses direitos incluíam o pagamento do salário mínimo, o respeito aos limites de horas de trabalho semanais e diários, a compensação por horas extraordinárias e a concessão de pausas remuneradas durante a semana. A repercussão dessa greve espontânea foi suficiente para gerar desconfiança e até mesmo aversão por parte de indivíduos poderosos em relação ao trabalho de Paulo Freire.

Segundo Haddad (2019), em 1964, a campanha de alfabetização liderada por Paulo Freire no Brasil chegou ao fim. Em abril do mesmo ano, o recém-empossado presidente general Humberto de Alencar Branco, através de um golpe militar, cancelou o programa nacional de alfabetização. Paulo Freire e outros líderes associados ao projeto em Angicos foram detidos, e Freire passou 70 dias na prisão antes de ser exilado após sua libertação. Durante o exílio, o renomado educador foi reconhecido por seu notável currículo. Ele estabeleceu residência no Chile, onde coordenou e orientou programas de alfabetização de adultos. Entre 1969 e 1970, atuou como professor visitante na Universidade de Harvard. Além disso, em 1970, tornou-se consultor e coordenador honorário do Conselho Mundial de Igrejas.

O Conselho Mundial das Igrejas (CMI), liderado por Paulo Freire, implementou uma série de programas de alfabetização de adultos em mais de 30 países ao redor do mundo. Suas experiências mais marcantes ocorreram na Guiné-Bissau e em Moçambique, e muitas delas foram documentadas em livros, artigos e cartas escritas por Freire. Em 1980, Freire retornou ao Brasil. Sua influência, especialmente por meio de obras como "Pedagogia do Oprimido", havia se difundido internacionalmente na década de 1980, conferindo-lhe o título de doutor em educação em virtude de seu conhecimento notório. Ele passou a lecionar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na Universidade de Campinas (UNICAMP).

Atualmente, muitas pessoas atribuem o suposto fracasso da educação no Brasil à aplicação do método Freiriano nas escolas. No entanto, é importante esclarecer que as instituições de ensino não adotaram o método original de Paulo Freire, no qual ele saía para ensinar jovens e adultos a ler e escrever em um curto período de 40 horas. Na época em que esse método foi implementado, dois fatores eram relevantes: sua viabilidade econômica, com um custo aproximado de US\$ 36 por aluno, e o financiamento da equipe por parte do setor privado e da universidade. Nesse contexto, a maioria da população brasileira enfrentava o analfabetismo, o que representava um obstáculo para o desenvolvimento industrial do país, e a alfabetização era uma condição essencial para o envolvimento cívico e político da época (Muhl, 2020).

Além do método, o termo "reflexão" de Paulo Freire preconiza uma reflexão crítica e profunda sobre os alicerces da educação no Brasil (e globalmente). Ele destaca que nos países que foram colonizados e explorados, percebe-se uma resistência mais pronunciada à mudança nas estruturas dominantes e no exercício do poder. Segundo Freire (1997), a educação prévia a seu enfoque era predominantemente bancária, simplesmente depositando no aluno um conjunto de informações desprovidas de significado pessoal. Essa abordagem é vista como uma maneira de subtrair a experiência intelectual prévia dos alunos, mantendo uma educação que perpetua a lógica de dominação inerente aos sistemas capitalistas. Dessa forma, ela não é uma perspectiva educacional libertadora, mas sim uma interpretação educacional que reforça a lógica dominante.

Nesse contexto, no artigo "A Importância do Ato de Ler", Paulo Freire argumenta que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e, portanto, a leitura subsequente das palavras não pode ser negligenciada. A primeira é vista como uma extensão da segunda. Isso implica que simplesmente decifrar palavras não é suficiente se a habilidade de compreender o mundo não for desenvolvida concomitantemente. O processo de educar um cidadão emancipado vai além do ensino básico de leitura e escrita. Significa instruí-lo não apenas nas habilidades de leitura e escrita, mas também no diálogo, no respeito ao espaço de expressão do outro, na escuta ativa, na articulação de posições, mesmo que de forma incisiva quando necessário. É um processo que visa desenvolver a empatia, capacitar o indivíduo a defender seus direitos e proporcionar uma consciência de classe e uma

compreensão das dinâmicas de poder, a fim de evitar a perpetuação dessas estruturas.

Ora, nesse ponto, não seria possível encontrar uma afinidade fundamental entre as propostas de Freire e a literatura, sobretudo a poesia? Afinal, seria possível dizer que, na experiência poética, a palavra é lida, percebida, sentida como parte do mundo, como linguagem que não só fala sobre a vida, mas que é parte dela (cf. Bosi, 2000). Assim, veremos de que modo um livro como *A Rosa do Povo* socialmente intervém ao cultivar uma leitura particular da palavra e do mundo, num ano chave da história tanto brasileira quanto mundial, constituindo-se como uma experiência ainda viva, cujos dilemas poéticos e sociais ainda reverberam e enriquecem a formação do leitor contemporâneo.

A alegação de doutrinação do marxismo nas salas de aula é uma acusação sem fundamento feita pelos conservadores, representando um ataque superficial às práticas educacionais destinadas a promover a conscientização sobre a estrutura atual de poder. Fazer uma pausa para analisar a força das reflexões e ensinamentos deixados por Freire para a nossa época seria, sem dúvida, um passo valioso para ajudar a sociedade a superar os desafios educacionais, institucionais, políticos e cívicos que enfrenta.

Nessas perspectivas Muhl (2020, p.1198), afirma que, em alguns meios

Paulo Freire é responsabilizado pelas limitações que a educação brasileira apresenta. No entanto, tratam-se de reações decorrentes de preconceitos e distorções teóricas, sustentadas em visões elitistas sobre educação e teorias educacionais e que expressam uma visão obscurantista daqueles que pretendem desqualificar toda a manifestação que se apresenta como problematizadora das concepções autoritárias que possuem. Atacam sua obra e questionam seus títulos e o reconhecimento que teve em muitos países e instituições, alimentando o ódio e o desprezo à sua luta por liberdade, democracia e justiça social. Podemos imaginar, diante desse quadro, que, se vivo fosse, ele estaria sofrendo intensamente diante da sofisticação dos modernos meios de opressão e com a crescente maldade presente na crítica dos opressores. Entretanto, não ficaria calado e se ocuparia de mobilizar os oprimidos na luta contra os opressores, buscando pela educação o fortalecimento da resistência e da luta pela emancipação. O que menos o ocuparia seria, certamente, a defesa dos seus títulos e de suas comendas (Muhl, 2020, p.1198).

De acordo com Porfírio (2020), a obra de Paulo Freire abrange quase 40 livros, englobando publicações biográficas, títulos póstumos, correspondências, entrevistas, ensaios e artigos. Entre essas obras, aquelas que se destacam como fundamentais para compreender a evolução do pensamento desse filósofo educador

são aquelas que descrevem o início de seu exílio, quando Freire estava no Chile, notavelmente "Pedagogia do Oprimido".

Neste trabalho, ele reexamina a dinâmica entre educadores e alunos, enfatizando o diálogo como elemento primordial no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Freire (2014), o diálogo é uma necessidade existencial, e com base nesse princípio, ele reconheceu que a educação centrada no diálogo é crucial para levar a educação emancipatória às massas, evitando a exclusão destas do processo educativo.

Em uma reflexão, Freire (2014) levanta a indagação: como é possível engajar no diálogo quando se inicia com a visão de que a interpretação do mundo é uma tarefa destinada apenas a alguns, e a participação das massas na história é considerada um sinal de decadência? Ele destaca a importância de os educadores conhecerem seu público, compreenderem os outros e respeitarem as diversidades. O propósito desse processo meticuloso é alcançar a libertação, buscando emancipar os oprimidos por meio da educação.

Como a experiência poética – em particular aquela instigada pela leitura de poemas de *A Rosa do Povo*, de Drummond – pode atuar nesse processo educativo de cultivo da consciência crítica em busca contínua pela emancipação de si e do outro? Essa é uma pergunta latente em nosso trabalho, ao qual estaremos o tempo todo retornando, especialmente quando lembramos, com Antônio Candido, o caráter singularmente “empenhado” da literatura brasileira (2000, p. 26-28).

Em *A Educação como prática da liberdade*, escrito durante seu período de exílio após *A Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (2014) realiza uma autocrítica de sua atuação anterior e oferece orientações educacionais com foco na erradicação da exclusão. O autor destaca a interconexão entre educação, conscientização e inclusão. Em outra obra, escrita entre 1976 e 1977, são narradas as experiências de Freire no projeto de alfabetização universal após a independência da Guiné-Bissau. O conjunto de cartas que compõe esse livro tem um pensamento mais reflexivo, destacando a força, o entusiasmo e a criatividade do povo recentemente independente, bem como a aproximação da realidade social africana com a brasileira da época.

Em "Pedagogia da Autonomia", Paulo Freire possui um objetivo bem definido, que consiste em fornecer um conjunto de conhecimentos e práticas essenciais para qualquer educador. Como expresso pelo próprio autor em seu artigo, tanto os

professores progressistas quanto os professores reacionários deveriam familiarizar-se com esse conjunto fundamental (Ribeiro, 2008).

Ribeiro (2008, p.616), no que diz respeito à prática pedagógica:

o autor enfatiza que o docente deve estar voltado para a amplificação e diversificação do conhecimento por meio de duas chaves, o saber ser e o saber fazer. A aquisição desses elementos confere um exercício contínuo de reflexão crítica diante dos fatos. Assim, a autoridade concedida pela via do poder do conhecimento faz com que tenhamos a consciência de que, embora sejamos condicionados pela sociedade, não devemos aceitar o determinismo, pois a história é tempo de possibilidades, de problematizações e que, portanto, é propícia a mudanças.

O título do primeiro capítulo do livro encapsula a defesa de Paulo Freire em reconhecer as diferenças e respeitar a individualidade dos alunos: "Não há docência sem discência". Um dos fundamentos essenciais destacados é o reconhecimento da significativa relação entre teoria e prática, uma interconexão que deve ser prioritária e inseparável (Freire, 1996).

Em suma em vida Paulo Freire apresentou as seguintes obras:

A propósito de uma administração. Recife: Imprensa Universitária, 1961.
Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo. Estudos Universitários – Revista de Cultura da Universidade do Recife. Número 4, 1963: 5-22.
Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.
Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.
Educação e mudança. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.
A importância do ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora, 1982.
A educação na cidade. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
Pedagogia da esperança. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
Política e educação. São Paulo: Cortez Editora, 1993.
Cartas a Cristina. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1974.
À sombra desta mangueira. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1995.
Pedagogia da autonomia. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
Mudar é difícil, mas é possível (Palestra proferida no SESI de Pernambuco). Recife: CNI/SESI, 1997-b.
Pedagogia da indignação. São Paulo: UNESP, 2000.
Educação e atualidade brasileira. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

Devido ao impacto de seu livro "Pedagogia do Oprimido", Paulo Freire é o terceiro autor mais citado em trabalhos acadêmicos de humanas em todo o mundo, ficando atrás apenas de Thomas Kuhn, o filósofo americano da ciência, e Everett Rogers, o sociólogo americano (Freire, 1987). Freire acumulou mais de 40 prêmios, incluindo honrarias da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência

e a Cultura (UNESCO), bem como doutorados honorários de diversas universidades. Além de suas contribuições acadêmicas, desempenhou papéis administrativos fora do meio universitário, como o de Secretário de Educação da cidade de São Paulo durante o mandato da prefeita Luiza Erundina. Desde 2012, é reconhecido como patrono da educação no Brasil. No entanto, surgem vozes contrárias à influência proeminente de Freire no sistema educacional.



Figura 7 - Paulo Freire e Luiza Erundina.

Fonte: Revista Fórum, 2019.

A pedagogia que Paulo Freire advogou ao longo de sua vida e reiterou nesta década é impregnada de compromissos políticos, sonhos e esperanças. Para ele, ser utópico ou sonhador não representa uma postura idealista ou irrealista, mas sim um compromisso constante de denunciar a realidade desumana e afirmar a possibilidade de sua transformação.

Semblante calmo, cabelos longos e barbas brancas, estatura mediana, corpo magro, olhos cor de mel e sua constante disposição para trocar experiências, para dialogar, sobretudo quando está explicando suas ideias sobre educação ou discutindo as de outros, são algumas de suas características marcantes. São igualmente significativos seu olhar forte, meigo, profundo, comunicante e os gestos, sempre expressivos, de suas mãos. O olhar e os movimentos das mãos revelam os desejos e os espantos de sua alma eternamente apaixonada pela vida. Quem conheceu Freire dificilmente se esquecerá destes traços que traduzem sua personalidade segura, terna e comunicativa. (Freire, 1995, p.67).

Esse foi Paulo Freire. Seus gestos, suas palavras, sua experiência nos convidam a assumirmos o papel de sujeitos da história, diante da “dramaticidade da hora atual” (Freire, 1987).

Às margens de outro mar, outro oleiro se aposenta em sua idade avançada. Seus olhos ficam embaçados, suas mãos tremem, chegou para ele a hora do adeus. Então ocorre a cerimônia da iniciação: o oleiro velho oferece ao oleiro jovem sua melhor peça. Assim manda a tradição entre os índios do noroeste da América: o artista que se despede entrega a sua obra-prima ao artista que se inicia. E o oleiro jovem não guarda esta vasilha perfeita para contemplá-la e admirá-la, senão que a estala contra o solo, a rompe em mil pedacinhos, recolhe os pedacinhos e os mistura em sua argila. (Galeano, 1993, p.86).

Freire ficou viúvo em 1986, sendo Elza a mãe de seus cinco filhos. Em 1988, contraiu matrimônio com Ana Maria de Araújo, mantendo-se casado com ela até seu falecimento em 1997. Ao retomar sua carreira no Brasil, Freire alcançou notoriedade no cenário educacional, sendo reconhecido mundialmente por suas contribuições no país, de 1989 a 1992 (Barreto, 1998). Paulo Freire continuou a escrever, ministrar aulas, conceder entrevistas à mídia e participar de palestras e cursos de formação de professores até seu falecimento em 1997. Estima-se que aproximadamente 350 escolas e outras instituições educacionais, culturais ou relacionadas à leitura em todo o mundo tenham recebido o nome de Paulo Freire como uma forma de homenagem. Em 2012, a Lei 12.612/12 foi sancionada, originalmente elaborada em 2005 pela então deputada federal Luiza Erundina, reconhecendo Paulo Freire como patrono da educação no Brasil.

Diante da finitude humana, em 2 de maio de 1997, Paulo Freire se despede de nós. Ele deixa a mensagem de que "desejaria ser lembrado como alguém que amou intensamente o mundo e as pessoas, os animais, as árvores, as águas, a vida" (Freire, 2004).

1.4 Posição de Paulo Freire na educação

Pode-se afirmar que Paulo Freire acredita firmemente que a educação, especialmente quando abordada de maneira dialética, representa um meio de libertar a consciência da manipulação. A partir dessa premissa, este estudo destacará a contribuição significativa do autor para o processo educacional,

denominado de pedagogia reflexiva, que é respaldado por seu método de ensino. Esse método se configura como um mecanismo que capacita os indivíduos a dominarem o conhecimento.

Fundamentando-se na experiência advinda da prática pedagógica, Freire deixou uma marca indelével na história da educação brasileira. Uma das características distintivas das obras de Freire é a ênfase contínua na prática educativa baseada no diálogo e reflexão, elementos cruciais para a formação do sujeito. Sua ideia central gira em torno da defesa e busca pela libertação da consciência subjugada, e ele enxerga a educação como o caminho essencial para essa libertação.

Ao longo de seu trabalho, Paulo Freire (1967) explorou o debate sobre a adaptação ou ajustamento das pessoas diante do impacto da sociedade. Ele destacou que a única maneira de superar esse estado de resignação é reconhecer que estão sendo controladas. No entanto, é reconhecido que o despertar do sujeito em relação à sua situação de marginalização não ocorre automaticamente. É necessário promovê-lo ou contar com a intervenção de alguém para despertá-lo.

Nesse contexto, pode-se observar que para possibilitar que os indivíduos aprimorem sua compreensão sobre as necessidades de combater a opressão social, é preciso que passem por um processo de reflexão, buscando alcançar o equilíbrio pessoal e, somente então, atingir o estágio de "Consciência crítica". A curiosidade crítica é o catalisador que gera conhecimento, abrindo o caminho para a liberdade.

Nesses aspectos, Paulo Freire (2005) sustenta que a curiosidade é uma forma de desconfiança, uma propensão a questionar algo, como uma busca por esclarecimento, uma espécie de sinal de advertência e vigilância. Como um desempenho atual na experiência de vida, a curiosidade humana é construída e reconstruída historicamente. É precisamente porque a promoção da criatividade não ocorre de forma automática que uma das principais responsabilidades da prática educacional é cultivar a criticidade e, assim, fomentar o desenvolvimento da curiosidade crítica.

Neste contexto filosófico, a filosofia de Paulo Freire desempenha um papel crucial na busca pelo autoconhecimento. Ele advoga que os indivíduos devem se tornar agentes ativos em seu ambiente, interagindo com ele, promovendo transformações e abandonando a posição passiva de meros observadores ou adaptadores. Segundo Freire, quando o processo educativo atinge profundamente a

experiência, até mesmo aqueles que aparentemente estão resignados se tornam críticos. Este fenômeno, que Freire denomina de "fusão", contrasta com a simples adaptação. Em um sistema caracterizado por desigualdade e opressão, os indivíduos não devem apenas se adaptar, mas sim interferir e modificar ativamente. Agir demanda integração.

No entanto, Paulo Freire argumenta que essa integração é sistematicamente negada ao longo da história. Para alcançá-la, é necessário compreender as interações sociais, um processo que se aprimora à medida que a consciência se torna vital. Sem essa compreensão, restam apenas a acomodação e o ajuste, resultando na falta de liberdade. Sempre que a liberdade é suprimida, a pessoa se transforma em alguém simplesmente ajustado, alienado da capacidade de agir (Freire, 1967). Claramente, a busca por essa integração proposta por Freire não é uma jornada fácil, pois, além de reconhecerem a si mesmos como seres sociais oprimidos, os indivíduos também precisam se organizar para enfrentar essa situação. Ao contrário, é necessário sentir-se desconfortável e romper com a zona de conforto, já que, para muitas pessoas, é mais cômodo ignorar a realidade do que confrontá-la.

Por isso, Paulo Freire destaca a importância do método de ensino baseado no diálogo e na reflexão, que exige que os indivíduos enfrentem a si mesmos e o mundo ao seu redor. Nesse processo desafiador, alguns obstáculos merecem atenção, pois podem levar as pessoas a ficarem presas no meio do caminho, como o medo de superar o medo, a falta de humildade e a descrença.

A reflexão de Freire destaca a dualidade inerente ao processo de diálogo: a necessidade de superação pessoal e a abertura para as contribuições alheias. O temor da superação pode representar um obstáculo à participação efetiva no diálogo, tornando-se um entrave ao crescimento pessoal. Ao resistir à aceitação de perspectivas diferentes, cria-se um ambiente hostil que dificulta a verdadeira troca de ideias. Uma vez mais, podemos nos perguntar aqui: como a poesia poderia cultivar esse ambiente de diálogo e aprendizado mútuo, de transformação enriquecedora das subjetividades implicadas? Pressuposta na pedagogia de Freire está a expectativa de que a sociedade seja capaz de constituir relações de não-opressão. O quanto essa expectativa também não estaria presente em "A Flor e a Náusea", sendo rememorada para ao mesmo tempo acusar criticamente sua não-realização e ser renovada em seu desejo de futuro? E mais: qual a especificidade da

construção poética desse desejo, dessa expectativa de emancipação e diálogo, especialmente quando lembramos que a palavra poética reivindica igualmente seu direito à opacidade, à dificuldade ou, para retomar os termos deste poema, à “colocação de problemas”?

Com essa pergunta em mente, retornemos à crítica de Freire, que também ressalta a importância da fé nas capacidades humanas para o sucesso do diálogo. A falta de confiança no poder criativo e transformador dos seres humanos compromete a autenticidade da interação. O diálogo, então, corre o risco de se tornar superficial e desprovido de significado, desviando-se do propósito essencial de promover compreensão mútua e crescimento coletivo.

As palavras de Freire servem como um chamado à autenticidade e ao reconhecimento mútuo. Para participar de diálogos significativos, é essencial superar o medo da mudança pessoal, abrir-se à diversidade de pensamentos e nutrir uma fé profunda nas capacidades humanas de criação e recriação. Essa conduta não apenas enriquece o diálogo, mas também contribui para o fortalecimento de uma sociedade mais colaborativa e inclusiva.

Nesse contexto, a educação como agente libertador contribui para a emancipação do indivíduo, auxiliando-o na superação de estereótipos e na desconstrução de si mesmo e dos outros. Freire ressalta que a educação do sujeito engloba sua inserção em um movimento constante de busca, com curiosidade e investigação não apenas visando a objetivos específicos, mas também em busca de um conhecimento abrangente (Freire, 2005).

Pode-se afirmar que ser "crítico" e "curioso" são intrinsecamente ligados, pois questionar e buscar representam um desafio. Mais adiante, exploraremos como isso influencia a integração social e as relações entre as elites e as massas populares, temas profundamente presentes em *A Rosa do Povo*, como veremos. Freire (1967) destaca a importância dos indivíduos, sua cultura de participação, sua história e sua visão de mundo.

Podemos afirmar que a interação dos seres humanos no universo constitui uma dinâmica de poder, um tema frequentemente abordado pelo autor. Termos como alienação, massa, seres desumanizados e domesticados são empregados por Freire com um propósito específico: analisar como uma classe social é tratada. Ao longo das eras e à medida que as sociedades se organizam, o homem comum, conforme Freire (2013) o denomina, é adaptado a um sistema injusto. Esse sistema

muitas vezes manipula em nome da cidadania e da igualdade, deixando-o cada vez mais imerso em uma cultura silenciosa. Assim, estabelece-se uma falsa generosidade que se alimenta da morte, do desalento e da miséria (Freire, 1987).

A dominação da elite sobre a pessoa oprimida nem sempre é evidente, muitas vezes se manifestando como um ajuste pessoal ou adaptabilidade. Esse ajuste ocorre sob certas condições: o opressor permite que o oprimido adapte seu comportamento de sobrevivência, estabelecendo um vínculo de dependência/dominação entre eles. Diante desse cenário de opressão avassaladora, a postura de Freire é reconhecida como favorável às classes oprimidas. Ele também aborda a questão do amor, destacando como esse sentimento impulsiona o ser humano, especialmente em direção à alteridade. Sentir a dor do outro e expressar uma compaixão genuína reflete a humanidade em diversas dimensões.

Freire (1987) argumenta que ninguém está mais bem posicionado do que a pessoa oprimida para compreender o significado terrível de uma sociedade opressiva. Quem experimentará mais profundamente os efeitos da opressão? Quem conhece melhor as necessidades da libertação do que ela? A libertação não ocorrerá por acaso, mas como resultado de sua prática ativa de busca, compreensão e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. A resistência à opressão se torna, assim, uma forma de ato movido pelo amor. Nesse ponto, é quase impossível não pensar no célebre ensaio de Alfredo Bosi, “poesia resistência”, no qual o próprio Drummond é convocado, algumas vezes, para mostrar como a palavra poética tem sido, na modernidade – se não para muito além dela – convocada como experiência de luta contra a dominação, contra a “falsa ordem” que se impõe pela mentira e pela violência, “esta coleção de objetos de não amor”, como diz, citado pelo crítico, o poeta mineiro (Apud Bosi, 1977, p. 145).

Afinidade central entre a pedagogia de Freire e a poesia de Drummond, a experiência de resistir aos poderes dominantes, de acusar-lhes suas contradições e limites, constitui um gesto de recusa e negatividade contra soluções prontas, um gesto crítico que desconstrói as pretensões da ordem instituída sem recair no mero elogio do caos, da desordem, mas que se demora na passagem entre caos e cosmo, solução e dissolução, como mostra o enjambement do penúltimo verso da “Homenagem” de Drummond a Walter Benjamin, a Virginia Woolf, Sá Carneiros e “[...] alguns outros / de tantos que escolheram / o dia a hora e o gesto / o meio / a

dis- / solução” (Andrade in: *As Impurezas do Branco* apud Bosi, 1977, p. 149). Por fim, Bosi lembra que mesmo ao enunciar uma aceitação de derrota em relação ao poder dominante, a poesia não deixa de reafirmar nas entrelinhas sua condição “orgulhosa”, reacendendo parodicamente o espaço crítico da resistência. Aqui não por acaso é justamente ao poema “Elegia 1938”, erroneamente atribuído à *Rosa do Povo*, que o crítico recorre:

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.
(Andrade, 2012, p. 44),

Ecoando, poderíamos talvez dizer, essa duplicidade da poesia, ao mesmo tempo oprimida e orgulhosa, constantemente hostilizada, mas sempre atuante, é fundamental enfatizar a perspectiva adotada por Freire em relação aos oprimidos, esclarecendo que sua perspectiva não procura vitimizar os marginalizados na sociedade, nem deseja que eles se percebam como vítimas. O propósito é enfrentar de frente o fenômeno injusto, impedindo que sejam subjugados. Além disso, essa perspectiva busca combater a imobilidade, encorajando os oprimidos a buscar autonomia e a se tornarem verdadeiros protagonistas de sua própria história, participando ativamente, em vez de meros observadores passivos.

De acordo com Freire (1967), ao longo da história, as elites mantêm o domínio em todas as esferas, mas isso não implica que a pessoa oprimida esteja irremediavelmente destinada à aceitação passiva da dominação, alienação e escolhas desumanas. Embora o direito de escolha seja concedido, resistir a esse tipo de opressão e buscar a liberdade é mais desafiador. Os padrões sociais muitas vezes nos levam a permanecer inertes, concordando com vários abusos, adaptando-nos a um sistema injusto e sendo excluídos de processos decisórios significativos.

Entretanto, é reconhecido que, para atingir a autonomia sob essas condições, os indivíduos necessitam passar pelo processo de conscientização. Isso é facilitado por meio da educação libertadora. Nesse contexto, vale observar que o autor enfatiza a relação entre educador/educando e vice-versa. O conhecimento não deve ser apenas depositado ou imposto sobre esse sujeito; esse é um pressuposto fundamental para o estabelecimento de uma educação genuína, autêntica e humanizadora.

Segundo a visão educacional de Freire, a libertação do sujeito fundamenta-se na emancipação, pois é somente por meio dela que uma educação reflexiva e dialógica ocorre. O propósito desses elementos é possibilitar o desfrute do prazer da liberdade. Um outro ponto a destacar neste processo de análise é a compreensão de que a opressão mencionada neste contexto não está exclusivamente ligada à postura cristalizada da elite. Embora isso pareça ser contraditório, por várias razões, os opressores podem ser refletidos no oprimido, como talvez nos “ferozes padeiros do mal/ os ferozes leiteiros do mal”, com sua “ração diária de erros” e de “crimes da terra” no poema “a flor e a náusea” (Andrade, 2000, p. 15).

1.5 Articulando o pensamento de Paulo Freire com o livro *A Rosa do Povo*

O pensamento de Paulo Freire, proeminente educador brasileiro, ressoa de maneira distinta na obra *A Rosa do Povo* de Carlos Drummond de Andrade. Nesse contexto, ambas as personalidades compartilham uma perspectiva intrínseca sobre a relevância da consciência crítica e da educação como meios de libertação. Por meio de sua poesia reflexiva, Drummond desempenha o papel de observador atento da sociedade, evidenciando questões sociais e políticas cruciais para incitar uma reflexão profunda.

A visão pedagógica de Paulo Freire, focalizada na emancipação dos oprimidos, entrelaça-se com a atitude crítica de Drummond, que emprega a expressão autêntica como meio de confrontar as injustiças sociais. A busca por uma consciência crítica, central na filosofia de Freire, encontra reflexo na maneira como Drummond aborda as complexas realidades do Brasil em sua época. Ambos os pensadores convergem na crença de que a educação e a arte são ferramentas poderosas na promoção da transformação social.

Ao abordar as temáticas da desigualdade, opressão e busca pela liberdade em *A Rosa do Povo*, Drummond desempenha um papel significativo na formação de uma consciência crítica, alinhando-se aos princípios de Paulo Freire. A utilização da linguagem poética por Drummond emerge como uma ferramenta de conscientização, instigando o leitor a questionar e reconsiderar a situação vigente. Por meio dessas perspectivas, ambos os pensadores têm como objetivo promover a reflexão ativa e o engajamento na edificação de uma sociedade mais equitativa.

O engajamento social evidenciado na poesia de Drummond converge com a visão freiriana de uma educação transformadora. Tanto o poeta quanto Freire compartilham a convicção no potencial da educação e da arte como catalisadores de ações que vão além das páginas dos livros. Desse modo, *A Rosa do Povo* transcende sua materialidade livresca, transformando-se em uma expressão artística que busca impulsionar mudanças sociais, em sintonia com a compreensão de Freire sobre o papel revolucionário da educação.

Em resumo, a interligação entre as ideias de Paulo Freire e a produção de Carlos Drummond de Andrade demonstra uma convergência profunda no anseio por uma sociedade mais equitativa e esclarecida. Ambos os pensadores legam um impacto que ultrapassa os limites da academia, moldando gerações para indagar, absorver conhecimento e intervir na construção de um mundo mais justo e liberado.

Carlos Drummond de Andrade, uma personalidade singular na Literatura Brasileira, se revela como um poeta versátil cuja produção, especialmente em *A Rosa do Povo*, faz da expressão lírica mais poeticamente elaborada uma experiência de intervenção social. Alinhada à pedagogia do oprimido de Paulo Freire, nossa leitura da poesia de Drummond a vê envolvida na conscientização social e na denúncia das injustiças do mundo. Sua escrita, caracterizada por uma linguagem singular, assume nuances de resistência, aproximando-se da proposta de empoderamento educacional delineada por Freire.

O poeta, ao abordar tópicos como o indivíduo, a sociedade e o amor, demonstra uma sensibilidade profunda para as questões humanas, alinhando-se ao princípio freiriano de análise crítica da realidade. Nas suas obras, Drummond não apenas narra, mas também interpela e confronta sistemas sociais opressivos, empregando a linguagem como meio de transformação e emancipação. A poesia de Drummond, de maneira análoga à pedagogia de Freire, procura quebrar as amarras da opressão, fomentando uma consciência crítica capaz de conferir emancipação. Seus versos, frequentemente tingidos por uma melancolia latente, não se restringem à expressão de emoções, mas buscam provocar reflexões sobre a condição humana e as desigualdades sociais e essa perspectiva está alinhada à proposta freiriana de uma educação libertadora, que transcende a simples transmissão de conhecimentos.

A dualidade manifestada na produção de Drummond, entre a melancolia e a revolta, espelha a complexidade da condição humana. A ênfase de Freire na práxis

como elemento vital na educação encontra eco na poesia do autor, onde a ação transformadora é apresentada como reação à conscientização. Nesse sentido, Drummond não apenas sugere a contemplação passiva do mundo, mas defende a intervenção ativa como meio de alterar a realidade circundante.

A valorização das formas tradicionais e a experimentação linguística presentes na obra de Drummond mostram semelhanças com a proposta de Paulo Freire de uma educação que reconheça e respeite as diversas linguagens, promovendo a expressão autêntica. A habilidade do poeta em reinventar a linguagem reflete uma atitude pedagógica que busca a constante reinvenção do processo educativo. O engajamento social de Drummond, manifestado em sua crítica à sociedade e em seu papel como observador perspicaz, coincide com a perspectiva de Paulo Freire sobre a educação como meio de libertação dos oprimidos. Ambos compartilham a convicção de que a arte e a educação desempenham papéis essenciais na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em resumo, a obra de Carlos Drummond de Andrade, marcada por uma poesia reflexiva e comprometida, encontra eco nos princípios da pedagogia do oprimido de Paulo Freire. Ambos os pensadores compartilham a busca por uma consciência crítica, a valorização da expressão autêntica e a convicção no potencial transformador da educação e da arte. Drummond, à semelhança de Freire, deixa um legado que ainda nos interpela, inspirando gerações a refletir e agir em direção a uma sociedade mais justa e emancipada, como veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2: Drummond em sintonia com teorias críticas de Paulo Freire

2.1 O livro *A Rosa do Povo*: prelúdio

A *Rosa do Povo*, publicado em 1945, representa uma obra referencial no percurso do poeta Carlos Drummond de Andrade. Como vimos anteriormente, o autor iniciou suas atividades artísticas em meio a um contexto nacional e internacional complexo, desenvolvendo ao longo do tempo uma nova perspectiva sobre a poesia e sobre a própria realidade social que com ela se encontrava.

Um exemplo notável de acontecimento turbulento nesse período é a crise econômica mundial, desencadeada pelo colapso da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. Essa crise teve um impacto significativo na economia brasileira, especialmente devido à sua influência nas exportações de café, que constituía a base econômica do país na época. O Brasil enfrentou dificuldades para lidar com as repercussões econômicas globais, e se tornou imperativo explorar alternativas para sustentar a economia em meio a um contexto desfavorável.

Vale lembrar que o café era um fator econômico com decisiva influência na esfera política, sendo a base do poder que alternava entre os oligarcas de Minas Gerais e de São Paulo durante a chamada República Velha. Na sequência da crise, em 1930, Getúlio Vargas assume o comando do país, dando início ao chamado Estado Novo. Embora tenha ocorrido na esteira da adesão do movimento tenentista à Aliança Liberal, em 1929, e tenha abolido parcialmente o Velho Mundo ao subir ao poder, a política getulista foi gradualmente integrada pelas oligarquias regionais, num processo de formação de compromissos entre as demandas de modernização e a conservação dos velhos privilégios.

Essa tensão, com outras dinâmicas de exacerbação ou atenuação do conflito, também pode ser vista na literatura. Segundo Bosi (2015), o peso do tradicional não é suprimido ou abalado por gestos anárquicos. É preciso passar pela experiência e por seu peso, ter a percepção da estrutura material e existencial de seu tempo, para o desdobramento de um gesto artístico consequente. A literatura é uma resposta viva a essas experiências. Os escritores que amadureceram após 1930, como o próprio Drummond, tiveram assim no movimento modernismo portas abertas para enfrentar esses novos desafios e conceber uma trajetória poética a partir deles.

Afinal, estamos ainda no período de pleno vigor das vanguardas históricas, como o surrealismo na Europa, com uma atmosfera intelectual prenhe de promessas revolucionárias, transformações técnicas da vida cotidiana, como o advento do rádio e da comunicação massiva e a transmissão mais acelerada e difusa de informações em larga escala. As ditaduras nazifascistas desse período vão proliferar utilizando esses recursos para sua propaganda política.

Assim, é nesse período de grandes transformações econômicas e políticas que Drummond decide se mudar para a capital do país, durante o mandato de Gustavo Capanema, seu amigo de infância e então secretário da Educação (Said, 2005). A partir desse momento, a trajetória de Drummond passou a estar entrelaçada também a seu envolvimento com uma máquina pública sob regime ditatorial. Vemos aqui o poeta na busca por sua como intelectual inserido em uma sociedade, numa dinâmica que revela a interconexão a esfera artística e as dinâmicas sociais.

Nesse processo, como nota Candido (2004), a poesia de Drummond também incorpora perspectivas outras, evidenciadas em sua produção literária. Conforme observado por Sant'anna (2008), seus poemas, outrora impregnados pela paisagem de Minas Gerais, passam a abrir espaço para novos temas. Na condição de espaço concentrado, a cidade impulsiona as atividades humanas, apresentando personagens envolvidos em uma variedade de cenários, conferindo-lhes uma sensação de fragmentação. Nesse ambiente urbano, o tempo adquire uma dimensão realizadora, contribuindo para a evolução da poética drummondiana.

Para Pilati (2007), ao examinar a obra drummondiana, torna-se evidente o impacto do ambiente social. Seus poemas não apenas refletem esforços importantes na esfera política, mas também se dedicam a refletir sobre seus conceitos. O eu lírico do poeta não só acusa o poder hegemônico, mas também está atendo à conexão do próprio artefato cultural com o poder político. A poesia de Drummond articula, assim, um modo poético de intervenção sobre dilemas sociais e políticos, tocando-os, por meio das tramas da palavra, em tensões que não só permitem compreender melhor seu tempo histórico, mas transcendem tais momentos e continuam a nos instigar. O engajamento político é evidente na forma como seus versos abordam e interpretam as nuances do poder e da cultura, proporcionando uma compreensão mais ampla e crítica da realidade vivida.

De acordo com Pilati (2007), as obras de arte, como objetos culturais, enlaçam seus elementos formais com muitas outras facetas da vida. Assim, o ponto de vista político, econômico e social, a vida e o trabalho, aspectos cruciais no processo de análise estética, devem ser considerados. Em certo sentido, o leitor atento é desafiado a compreender. Nas palavras de Candido (2004), Drummond inquieta, pela poesia, todas essas questões (os elementos do trabalho do poeta), conectando-as a uma meditação contínua.

Em suma, essa inquietação presente na poesia de Drummond revela-se como convite à reflexão constante. Essa meditação contínua, como sugere Candido (2004), não só adiciona camadas de significado à poesia, mas também desafia o leitor a mergulhar mais fundo nas questões intrínsecas à vida, à sociedade e à própria natureza humana. Ora, a obra *A Rosa do Povo* marca um ponto alto na trajetória que leva a poesia de Drummond a obter esse adensamento de relações entre a poesia e a existência, o verso e a vida. Seria também fruto do momento de mais envolvimento do poeta com a política, num cenário histórico que abrangeu as décadas de 30 e 40 e o confronto com eventos como o fascismo, a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial. Embora tenha sido breve – pois logo chegaria a virada representada por *Claro Enigma*, com o poeta se distanciando dessas formas mais explícitas de engajamento político – esse período marca um estágio marcante de Drummond como poeta público.

Tentaremos apreender poemas essenciais de *A Rosa do Povo*, livro que seria o cume desse período mais engajado, e o modo como ele se dedica a explorar as facetas da sociedade marcadas pela pobreza, desigualdade social e luta de classes, em diálogo com reflexões de Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*. Serão examinadas possíveis convergências entre tais obras, revelando uma poderosa metáfora que ecoa a luta incessante dos oprimidos por sua libertação. A análise destacará a afinidade de ideias, proporcionando uma visão ampla sobre a busca por uma sociedade mais justa e a esperança que permeia esse caminho de transformação.

2.2 A *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire

Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire destacou as relações assimétricas existentes entre docente e discente, propondo um trabalho formador capaz de

despertar a consciência crítica tanto em um quanto em outro. Como diz um de seus teoremas mais conhecidos, trata-se de buscar não só a leitura de palavras, mas, sobretudo, a compreensão do mundo em toda a sua complexidade.

Ao defender uma educação como prática da liberdade, Freire enfatiza a necessidade de promover um aprendizado que transcenda os limites da sala de aula, capacitando os envolvidos a analisar e questionar as estruturas sociais, contribuindo para a formação de indivíduos conscientes e engajados na transformação social.

Para Freire (2005), o ser humano será crítico se tiver viver a prática, a práxis social em sua plenitude. Em outras palavras, um envolvimento com a ação, mas de um modo que implique a crítica e a reflexão, um conhecimento rigoroso, não ingênuo, sobre a realidade. Essa articulação entre pensamento e práxis é fundamental se o objetivo é a libertação.

Em *A Rosa do Povo*, Drummond tece construções poéticas que se tornam um poderosa experiência de denúncia e resistência. A obra é um testemunho literário da luta dos oprimidos em diversos cenários, desde trabalhadores rurais, que enfrentam as agruras do campo, até os habitantes urbanos, imersos nas complexidades das metrópoles. Por meio da poesia, o livro retrata as experiências, dores e aspirações dos marginalizados. Torna-se um palco onde vozes subalternas emergem, desafiando as estruturas opressivas. A resistência ganha contornos multifacetados, revelando-se não apenas como uma rejeição às condições adversas, mas também como uma afirmação da dignidade e busca por justiça.

A *Pedagogia do Oprimido* caracteriza-se como uma prática emancipadora liderada pelos próprios oprimidos, mediante a implementação de uma educação conscientizadora que propõe amplo questionamento e análise do legado colonial e capitalista para sua superação. Ao criticar os membros da família ligados à indústria bancária da educação, Paulo Freire desvela-a como uma produtora de cultura silenciosa, perpetuando a manutenção do privilégio que sustenta a assimetria entre sociedade e cultura. Sua visão destaca a importância de um processo educativo que capacite os oprimidos a compreender e transformar ativamente as estruturas que os mantêm subjugados, promovendo, assim, uma verdadeira libertação (Giroux, 1999).

A obra poética de Drummond dialogaria assim com o núcleo da *Pedagogia do Oprimido* de Freire, fundamentada na ideia de um processo educativo emancipador. Ao dar protagonismo aos oprimidos por meio de sua poesia, Drummond estabelece

uma conexão profunda com a proposta de Freire, que busca colocar as populações historicamente subalternizadas em condição de compreender e transformar as estruturas opressoras.

A poesia de Drummond, assim como a conduta pedagógica de Freire, instiga a reflexão crítica sobre as condições sociais e a busca por transformação significativa. Ambas as obras convergem na ideia de que as práticas literárias e pedagógicas devem transcender os limites tradicionais, possibilitando a conscientização e a ação efetiva dos oprimidos na construção de uma sociedade mais justa. Dessa forma, *A Rosa do Povo* e a *Pedagogia do Oprimido* se entrelaçam como expressões distintas de um anseio comum por emancipação e transformação social.

Em suas críticas aprofundadas, Freire (2005) identificou na educação bancária uma dinâmica que se distancia da verdadeira essência educacional. Ao questionar essa perspectiva, ele revela que a educação, tal como criticada, se reduz a um mero comportamento de depósitos e transferência de valores e conhecimentos, desprovido de significado e validação. Essa prática, longe de representar uma conquista, perpetua a cultura silenciosa ao refletir os padrões de uma sociedade opressiva. Freire ressalta que a educação bancária não apenas mantém, mas também estimula as contradições existentes, contribuindo para a preservação de estruturas que reforçam a opressão.

Na contraposição à educação bancária descrita por Paulo Freire, os poemas de Drummond ressoam com um tom de indignação e revolta contra a injustiça social. Enquanto a educação bancária é criticada como mera transferência de conteúdo para os educandos, os poemas de Drummond se destacam pela capacidade de despertar a consciência crítica do leitor. As palavras do poeta funcionam como instigadores de resistência, questionando e confrontando estruturas sociais opressivas. Assim, a poesia de Drummond se afina com o que Freire chama de educação libertadora, incentivando os leitores a refletir sobre a realidade social e a se engajar ativamente na busca por transformações. Assim, a obra poética de Drummond se alinha com a crítica de Freire à educação bancária, destacando a importância da conscientização e da ação na luta contra as injustiças sociais.

As críticas de Freire à lógica de colonização que persiste mesmo após o fim do período colonial oferecem uma nítida visão da composição abrangente da sociedade, cultura, política, e vida econômica e cognitiva. Essa análise

esclarecedora destaca a persistência de disparidades e o contínuo processo de aumento da desigualdade. Freire argumenta que a sociedade é desviada de sua evolução estabelecida na retórica europeia de dominação, perpetuando um caminho que não apenas mantém, mas também intensifica as desigualdades. Sua crítica incisiva revela a necessidade premente de uma transformação profunda, que transcenda as limitações impostas pela mentalidade colonial (Castro-Gómez, 2005).

Assim, foi possível incluir Paulo Freire entre os pensadores latino-americanos pós-coloniais – ainda que sua escrita estivesse eivada de uma linguagem hegeliana própria à tradição marxista – pensadores que deslocam essas referências teóricas para pensar as experiências vivenciadas pelos marginalizados do mundo, pelos condenados da terra, construindo uma narrativa historiográfica capaz de desconstruir a colonialidade do poder. Esta, por sua vez, sustenta as estruturas do sistema-mundo moderno/colonial. Ao resgatar as vivências dos esfarrapados, essa abordagem não apenas questiona o legado colonial, mas também contribui para a construção de uma compreensão mais plural e inclusiva da história e do poder (Freire, 2005; Quijano, 1999; Fanon, 2005)

A expressão cunhada por Quijano (1999) reflete uma ponderação essencial sobre os projetos modernos mencionados por Castro-Gómez (2005), que se revelam na tentativa de conquistar a Iberia nos Estados Unidos. Essa análise remete ao início do continente como um espaço colonial, elucidando as interconexões entre conhecimento, linguagem, memória e o processo de imaginação. Quijano e Castro-Gómez, assim, proporcionam uma lente crítica para compreender como a conquista e colonização moldaram não apenas estruturas sociais, mas também o substrato cognitivo e cultural do continente. Essa reflexão conjunta abre caminhos para uma compreensão mais profunda das raízes da complexa tessitura histórica e identitária nas Américas.

Para Streck (2009), *A Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire aciona uma ontologia humana que o autor denomina como a do "ser mais". Tais aproximações com o pós-colonialismo se explicam pelo espírito dessa época, que tinha dentre suas lutas mais inspiradoras não aquela movida contra o nazifascismo pela União Soviética e pelas potências liberais do Atlântico Norte, mas na luta por independência do povo africano, que se opôs vigorosamente ao colonialismo europeu, representado muitas vezes por essas mesmas potências.

No movimento das mulheres em busca de maior igualdade social em relação aos homens, as relações de gênero passaram por profundas transformações. Isso ficou evidente em diversos movimentos, como no contexto do movimento francês de maio de 1968, onde muitas iniciativas dessa ordem surgiram. Essas mobilizações questionaram não apenas o status social, mas também os obstáculos que impedem a plena igualdade entre homens e mulheres.

Diante da amplidão dessas diferentes lutas, a obra de Freire oferece uma leitura profundamente inquietante e motivadora. Sua conduta é irrestrita, pois questiona de maneira contundente a opressão na vida do ser humano, rejeita a história como um movimento pré-determinado e o presente como uma prisão histórica. É justamente a prática educacional que surge como locus privilegiado para preparar, instigar e tornar possíveis todas essas questionamentos e transformações.

Por isso, como já afirmado, a proposta de Freire une crítica e transformação efetiva, confrontação teórica e mobilização prática. Ao apresentar a *Pedagogia do Oprimido*, o pedagogo não se limita a fornecer um livro perturbador sobre educação; ele instiga educadores e alunos a se inserir ativamente na história e a transformar os métodos de ensino. Para muitos, essa obra representa não apenas um guia, mas também uma fonte inspiradora para enfrentar as tendências autoritárias que sempre estão assediando as práticas da educação.

Assim, a *Pedagogia do Oprimido* emergiu como um catalisador da revolução educacional na segunda metade do século XX, propondo uma base humana para a educação libertadora. Sua proposta angariou apoio global e, precisamente por seu caráter aberto, passou a representar, muito mais que um ponto de vista educacional específico, um trabalho de fronteira, um gesto de incitamento ao debate contínuo e aberto. Ora, uma obra que instiga a relação entre teoria e práxis social, crítica e ação coletiva, merece ser também articulada com outros campos da cultura, tal como o da crítica literária. Ao colocar Freire em diálogo com Drummond, acreditamos seguir uma lógica de expansão interna à própria obra do primeiro, senão também do segundo.

Após diálogos extensivos com outros autores, Paulo Freire concebeu a *Pedagogia do Oprimido*, marcando notável presença na pesquisa pedagógica e destacando-se como um referencial na literatura que abrange sociedade, cultura, política, economia e epistemologia. Streck (2009) observa que a diversidade de pensadores incorporados por Freire contribuiu para enriquecer sua obra principal

com distintas características. Essa riqueza resulta em uma conduta única, permeada por influências diversas, onde as concordâncias e discordâncias convergem para forjar uma síntese robusta. Assim, o trabalho de Freire não apenas reflete uma síntese original de ideias, mas também amplia os horizontes da pesquisa pedagógica ao incorporar diferentes perspectivas e reflexões de pensadores diversos.

As notas de rodapé indicam também os interlocutores que Paulo Freire escolhe para elaborar as suas idéias. Hegel e Marx aparecem junto com Erich Fromm, Karel Kosik, Althusser e Lúkacs; Franz Fanon e Albert Memmi com a fala de um camponês e o depoimento de um sociólogo; Marcuse, Sartre, Simone de Beauvoir, Martin Buber e Jaspers com Husserl; Reinhold Niebuhr com Gregório de Nissa e Mater et Magistra; Álvaro Vieira Pinto, José Luís Fiori e Francisco Weffort com Lucien Goldmann e Wright Mills; Che Guevara e Camilo Torres com Mao Tsé-Tung. As possibilidades de combinação dos nomes acima referidos, e de tantos outros não mencionados, são quase infinitas e dão uma ideia do caráter plural da obra de Freire (STRECK, 2009, p. 543).

A *Pedagogia do Oprimido* começa com um espírito de dedicação cheio de esperança e sonhos, e se torna um apelo político àqueles que lutam por si e pelos outros ao redor do mundo. Diz o autor: “aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 2005, p.128). Mas quem são essas pessoas dedicadas? Este é um problema básico que pode nos ajudar a entender o método de ensino.

Nos escritos da *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2003) não explicita claramente o significado da expressão "esfarrapados do mundo", mas sua compreensão pode ser inferida a partir dos argumentos ancorados no conceito de opressão. Freire identifica o opressor como aquele que, de maneira geral, relega e proíbe a existência daqueles que são oprimidos. Os oprimidos, por sua vez, são os renegados, aqueles proibidos de ser no mundo e negados da oportunidade de se humanizar. Nessa perspectiva, a expressão "esfarrapados do mundo" emerge como metáfora poderosa que captura a exclusão, marginalização e privação impostas sobre quem enfrenta a opressão, revelando assim a essência da luta por libertação e humanização.

A opressão, ao comprimir e transformar seres humanos em seres oprimidos, constitui um fato desumano, negando a vocação ontológica inerente à humanidade. Para Freire (2005), a ausência de justiça, a exploração negam a plena ocupação humana. Esse estado não humano não se limita apenas aos oprimidos, estendendo-

se também àqueles que perpetuam a opressão, embora suas experiências possam ser distintas. Assim, a análise freiriana destaca a complexidade da desumanização, evidenciando que ela afeta tanto aqueles que são roubados quanto os que praticam o roubo, revelando a profundidade desse problema.

Vale apenas sublinhar o fato de que a proposta de Freire, embora se engaje ao lado dos oprimidos, visa a construção de uma consciência crítica que ataca o processo de desumanização dos dois lados, não se configurando como uma doutrina divisora, separatista, mas como uma prática libertadora, que para ter essa amplitude precisa ir além dos limites convencionais da educação, abrindo-se ao diálogo com a práxis de outras esferas culturais e sociais, como a poesia. Afinal, ao mesmo tempo firme em seu compromisso com a resistência à mercantilização do mundo e suas lógicas de opressão, como vimos no primeiro capítulo em diálogo com Alfredo Bosi, a poesia, pelo mérito de sua organização formal, abre-se para o diálogo com a alteridade, intensifica a compreensão mútua, mesmo em suas diferenças, “humaniza em sentido profundo”, para lembrar os termos de Candido em “O Direito à Literatura” (1987).

Como a poesia – e acreditamos que *A Rosa do Povo*, de Drummond é um dos pontos altos nesse sentido – pode atuar no que seria o nervo central da pedagogia de Freire, qual seja, a ideia de que, por um lado, o oprimido deve ser o protagonista na luta contra a opressão, ao mesmo tempo em que, por outro lado, a educação deve instigá-lo, quando não capacitá-lo a essa luta? Após reflexão, Zitkoski (2006) reforça o conceito do protagonismo da pessoa oprimida, destacando que não é incumbência exclusiva de intelectuais, faculdades ou líderes políticos explicar à classe popular a natureza de sua luta política. Em vez disso, a classe oprimida deve encontrar, por si só, a história da humanidade, ressignificando a produção da cultura, as relações interpessoais e o poder necessário para cada sociedade. Mas como podemos cultivar as práticas que capacitam os oprimidos a assumir um papel ativo na construção de seu próprio destino, promovendo uma visão mais inclusiva e participativa da história e da transformação social?

Deixaremos essas perguntas em aberto, para tentar respondê-las – se é que é possível – com o que será realizado no terceiro capítulo. Mas pode-se afirmar desde já que é por essas razões que a luta política pela libertação exige que os oprimidos estejam no centro do processo, lutando por seus próprios objetivos políticos, não servindo apenas de espetáculo para a promoção de lideranças

interesseiras (Zitkoski, 2006). Assim, a *Pedagogia do Oprimido* não apenas destaca o caráter essencial da participação ativa da classe subordinada na mudança social, mas também enfatiza o papel central da experiência cognitiva desse protagonista, a pessoa oprimida. No processo de aprendizagem para narrar sua própria vida, atuando como autor e testemunha de sua história, ou seja, biografar-se, existenciar-se e historicizar-se (Freire, 2005), a pedagogia promove uma conduta que capacita os oprimidos a se tornarem agentes fundamentais na construção de seu destino.

Nesse contexto, a emergência da consciência crítica demanda um trabalho formativo, e a proposta de alfabetização de Paulo Freire se alinha ao princípio de que *pensar o mundo é julgá-lo*. O alfabetizando, ao iniciar a escrita livre, não apenas reproduz palavras, mas expressa juízos, estabelecendo uma relação mais profunda com o conhecimento, estimulando a reflexão e a capacidade de discernimento crítico diante da realidade.

Esses movimentos buscam reproduzir suas experiências até certo ponto; a alfabetização gradualmente pressupõe que a consciência dos participantes se desenvolve à medida que eles expressam suas experiências por meio de formas escritas. Ao considerar-se testemunhas de suas próprias histórias, os indivíduos envolvidos no processo de alfabetização não apenas adquirem habilidades linguísticas, mas também se tornam agentes ativos na construção e compartilhamento de suas narrativas.

Freire enfatizou que as abordagens educacionais não devem se restringir à repetição mecânica de palavras, transcendendo o mero desenvolvimento de habilidades baseadas nos requisitos lógicos de termos abstratos. O propósito é possibilitar que a alfabetização esteja intrinsecamente conectada às palavras do próprio universo do aprendiz. Não haveria aqui uma afinidade essencial com a poesia? Essa prática de desautomatização da linguagem ou, para usar um conhecido termo do formalismo russo, de estranhamento justamente da “repetição mecânica” de certas expressões e palavras em sua associação naturalizada com certas práticas sociais? Assim, o início de “Morte do Leiteiro”, que em seus primeiros versos torna ambíguo saber se é o leite ou o próprio país que se deve entregar logo (“Há pouco leite no país, / é preciso entregá-lo cedo. / Há muita sede no país, / é preciso entregá-lo cedo”), num jogo sintático que já instiga o leitor a se colocar de guarda, atento à linguagem, e por isso igualmente em posição distanciada em relação às suas afirmações, como a de que “bandido bom é bandido morto”, para

usar uma expressão que infelizmente voltou à tona nos últimos anos: “Há no país uma legenda, / que ladrão se mata com tiro” (Andrade, 2000, p. 108).

Dessa forma, o processo visa, na devida ocasião, não só o reconhecimento, mas também a expressão das palavras que constituem a realidade circundante. Ao facilitar essa integração entre linguagem escrita e experiência pessoal, a pedagogia freiriana promove uma educação que não apenas capacita os indivíduos a decodificar palavras, mas também a relacioná-las significativamente ao seu contexto e vivência. Ao analisar as razões que estruturam a lógica da opressão, observamos que temos melhores condições para superá-la, buscar um sentido melhor pela consciência crítica, pondo-a em prática. Ou seja, trata-se de refletir sobre o mundo e a ele voltar (Vasconcelos e Brito, 2009). A educação como prática da liberdade implica que cultura, política, economia, questões cognitivas estão participando ativamente umas das outras e que essa relação entre elas (entre educação e poesia, especificamente em nossa proposta) pode ser utilizada para desfazer as hierarquias de subalternidade, obediência alienada, silenciamento e invisibilização socialmente naturalizadas.

Retomando o diálogo já iniciado com o pensamento pós-colonial, podemos considerar a contribuição da pensadora indiana Spivak (2010), em seu célebre ensaio “Pode o subalterno falar?” Freire não se propôs a falar pelos oprimidos, no entanto, ele se esforça para construir um espaço de diálogo. Nesse espaço, as estruturas da opressão, invisíveis e mistificadas, devem ser trazidas para o estágio histórico, para que sejam objeto de conhecimento e de experiência da consciência crítica. O livro de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* – assim como *Pedagogia da Esperança* e *Conscientização*, que ainda serão abordados – compartilham temas e ideias que serão enfatizados no próximo capítulo. Cada obra aborda de maneira intrínseca a questão da opressão e da busca pela libertação, ressaltando a importância da educação e da conscientização no combate pela justiça social. Através de uma análise crítica desses conceitos, Freire destaca a necessidade de empoderar as pessoas por meio do conhecimento e da reflexão, promovendo uma conduta emancipatória que transcende as barreiras educacionais. Nesse transbordamento, temos procurado captar possíveis diálogos com a poesia, ela também emancipatória, de Drummond em *A Rosa do Povo*, obra cuja leitura ganha em ser aproximada à tríade de livros de Freire e seu conjunto coeso de ideias,

delineando um caminho para a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2.3 Categoria de análise: povo oprimido, diálogo, esperança e conscientização

Assim, na luta constante pelo trabalho livre, não alienado, pela desalienação tanto de oprimidos quanto de opressores, deve haver um processo de diálogo, de humanização da sociedade, tarefa para a qual a literatura tem um papel decisivo, como dizia Antonio Cândido, ao pensar esse processo em seu sentido profundo, além de qualquer moralismo ou maniqueísmo (1987). Nessa dinâmica de opressão contra a qual a educação, para Freire, deve se levantar, as pessoas que vivenciam a violência de seu opressor, o processo que as leva a um "ser menos", internalizam-no dentro de si e vivem uma dualidade, uma cisão interna. E como Drummond sabe encenar esse processo em todos os seus dilemas! Pensemos em "caso do vestido", diálogo entre mãe e filhas sobre o vestido de uma antiga amante do seu esposo e pai: "Mas a dona nem ligou. / Então vosso pai, irado, // me pediu que lhe pedisse, / a essa dona tão perversa, // que tivesse paciência / e fosse dormir com ele..." (2000, p. 96). Ao fim do poema, o peso simbólico de toda a opressão de gênero dentro do casamento se faz sentir no reiterado temor de passos fantasmas do marido: "Minhas filhas, eis que ouço / vosso pai subindo a escada" (2000, p. 102).

Freire (2019) mostra que o apego do oprimido ao opressor não lhe permite tomar consciência de si mesmo como pessoa. Tal situação permanece quando, por exemplo, a reforma agrária é buscada não como forma de libertação, mas como um meio para conquistar terras, tornar-se proprietário, ou mais precisamente, patrão de novos empregados. Embora não se reconheçam como classe oprimida, eles ainda se encaixam nas engrenagens da estrutura da classe dominante, por medo ou insegurança, situação que gera conflito interno: eles querem se libertar, mas têm medo dessa liberdade porque, no processo violento, foram coisificados e alienados de sua autonomia, o que os leva a acreditar que não podem ser os autores de sua própria história.

Partindo dessa premissa, deve-se compreender que a pedagogia libertadora precisa estabelecer uma relação de diálogo com o sujeito e reconhecê-lo como produtor de cultura. O educando pensa, age, cria, recria e interage com seus pares e com o mundo; assim, participa de uma ação educativa em que se reconhece como

oprimido e assim se opõe às condições vivenciadas, habilitando-se a participar da luta consciente para se libertar.

Os educadores devem sempre estimular a prática da libertação, e ter a consciência de que seu processo pode ser tão violento quanto o processo de opressão, com a diferença de que esse ato de desafio dos oprimidos pode iniciar o amor, enquanto a opressão só pode impedir o amor de se concluir. Como indica Freire (2019, p. 60), “por isso é que somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam”.

Esse processo de violência é transmitido de geração em geração, criando opressores cujo comportamento opressor é cada vez mais sofisticado (Arroyo, 2019). Os anos se passam, mas o tempo continua o mesmo porque tal estrutura se reproduz da mesma forma, desde que os portugueses chegaram ao Brasil em 1500 e gritaram terra à vista.

Os colonos estrangeiros ignoraram tudo e todos que já viviam e ainda vivem aqui porque, em sua visão, só eles seriam humanos; e o resto, coisas. Como revela Arroyo (2019), terra, bens, produção, criações humanas, tudo se resume a objetos de seu comando. Nesse desejo desenfreado de possessividade, eles acreditavam firmemente que é possível converter tudo em seu próprio poder de domínio. Todo o capitalismo moderno se desdobraria desses princípios da colonização: tudo, no fim, “uma apenas mercadoria”: o dinheiro como medida de todas as coisas e o lucro como seu principal objetivo.

A partir desta análise, Freire (2019) reconhece o povo historicamente oprimido, segregado que, como ser humano, vive à margem do processo de humanização. Por isso, faz objeções à educação bancária. Uma de suas marcantes características é conceber a realidade social como algo estático, trazer conteúdos desconectados e alheios à realidade que os alunos vivenciam, transformando a palavra em palavreado alienante. Dessa forma, segundo Freire, (2019), os educadores não comunicam, mas publicam comunicados e conteúdo, cabendo aos alunos apenas expressar, aceitar com paciência, memorizar e repetir. Essa é a filosofia bancária da educação.

Na educação bancária, as pessoas não buscam mais saber, divorciadas da prática, e não pode haver mais gente, afinal, o conhecimento só existe na invenção e na reinvenção, e na exploração incessante, impaciente e permanente das pessoas

no mundo, com o mundo e os outros. Na educação bancária, o educador é visto como o pensador, aquele que sabe, aquele que detém o conhecimento, aquele que disciplina, aquele que escolhe e prescreve sua escolha, o fazedor, aquele que assim escolhe o conteúdo do programa. Dessa maneira, o educador e o sujeito do processo e os alunos são apenas objetos do processo (Freire, 2019).

Nesta visão bancária da educação, os homens são vistos como animais adaptativos. Quanto mais os alunos praticam os depósitos feitos sobre eles, menos eles desenvolvem seu senso crítico. O educador aí promove a ignorância, nega que a educação e o conhecimento sejam busca do aluno, inspira sua passividade ao invés de sua criticidade, e assim atende a interesses do opressor, adestrando, mais que educando, o oprimido, ao assumir uma posição que se opõe a qualquer educação que estimule a mente real do sujeito. Tudo se resume a fazer com que o oprimido se adapte melhor à situação imposta pelo opressor.

Assim sendo, a solução para libertar efetivamente os oprimidos não é se encaixar na própria estrutura que os oprime. Os oprimidos devem desenvolver um pensamento autêntico e crítico que lhes permita mudar a realidade de suas vidas para que possam criar uma vida para si mesmos. Em luta contra esse utilitarismo da lógica bancária, o “oficial administrativo” do poema dramático “noite na repartição” dialoga com o papel, a porta, a aranha, “todos os álcoois”, a traça e muitos outros seres. Fora do horário de trabalho, homem, bichos e objetos se transfiguram, revelando desejos e tensões noturnas, que não caberiam na rotina do expediente. Ao fim, da desordem provocada pela vassoura elétrica, saindo sintomaticamente do “garrafão de cachaça” (2000, p. 112-120), emerge uma pomba que propõe uma reconciliação entre todos. O pacto por ela proposto não parece ser mais que uma justificação para aceitar as coisas como estão: “Papel, homens, bichos, coisas, calai-vos. / Trago uma palavra quase de amor, palavra de perdão”, inclusive com direito a condenar determinados atores a retomar sua posição natural, regressar a seu “comportamento essencial”. O poema se encerra com uma didascália que descreve a transfiguração humanizadora do funcionário, saldo de todo o processo, e com uma fala do coro em torno dele, que a coloca em dúvida: “O oficial administrativo soergue o busto, suas vestes cinzentas tombam, aparece de branco, luminoso, ganha subitamente a condição humana: // Uma coisa bela?!...” (2000, 120).

Seria ingênuo não esperar que a classe dominante recuasse ou abandonasse suas práticas dominantes tal como seria ingênuo acreditar que a solução sairia de

uma pomba (símbolo religioso, de paz) milagrosa que emerge de uma garrafa de cachaça. Edificação moralista religiosa e consumismo hedonista parecem convergir aqui como dois extremos do mesmo processo de alienação conduzido pelo mundo bancário, com seus deputados, burocratas e oficiais.

Como condenar e criticar a educação bancária? Como problematizar a educação e transformar os alunos e a si mesmos? Partindo desse pressuposto, o educador não é mais aquele que apenas educa, mas aquele que se educa enquanto educa, e estabelece uma relação de diálogo entre o educador e os educandos como corpo principal do processo. A educação problematizadora, verdadeiramente reflexiva, significa o ato de revelar continuamente a realidade, de ver o indivíduo como um ser inacabado e inconclusos, e uma realidade inacabada quanto a realidade histórica. A partir do momento em que o homem tem essa consciência do inacabado inconcluso, a educação está sendo constantemente reformulada pela prática, e deve ser. Aqui começamos a pensar a esperança e a conscientização, a partir da pergunta que encerra o poema de Drummond e que deve restar sempre em aberto, feita pelo coro, toda a sociedade reunida em torno da experiência humana.

De fato, é um ato de violência colossal ignorar o homem como sujeito histórico, que encontra sua relação com os outros em um movimento, torna-se sujeito de seu próprio movimento. Essa busca por mais que difícil, só é possível em conjunto com a liberdade de ser. Freire considera a dialogicidade como a essência da educação como prática de liberdade, de emancipação, considerando que o ser humano se faz reflexivamente por palavras, obras e ações. Nesse âmbito Freire diz que o diálogo tem como sua primeira condição o amor, e esse sentimento é constituído pela liberdade que a outra pessoa tem de se expressar ou ainda mais de ser ouvida. O amor permite-nos colocar-nos no lugar do outro, compreender as suas necessidades e pensamentos com firmeza através da palavra, de forma corajosa e honesta. Isso é impossível em condições de opressão, onde predomina o medo, caso em que os outros são silenciados por meio de monólogos autoritários cujo objetivo é dominá-los.

Na visão de Freire, se eu não amasse o mundo, se eu não amasse a vida, se eu não amasse os homens, a conversa seria impossível para mim. Sem humildade não há diálogo, e como posso dialogar se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre nos outros e não em mim? Assim, a segunda condição de uma relação de diálogo é a humildade. Os educadores precisam identificar as reais necessidades

dos alunos. Ao dialogar com o sujeito, não se pode temer o saber do outro. Mesmo que o ponto de vista do outro seja oposto, é preciso estabelecer uma relação de diálogo de respeito e humildade. É precisa ser humilde para dialogar e construir novos conhecimentos juntos.

A terceira condição da relação de diálogo é a fé. Por fé não se quer dizer crença em um ser divino, religioso e supremo. É a fé no ser humano e em seus contextos como sujeitos históricos que se criam e se recriam e, por serem sujeitos históricos, estão em processo de criação. Esta fé nos homens não é, segundo Freire (2019), ingênua, mas com a crença de que os sujeitos-chave que adquirem esse poder criativo podem renascer e se reconstruir mesmo em condições adversas, ressignificando sua condição de oprimido. Quanto mais essa fé nas pessoas for construída, mais provável é que haja uma conversa baseada na verdade.

A quarta condição da relação de diálogo é a esperança. Ela impulsiona nossas ações e intenções, levando-nos a buscar uma nova ideia que não se substancie isoladamente, mas que considere o valor da experiência coletiva e da comunicação entre as pessoas e o mundo (Freire, 2019). “Uma flor nasceu na rua!” (Andrade, 2000, p. 15). Neste contexto, a esperança não deve ser mera espera passiva, que acomoda a opressão e todas as injustiças, mas uma esperança que nos faz querer cada vez mais lutar pela liberdade. De acordo com Freire (2019), quando luto, ajo com esperança, e ter esperança implica igualmente lutar. Podemos pensar que, inversamente, luta sem esperança é rotina, e esperança sem luta, mera compensação. Nesse nó necessário entre luta e esperança, não há algo da razão misteriosa do poema “áporo”? “um inseto cava / cava sem alarme / perfurando a terra / sem achar escape // que fazer, exausto / em país bloqueado / enlace de noite / raiz e minério? // Eis que o labirinto / (oh razão, mistério) / presto se desata: / em verde, sozinha / antieuclidiana, / uma orquídea forma-se” (2000, p. 56).

A quinta condição da relação de diálogo é o pensamento autêntico. Isso só pode emergir do diálogo do pensamento crítico, expansivo e criativo que concebe o sujeito como um todo, sujeito de ação sempre em movimento. Somente o verdadeiro diálogo pode ampliar a mente e o conhecimento do sujeito para efetivamente praticar a educação emancipatória. No dizer de Freire (2019), o diálogo é constituído pela prática, ou seja, pela ação baseada na reflexão. Essa prática revolucionária está em oposição direta aos modelos linguísticos tradicionalistas de educação que

entendem o sujeito como acúmulo de conhecimento e não promovem o ato de permitir que o sujeito construa seu próprio conhecimento.

A teoria do diálogo sempre sustentou que a educação não é apenas transmitir conhecimento. Os educadores devem estimular o máximo de experiências possíveis para que os alunos se reconheçam como verdadeiros agentes de mudança. Esse encontro entre professor e educando pode refletir, repensar a injustiça da sociedade em que vivem, e a partir dessa conscientização mudar a realidade opressiva.

Porém, toda ação que vise estimular o despertar da classe oprimida será duramente criticada pelos opressores. Assim, a teoria educacional de Paulo Freire não prevê um ambiente neutro ou favorável à educação libertadora, prevê sim que essa é uma prática de resistência, revolucionária, que se debaterá contra estruturas que lhe são hostis. “Não, o tempo não chegou de completa justiça / O tempo ainda é de fezes, maus poemas, alucinações e espera” (2000, p. 14). Como dizem os versos finais do poema, que ainda analisaremos com mais detalhe, junto com outros de *A Rosa do Povo*, no terceiro capítulo, a flor vem lembrar que não devemos desanimar com as desgraças que vemos no caminho, devemos focar em dar voz aos corações alienados.

Freire (2019) expressa sua crença na humanidade e na criação de um mundo onde seja mais fácil amar. Tal crença instiga uma obra atual, que décadas depois de sua construção e publicação, continua a fazer perguntas fundamentais sobre nossa sociedade, uma vez que aborda o ser humano em suas múltiplas faces: ontológicas, antropológicas, éticas e políticas, como diz Schonnor (2010). Ver a humanidade em todas essas dimensões e problematizando sua relação com mundo, a situação das pessoas e seus desafios significa ter consciência histórica, especialmente aquela que nos leva a tentar superar todas as formas de desumanização.

Para mencionarmos brevemente alguns problemas concretos da educação no Brasil, nossa estrutura escolar está se deteriorando por falta de investimento, o transporte escolar não existe e, se existe, a frota está morta. A violência está no salário dos professores e de todos os educadores que ficam para trás. A violência ocorre quando uma pessoa é obrigada a seguir um currículo que não é adequado para todos os alunos. Na ausência de políticas públicas que garantam seu direito fundamental de viver com um mínimo de dignidade, cada vez mais os alunos assumem responsabilidades desde cedo, o que os impede de frequentar a escola.

Vivemos ainda uma época de crescente exclusão coletiva, em que a ampla maioria das pessoas é privada de seus direitos.

Como mostra Arroyo (2015), Freire nos mostra, ao criticar a forma bancária de educação e outras práticas pedagógicas opressivas, que a desumanização opera não só de forma explicitamente violenta, pelo roubo, fome, falta de acesso à saúde, à formação e à informação. Ela também ocorre mesmo quando se dá uma educação alienante, que se limita a buscar a adaptação mais econômica dos sujeitos a uma posição na hierarquia social. Para tratar de uma experiência mais recente, podemos pensar no quanto a pandemia pôs em evidência todas as desigualdades sociais que existem entre os povos; diante do caos na saúde pública no país, foi preciso gritar que a vida importa. Um dos direitos fundamentais do ser humano, o direito à saúde, foi negado devido aos governos negligentes que seguiam políticas negacionistas, matando milhares com base numa visão alienante, que não só justifica, mas ainda celebra a violência do forte sobre o fraco.

Tudo isso mostra o quanto nossa sociedade precisa urgentemente de uma proposta de ensino com visão holística, solidária e dialógica das diversas disciplinas, pois o processo de ensino é muito complexo para ser feito, como infelizmente ainda é o caso em tantas escolas desprovidas de recursos, sem tempo para aprimorar os planejamentos, para dar mais atenção às crianças, adolescentes e adultos. Essa proposta requer uma programação diversificada e abrangente que proporcione uma aprendizagem significativa, possibilitando à instituição educacional verdadeiramente devolver a esse sujeito sua inteireza e humanidade ignorada pela sociedade. Essa abordagem visa a proporcionar um ambiente propício ao desenvolvimento integral, reconhecendo a singularidade de cada indivíduo.

A diversidade de métodos e estratégias educacionais emerge como fundamental, permitindo que a instituição cumpra efetivamente seu propósito de formação holística. Nesse contexto, a ênfase na aprendizagem significativa representa um passo essencial para promover a autonomia, a reflexão crítica e o resgate da humanidade muitas vezes negligenciada no processo educacional. Ora, é justamente nesse ponto que o diálogo entre educação e poesia se revela como um fator privilegiado para instigar essa dimensão holística (afinal, a experiência literária frequentemente se constrói, como é o caso em Drummond, como condensação de uma série muito diversa e ampla de discursos, saberes, culturas etc.). Mais do que isso, como temos tentado mostrar desde o início – e faremos com mais detalhes no

terceiro capítulo – *A Rosa do Povo*, de Drummond, não só instiga esse diálogo com a educação em sua constituição múltipla, mas também o faz encenando os dilemas de categorias essenciais da obra de Freire: a opressão, a libertação, o trabalho, a esperança, a utopia.

Pensando nas afinidades entre os autores de um modo mais geral, diríamos que, na *Pedagogia do Oprimido*, Freire destaca a educação libertadora, permitindo que os oprimidos alcancem a consciência de sua condição e busquem a libertação. *A Rosa do Povo* encena em muitos pontos as dificuldades e dilemas desse processo de conscientização, desde um eu lírico crítico, reflexivo, que põe em questão mesmo a viabilidade das lutas emancipatórias (“ainda não é o tempo de justiça”) até as mais variadas formas subjetivas de alienação, algumas mais conscientes, como a do eu lírico de “Consolo na praia” (“A injustiça não se resolve / A sombra do mundo errado / murmuraste um protesto tímido / mas virão outros”, 2000, p. 131), outras mais irrefletidas, como a triste legenda reiterada e praticada em “Morte do leiteiro”, ou a submissão feminina de “Caso de vestido”, que já foram mencionadas.

Em *Pedagogia da Esperança*, Freire investiga, como mencionado, a tensão e articulação necessária entre luta e esperança. Dois dos poemas mais comentados e lidos de *A Rosa do Povo*, “Áporo” e “A Flor e a Náusea”, instigam uma experiência afim, na qual um acontecimento ao mesmo tempo inesperado e esperançado vem se encontrar com um trabalho tenaz sobre a aporia, o impasse. Drummond repetidas vezes nesse livro faz nascer o poema em num “tempo de partido / tempo de homens partidos” (2000, p. 28), reacendendo pelo próprio espanto diante da constatação do mundo injusto o desejo, a esperança que o poema anuncia, como o “anúncio da rosa”: “uma só pétala resume auroras e pontilhismos” (2000, p. 79). Por toda a parte, *A Rosa do Povo* transmite um tom de indignação e revolta contra a injustiça, reforçando a esperança como fator essencial na jornada pela emancipação.

Em *Conscientização*, Freire explora o processo pelo qual os oprimidos tomam consciência de sua situação e se engajam na luta por sua libertação. Na poesia de *A Rosa do Povo*, essa conscientização se manifesta na tensão entre a participação política – representada pela adesão às utopias de esquerda, como na célebre “Carta a Stalingrado” (“Os telegramas de Moscou repetem Homero. / Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um mundo novo / que nós, na escuridão, ignorávamos”, 2000, p. 165) – e a visão cética e desencantada, como a evocada em “O medo”: “Somos apenas uns homens / e a natureza traiu-nos / Há as árvores, as fábricas, /

doenças galopantes, fomes” (2000, p. 25). Isso reflete a dualidade de perspectivas enfrentadas pelos oprimidos, que, ao despertarem para sua realidade, confrontam a complexidade das escolhas políticas e as ambiguidades do engajamento social.

A poesia de Drummond, assim como a teoria de Freire, nos leva a observar a importância de uma consciência crítica na busca pela libertação, reconhecendo que a conscientização é um processo multifacetado. Os princípios de Freire dialogam com a humanização profunda, para usar novamente a expressão de Candido, que *A Rosa do Povo*, em nossa leitura, visa e faz ressoar. A teoria crítica da emancipação propõe que a transformação efetiva só ocorra mediante uma reconfiguração da mentalidade dos oprimidos. A leitura do livro de Drummond provoca tal mudança, tanto ao explicitar e denunciar injustiças sociais quanto ao tocar na já mencionada complexidade da conscientização e do engajamento social, sempre às voltas com os problemas e efeitos de suas próprias possibilidades.

Drummond, então, torna-se um farol, orientando não apenas a análise crítica, mas também a humanização profunda no âmbito pessoal e a ação transformadora no âmbito social. Mas como a poesia de Drummond tem habitado a experiência educacional brasileira? Trata-se de uma pergunta difícil de ser evitada quando propomos toda essa relação entre o poeta e o educador Paulo Freire. Para tentar respondê-la, trazemos à tona o estudo de Ana Carla Pereira Martins Conselho (2010), que analisou a presença de Drummond em manuais escolares do ensino médio brasileiro. Assim, no próximo tópico, exploraremos a contribuição de Carlos Drummond de Andrade à educação brasileira. Analisaremos sua perspectiva única e os impactos de suas ideias no cenário educacional. A ênfase recairá na compreensão de como o renomado poeta assume um papel na educação e na formação da sociedade brasileira. Buscaremos desvelar as nuances de suas propostas e reflexões, destacando o legado deixado por Drummond no campo educacional.

2.4 A Poesia de Drummond na Educação Brasileira

É difícil iniciar esse tópico sem registrar a proeminência de Drummond, dentre os modernistas, como poeta que conquistou notoriedade em âmbito nacional. Ele tornou-se uma fonte inspiradora para diversos livros didáticos de língua portuguesa e literatura brasileira no ensino médio. A importância do estudo da poesia de

Drummond no Ensino Médio é geralmente contextualizada na história do movimento modernista brasileiro, mais especificamente em sua dita segunda fase. Mas a obra drummondiana também surge quando se trata de chamar a atenção para o ensino de textos poéticos em geral (Guedes, 2002) e no âmbito da análise das artes de maneira ampla.

Nesse contexto, Conselho (2010) expõe como a inserção da poesia dentro da escola é atualmente moldada pela linguagem teórica das habilidades e competências. Teríamos aqui, por certo, algumas tensões com as ideias de Freire, cujas propostas educacionais são outras. Não desenvolveremos esse ponto, pois isso obrigaria a compreender toda lógica de constituição de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e sua adaptação à prática educacional das escolas, o que nos levaria muito longe fora de nosso caminho. De todo modo, vale notar que tais diretrizes não determinam quais obras e autores devem ser abordados.

Contudo, acredita-se que o estudo da poesia de Drummond permanece quase sempre presente, por oferecer uma experiência representativa de vários pontos que costumam definir e justificar a presença da literatura – e da poesia em particular – na sala de aula: a importância de compreender o que é a linguagem poética; o propósito da poesia e das artes em geral; o papel dessa linguagem na construção do sentido; o efeito de dispositivos retóricos, do uso da sonoridade, do ritmo e figuras de linguagem; os limites que definem, separam e articulam arte e vida, a linguagem da poesia e do cotidiano.; e como tais questões estão atreladas à formação histórica da identidade social de um povo, à história da modernização brasileira.

Outro elemento essencial para a presença da obra de Drummond na escola é a amplitude de temas que ela aborda, sua capacidade de tocar dilemas existenciais, questões mundanas, sentimentais, que atijam o leitor. Esse aspecto é vital para os estudos poéticos na escola, em seu desafio de trazer os alunos para esse diálogo vertiginoso com a poesia, diálogo para o qual são chamadas suas próprias sensações, experiências e especulações são chamadas (Guedes, 2002 apud Conselho, 2010).

Nessa luta inglória, o professor encontra em Drummond um grande aliado, de grande importância para o cultivo da poesia moderna. Conselho lembra aqui, junto com Mello (1998), o fato de a poesia moderna se destacar por sua dificuldade de codificação, quando comparada com outras formas literárias (romance, novelas

etc.). Aqui novamente a introdução da poesia de Drummond surge como uma porta de entrada interessante, solidificando-se quase como paradigma do que se tornou no Brasil a poesia após o modernismo.

Obviamente, Drummond não pode ser tomado como um salvador do ensino de poesia no Brasil, muito menos ainda num contexto institucional educativo que vê no aprendizado não uma experiência de transformação social emancipatória e, no limite, revolucionária, mas como a aquisição de competências e habilidades linguísticas a serem depois vendidas como produtos no mercado de trabalho. Segundo Conselho, é inegável “o caráter redutor das propostas apresentadas pelos manuais [escolares] para o estudo da poesia de Drummond” (2010, p. 124). Apesar disso, a pesquisadora constata, não é possível prescindir desses recursos didáticos no contexto educacional brasileiro, restando infelizmente ao professor o esforço adicional necessário para suprir as lacunas. Seja como for, dada a riqueza de sua poética, sua capacidade de atrair tantos interesses da educação literária escolar e de tocar o leitor, a poesia de Drummond ocupa – e provavelmente seguirá ocupando – um papel muito destacado nos manuais, documentos e espaços da experiência poética dentro da escola.

Podemos imaginar o quanto esse papel seria exponencialmente enriquecido numa proposta educacional que levasse em conta as afinidades entre Drummond e Paulo Freire. No próximo capítulo, avançaremos nesse caminho, ao apresentar uma análise crítica de *A Rosa do Povo*, ressaltando aspectos formais e de conteúdo que indicam um processo de conscientização do leitor por meio da poesia. Vamos destacar como a obra busca promover a emancipação do pensamento e o desenvolvimento do espírito crítico do leitor. Analisaremos os recursos poéticos empregados por Carlos Drummond de Andrade para provocar reflexões profundas sobre questões sociais, políticas e existenciais.

CAPÍTULO 3: Poesia e emancipação em *A Rosa do Povo*

Os poemas contidos na obra *A Rosa do Povo*, escritos por Carlos Drummond de Andrade na década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial e a ditadura de Estado, abordam uma ampla gama de temas. Estes incluem o ofício poético, as relações complexas com as palavras, questões sociais e políticas, relacionamentos, desejos e o vínculo inegável com o corpo.

De acordo com Pasini (2015), Drummond articulou a participação social com a reflexão sobre a forma poética e a natureza da poesia. A partir da extraordinária fusão entre visões revolucionárias e uma aguda consciência metafórica, surge uma experiência de linguagem na qual intervenção social e consistência poética andam juntas, num arranjo que testemunha antes de tudo como a escrita poética pode ser uma prática da liberdade, nos termos de Freire (1987, p. 56):

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores.

A Rosa do Povo, de Drummond, nos instiga assim a pensar junto com Freire uma educação do povo, quer dizer, uma prática educativa na qual o rigor atento às demandas do ato de educar andem juntas com uma prática de intervenção social. Educação e poesia, cada uma a seu modo, são rosas, flores, orquídeas que nascem do asfalto, inesperadas e esperanças, acontecimentos que vêm ao encontro da labuta tenaz de quem escreve e educa. Por um lado, os poemas de *A Rosa do Povo* manifestam o movimento de participação, que não apenas responde aos eventos e intervenções do tempo, mas também reorganizar poeticamente o diálogo com ele.

O título *A Rosa do Povo* é simbólico, pois, conforme Sant'Anna (2009), o poeta está entrelaçando duas palavras, cujos significados estão imersos um no outro. A palavra "rosa" pode ser interpretada como poesia repleta de esperança ou poesia que fala sobre a vida cotidiana das pessoas que saem às ruas para lutar por direitos e, frequentemente, são detidas e revistas. Embora a palavra "povo" possa evocar a participação social do rosto mais envolvido de Drummond, ela também

pode representar a multiplicidade de pessoas, cada uma delas com dramas e com desejos íntimos os mais variados.

Conforme amplamente registrado pela fortuna crítica do poeta, sua obra não se resume à coleção de temáticas que aparecem superficialmente. Isso se deve ao fato de que temas como família, nação, destruição, tédio, província, “gauchismo” só podem ser compreendidos devidamente quando contextualizados no jogo poético em questão. Apesar de parecerem distintos, ao serem observados e analisados sob o mesmo plano, esses temas se mostram inter-relacionados, em vez de serem separados ou fragmentados.

Por meio desse processo, Drummond atinge um equilíbrio raro, desvelando preocupações poéticas enquanto se conecta com a vida cotidiana e as questões sociais. O sujeito, que inicialmente interagia com o objeto, passa a interpenetrar-se com ele, como lembra “Procura da Poesia”: “A poesia (não tires poesia das coisas) / elide sujeito e objeto” (2000, p. 13). Essa elisão, destacada na coletânea de poemas *A Rosa do Povo*, só se torna compreensível adentrando a análise dos poemas à medida mesma que se cava igualmente o contexto social e político da obra. No cenário da ditadura de Vargas (1930-1945), que reprimia qualquer manifestação, Drummond, inicialmente rotulado como anarquista, utilizou a poesia como meio de revelar as realidades tanto do “mundo” quanto do “eu” que ansiava.

O título já carregava uma palavra de grande significado para a época. Além de metaforizar a poesia, “rosa” pode representar o ideal utópico socialista do qual o poeta está então bastante próximo. Conforme Chevalier (2000), ela simboliza uma conclusão perfeita, uma realização completa. Representa a taça da vida, a alma, o coração, o amor. Devido à sua associação com sangue derramado, frequentemente parece ser um símbolo de renascimento místico.

A representação mística da rosa está intrinsecamente associada à cruz na iconografia cristã, como destacado por Chevalier (2000). O símbolo da rosa-cruz é frequentemente situado no centro da cruz, próximo ao coração de Jesus. Essa associação remonta à tradição judaico-cristã, que narra o nascimento de uma rosa ao pé da cruz de Jesus Cristo, regada pelo seu próprio sangue. A rosa, assim, passou a simbolizar o sacrifício e o surgimento de um novo mundo, representando o local onde, mesmo diante da morte, da dor e do sofrimento, a vida emergiu e foi por ela personificada.

Conhecida como a obra em que Drummond está mais engajado com seus princípios revolucionários, socialistas e anticapitalistas, *A Rosa do Povo* é também, segundo Achcar (1993), a mais abrangente e diversificada compilação dos escritos drummondianos, com seus cinquenta e cinco poemas englobando temas e dilemas fundamentais de sua produção literária.

Essa abrangência e diversificação também se faz notar na estrutura, gêneros e formas poéticas adotadas, havendo uma alternância entre o verso livre e estrofes irregulares com o verso métrico tradicional em estrofes regulares. Tal conflito se faz notar desde os primeiros versos do primeiro poema do livro: “não rimarei a palavra sono / com a incorrespondente palavra outono. / Rimarei com a palavra carne / ou qualquer outra, que todas me convém” (2000, p. 9). Esse desajuste, ou melhor, essa “incorespondência” entre o conteúdo e a forma do poema, seria talvez uma das vias pelas quais o poema – a rosa – se abre, floresce, para fora, oferecendo-se ao povo, integrando-se às suas lutas.

Uma das formas mais comuns de figuração desse desajuste é a sensação de destruição, de ruína, que não apenas é tangível, mas também se revela no próprio equilíbrio da vida. Dos cinquenta e cinco poemas deste livro, aproximadamente vinte e três abordam de maneira recorrente o tema da destruição. Aqui se encontra a vida fragmentada, dividida, triturada, cortada, dissipada, fluindo pelos subterrâneos e ruas, em uma multiplicidade de formas, viajando entre a sombra e a luz.

Freire (1987, p. 94) afirma ser importante, para o poder, “que os invadidos vejam a sua realidade com a ótica dos invasores e não com a sua. Quanto mais mimetizados fiquem os invadidos, melhor para a estabilidade dos invasores”. Assim a emergência dessa sensação de destruição, o retrato dessa vida fragmentada, dividida entre sombra e luz, é uma forma de reacender a experiência do desajuste, de mobilizar o leitor e o povo contra a resignação e o conformismo.

3.1 “A Flor e a Náusea”

A Flor e a Náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralise os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o
Ódio. (Andrade, 2000, p. 15-17).

Nesse contexto, o poema "A Flor e a Náusea" revela a explosão desafiadora do indivíduo diante do mundo em que está inserido, ao mesmo tempo em que

oferece uma centelha de esperança quando surge uma flor perturbadora. Enquanto o protagonista percorre as ruas cinzentas, experimenta um profundo mal-estar, uma sensação de náusea diante de tudo que o perturba e incomoda, a ponto de sentir vontade de vomitar. Este estado de desconforto visceral reflete a reação intensa do sujeito diante das adversidades do seu entorno, destacando a força expressiva do poema na representação das complexidades emocionais e existenciais.

Compreende-se então que nem tudo está perdido, pois é justamente desse enjoo, revolta, náusea e ódio que emerge uma flor singular, indescritível, que rompe o asfalto. Esse fenômeno ocorre concomitantemente à formação de uma tempestade, simbolizando os turbulentos distúrbios dessa época. O poema "A Flor e a Náusea" encapsula, assim, a dualidade entre a repugnância diante da realidade e a possibilidade de renovação e resistência que pode surgir mesmo na circunstância mais adversa, criando uma metáfora impactante das complexidades da experiência humana.

Dentro dessa análise simbólica, de acordo com Chevalier (2000), a flor que compõe o título do poema e está inserida no livro representa as virtudes da alma, simboliza o amor, a harmonia, e, podemos acrescentar, o próprio poema. Ela se conecta ao simbolismo da infância e, de certa forma, associa-se ao estado edênico, sugerindo uma pureza originária, grávida de possibilidades. Como diz Achcar (1993), tal imagem contraste com a náusea, o enjoo, o asco, o repúdio, todas sensações que derivam das "melancolias, mercadorias" à espreita, o "tempo de fezes", o tempo e o mundo que se perdem. No âmbito psicológico, a náusea estava vinculada ao léxico existencialista da época, especialmente ao do filósofo Jean-Paul Sartre, cujo romance tinha esse título.

Drummond enfatiza uma poética voltada ao engajamento social; ao expressar poeticamente suas ideias, o autor demonstra envolvimento com as lutas históricas associadas à esquerda. Tal empenho revela uma face significativa da obra, onde a poesia transmite posições e críticas sociais, contribuindo para a construção de uma consciência coletiva e reflexiva. Freire (1987, p.57) explana que:

Os homens ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica.

Nessa perspectiva, o discurso lírico de Drummond e social de Freire ressoam um sobre o outro, ao exporem os dramas dessa expansão da consciência humana diante dos impasses históricos e existenciais com os quais lida, em “sua busca em si em suas relações com o mundo e com os outros”. Importa destacar que essa ligação estabelecida entre o poeta e o educador é feita não só de afinidades, mas também de diferenças: aqui, o pensador da educação descreve essa experiência humana de conscientização como um ato de transformação do mundo, que historiciza o existir humano. Já em Drummond, é precisamente o fato de a transformação ainda não ter ocorrido, de se estar ainda à espera do “tempo de completa justiça”, que põe o poeta num estado de tédio, náusea, impaciência, ódio, que vão convergir, porém, na flor que inesperadamente nasce do asfalto, renovando a esperança pela transformação.

Freire (1987) afirma que, em geral, as elites se alimentam da “morte em vida” dos oprimidos, que precisam aceitar o mundo tal como existe e construir sua vida no mesmo jogo de relação vertical imposto pela situação. Assim, não há como esperar outra coisa, salvo alucinando, e um mundo alternativo permanece no máximo como imagem compensatória, sem a qual seria impossível suportar o dia-a-dia. Em contrapartida, no contexto revolucionário, a liderança autêntica só pode emergir ao se sacrificar, “morrer” para o mundo social hierarquizado com suas leis opressivas, para em seguida renascer através dos oprimidos e em comunhão com eles.

O poema de Drummond faz uma ponte entre esses dois estados, tomando o eu desde esse estado inicial de “morte em vida”, mórbido, melancólico (o tédio seria o oposto da esperança) e, até mesmo, aprofundando-se nesse estado, recolhendo dentro dele a revolta, o ódio, o “melhor de mim”, que o salva e com o qual ele dá “a poucos uma mínima esperança” (Andrade, 2000, p. 16).

Ora, se o título “A flor e a náusea” encapsula essa dualidade antagônica, ele não deixa também de manter a tensão do poema em aberto, ao inverter a ordem que se vê em seu corpo de versos e estrofes (primeiro a náusea, depois a flor). Vale notar que, insistentemente, a parte final do poema diz que a flor é feia, desbotada, sem nome. Terá sido mais uma falsa esperança? “Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se...”, deixando “as galinhas em pânico”: será essa uma imagem da transformação que se aproxima, ou das ameaças violentas e ditatoriais que não só permanecem, mas crescem? A flor é feia, “mas é uma flor”, cujas “pétalas não se abrem” (por limitação ou por que ainda vai chegar o tempo?), que “furou o asfalto, o tédio, o nojo” e o próprio ódio que antecedeu essa esperança mínima.

Freire (1987, p.87) disserta que:

Na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder. Não se podem dar ao luxo de consentir na unificação das massas populares, que significaria, indiscutivelmente, uma séria ameaça à sua hegemonia.

Teria a esperança e a flor do poema algum papel a cumprir nessa tarefa de reunião, de “unificação” das forças sociais contra a opressão? O poeta, é verdade, senta ao redor dela ao fim do poema. Mas conseguirá atrair as pessoas, fazer dessa flor “feia” nascida da náusea e do ódio a “Rosa do Povo”? A combinação dos dois elementos sugere, à primeira vista, um paradoxo entre nascimento e perfeição, e, simultaneamente, nojo, destruição, repulsa. Tal união contraditória permite ao leitor construir um universo literário, instigando-lhe a explorar livremente esse espaço, a perceber reflexos da sociedade por meio de metáforas e personagens inseridos nela. Para melhor ilustrar o que se diz sobre o poema, examinaremos mais de perto algumas estrofes (sabendo que a análise detida de todas elas exigiria por si só um outro mestrado):

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me? (Andrade, 2000, p. 15).

Explorando a riqueza de enumerações entre o abstrato e o concreto (a prisão à “classe” e às “roupas”, “melancolias, mercadorias” à espreita), é possível perceber a relação entre sujeito e mundo. Os elementos não apenas estabelecem tal ligação, mas também caracterizam o eu lírico, proporcionando uma apreensão profunda da complexidade que permeia a identidade e a percepção social, fatores construídos por esse entrelaçamento do abstrato e do concreto, do geral e do particular. Como lembra Freire (1987, p.11):

A consciência e o mundo não se estruturam sincronicamente numa estática consciência do mundo: visão e espetáculo. Essa estrutura funcionaliza-se diacronicamente numa história. A consciência humana busca comensurar-se a si mesma num movimento que transgride, continuamente, todos os seus limites.

Nessa estrofe, nota-se a intenção do poeta: reconectar-se com a sociedade, resguardando, contudo, seu gesto poético. A busca pelo envolvimento social, por

esse movimento diacrônico e histórico de estruturação da consciência e do mundo se materializa pela linguagem do poema, é a poesia que articula essa conexão. Por outro lado, a náusea, o estado de alienação atribuído a si e à sociedade, deriva de um isolamento vivido no seio da cidade moderna, há uma sensação de apatia social que se espalha por toda parte. Não há verdadeiro diálogo entre as pessoas.

Vimos como, em Freire, a oposição entre educação bancária e dialógica se erguia justamente aí: O modelo bancário, com sua ênfase na passividade e na mera memorização, contribui para a alienação do aluno, que se torna um mero receptor de informações. A educação dialógica, por outro lado, ao promover a reflexão crítica, pode ser vista como um caminho para superar a náusea, o ódio, visando emancipar o humano. Voltando ao poema, nele, semelhanças sonoras habilmente entrelaçam elementos díspares, como mercadoria e melancolia, unindo o psicológico e o social. Essa poética revela-se uma expressão sutil das complexidades da existência, onde as nuances de cor e som convergem para pintar um retrato profundo da interação entre o indivíduo e seu entorno.

Nesse sentido, Drummond mostra como a experiência da poesia implica uma educação verdadeiramente dialógica de aprendizado da linguagem, indo muito além da decodificação silábica de “Eva viu a uva”, numa experiência que não sacrifica a “pele das palavras” às “cifras e códigos”, mas sabe que a palavra dialógica é ação, envolvimento com o mundo, ação mais sutil, que insiste em ecoar dentro da própria revolta sem armas: “posso, sem *armas*, revoltar-me?” (grifos nossos).

Diante desse intrigante jogo poético, evidencia-se a aversão das pessoas por um mundo mercantilizado, capitalista e consumista. Ao desvendar a construção sonora do poema, a notável aliteração da letra “m” ao longo do verso se revela como poderoso recurso. Tal repetição sonora sutilmente sugere ou é assombrada por um termo vulgar – “merda” – como expressão visceral de repulsa e descontentamento.

Essa escolha linguística, ao abordar a crueza da realidade contemporânea, instiga uma reflexão sobre as implicações do consumismo desenfreado. O poeta, ao acionar esse procedimento, não apenas crítica, mas também convida a uma análise profunda das estruturas que moldam nossa percepção.

Cabe observar também a segunda estrofe:

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse. (Andrade, 2000, p.15).

Ao se debruçar sobre esse mundo, o olhar é profundamente influenciado pelo objeto visado, contaminando-se pela sujeira do ambiente circundante. Através da hipálage, o caráter atribuído à torre e ao relógio é transferido para o olho, tornando-os visíveis e compartilhando a mesma qualidade das ruas poluídas e cinzentas. No segundo verso da estrofe, o complemento adverbial temporal, “de completa justiça”, é deslocado, num hipérbato que não deixa de evocar a estrutura desse adiamento. A presença da aliteração da letra “p” e a conexão com a palavra “tempo” e “pobre” nos versos seguintes também encenam sonoramente a convergência do poeta e de seu contexto “no mesmo impasse”. Freire (1987, p.23), diz:

A libertação [...] é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela, superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se.

Por certo, o poema como um todo não deixa de encenar esse “parto doloroso” – atravessando o tempo de fezes para chegar ao nascimento da flor. Nessa estrofe, especificamente, a poesia e o tempo se fundem numa aporia – o que, por certo, nos levaria mais diretamente ao inseto do poema “áporo”, que duplica e condensa “A flor e a náusea” – rua sem saída, como se fosse possível não exatamente interromper, mas imobilizar o processo que leva ao nascimento da libertação. Mas como, nos dois poemas, o aporético se transforma em acontecimento, a contradição se torna concepção, nascimento? Freire (1987, p.51) diz que:

o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca da, idéias a serem consumidas pelos permutantes.

Freire acreditava que a educação é um processo dialético, que envolve tanto a reflexão crítica quanto a ação transformadora. Vemos, na poesia de Drummond, como a metáfora poética participa de modo privilegiado desse processo dialético: a náusea leva à reflexão crítica sobre a realidade social, enquanto as flores inspiram a ação transformadora. Nesse âmbito, apresenta-se na terceira estrofe:

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase
(Andrade, 2000, P.16).

Aqui, a reiteração fonética de “sol” em “conso/a” lhe dá uma tonalidade puída, desbotada, sobretudo em razão do contraste, afirmado no plano sintático e sonoro, com a renovação, da qual ele se mostra incapaz. Uma segunda hipálage - “os muros surdos” – evoca a ausência de comunicação social, a solidão e indiferença entre as pessoas, reforçadas num contexto em que, como observado, a linguagem se torna um mero meio utilitarista para as mercadorias do mundo, insensíveis à sensibilidade da palavra, sua pele, tal como posteriormente Freire denunciaria ao apontar os vícios da educação bancária, não dialógica.

No quarto verso, a duplicação da referência às “coisas” cria uma tensão com a afirmação de que elas são “consideradas sem ênfase”. Não é precisamente isso que o poema quer fazer, enfatizar aquilo que se deixa passar despercebido? Numa outra camada de leitura, porém, o verso, ao repetir a palavra “coisas”, mantendo-as indeterminadas, ao nível do substantivo genérico, paradoxalmente enfatiza o próprio desbotamento delas. Dessa forma, o poeta, ao explorar esses recursos linguísticos, tece uma experiência intrincada que reflete não só a densa teia das palavras, mas também a complexidade e ambiguidade das dinâmicas sociais, com sua duplicidade entre explicação e surdez (v. 1), a pele e o segredo das palavras (v. 2), consolação conformista e renovação transformadora (v. 3), ênfase e indiferença (v. 4). É como se a duplicidade do título do poema habitasse cada verso, cada estrofe. A quarta estrofe demonstra-se da seguinte forma:

Vomitare esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres, mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem (Andrade, 2000, P.16).

A presença de elementos verbais como “vomitar”, ressoando com “enjoo”, “fezes” e “nojo”, marca o léxico híbrido do poema, de tom sério e agudo, voltado aos aspectos graves e problemáticos da vida. Destaca-se, mais uma vez, o isolamento, a preocupação latente com a solidão, própria das sociedades capitalistas, uma vez que as pessoas são informadas apenas dos fatos entregues pelos jornais, sem diálogo ou correspondência. O último verso nitidamente ilustra que as notícias do mundo ou sobre o mundo chegam a eles de forma lenta e indiferente, sem despertar muito envolvimento; é como se fossem soletradas, ressaltando a frieza e a distância

na transmissão das informações, evidenciando a apatia que permeia a relação das pessoas com a realidade que as cerca.

“A Flor e a Náusea”, como um todo, e essa estrofe em particular marcariam talvez o ponto de contato mais prenhe de ressonâncias e afinidades entre as obras de Drummond e Freire. Daí o protagonismo que a análise desse poema assumiu nesta dissertação. Notamos anteriormente como aquilo que o pensador da educação chama de “educação bancária” é caracterizada por essa passividade na relação com a linguagem, tratada como mero instrumento descritivo a ser utilizado pelo alfabetizando, que nessa experiência, longe de se entrelaçar ao modo como se dá a construção dialética da consciência e da palavra em sua relação com o mundo, aprende apenas a soletrá-lo, juntando mecanicamente sílabas e fonemas, ou ainda decifrando passivamente a mensagem sob a pele do discurso. Se há algum saber nessa experiência, só pode ser o da perda do mundo, não o do envolver-se com ele. Assim, podemos nos perguntar: não ofereceria a enunciação poética justamente um modelo da experiência histórica, crítica e transformadora, que a consciência humana constrói na sua relação com o mundo, modelo esse visado pela alfabetização e pela educação dialógica, ao tentar partilhar com o educando tal processo de construção, que se dá pela linguagem e pelos meios materiais de reprodução da linguagem?

Dentro desse poema, a melancolia do eu lírico contrasta com a sua tentativa vibrante de disseminar otimismo, destacando-se como uma voz lírica, por vezes descontente, e mesmo cheia de ódio, mas dedicada a se transfigurar, pondo fogo em si mesmo, em algo outro: a esperança evocada pelo renascimento das flores.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima (Andrade, 2000, p.16).

Neste verso, estabelece-se uma intrigante reiteração do pronome “mim”, que não deixa de evocar a aliteração da letra “m,” assombrada pelo termo vulgar citado anteriormente. Aqui, porém, a coisa começa a mudar: pois é desse ódio, incendiado, que vai nascer a esperança mínima. Em breve nota biográfica, vale a pena lembrar que o anarquista de 1918 foi expulso do colégio sacerdotal, aos dezesseis anos, por proclamar-se anarquista. Ao referir-se a esse episódio, o eu lírico sinaliza um ato de rebeldia, que o distancia de padrões estabelecidos e lhe permite se desvincular dos

valores e ideias que considera repugnantes, nauseabundos. Contudo, em meio à sujeira e enjoo descritos, surge a flor perturbadora da esperança, representada pela crença das pessoas num futuro melhor, prometido pela revolução socialista. Tal crença, na esteira da qual a pedagogia do oprimido de Freire também é construída, exprime-se pela “flor feia” – adjetivo que o poema também se obriga a tomar para si, reconhecendo-se no impasse da pobreza do tempo e do poeta. Derradeiro signo de contradição e duplicidade, a flor que nasce ao mesmo tempo renova tais promessas e prefigura sua realização, ao superar o próprio ódio que a fez nascer. O verso final do poema, porém, não termina fechando esse ciclo, mas, como que nos deixa com um lembrete residual incômodo de que, sim, uma flor nasceu do asfalto, esperança há, todavia, muito ainda precisa ser feito para cumprir mesmo que minimamente as suas promessas.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio. (Andrade, 2000, p. 15-17).

3.2 “Nosso Tempo”

Diante do poema “Nosso Tempo”, extenso e dividido em oito partes, torna-se evidente o profundo comprometimento do eu lírico com as questões políticas e sociais de sua época. As assertivas e questionamentos entrelaçados revelam uma análise aguda dos problemas que permeiam o tempo histórico. Os versos lançam luz sobre uma era de comunicação partida, quebrada, de isolamento social e silêncio imposto pelo autoritarismo político.

Apesar desse ambiente repressivo, o eu lírico se sente compelido a romper o silêncio, assumindo o papel de porta-voz daqueles que não tinham voz, tornando os “mortos faladores”, recuperando “certas histórias [que] não se perderam” (2000, p. 30). Ao mesmo tempo, os versos insistentemente lançam suspeitas sobre a palavra, “símbolos obscuros se multiplicam / guerra, verdade, flores? / dos laboratórios platônicos mobilizados / vem um sopro que cresta as faces / e dissipa, na praia, as palavras” (2000, p. 30). Freire (1987) incansavelmente tratou do cuidado necessário para se pôr à escuta das experiências oprimidas pela violência da história, sempre em postura de diálogo. A abordagem dialógica na educação deve simultaneamente ser sutil e eficiente, fomentar a expressão da alteridade e aguardá-la em seu tempo

próprio, colocar-se em ação e, como faz aqui o poema de Drummond, questionar-se constantemente em suas condições de (im)possibilidade

Diante desse poema, observa-se que Drummond, ao desdobrar o texto em oito partes, empenha-se na tentativa de reconstruir um mundo fragmentado ao seu redor. As divisões resultantes de conflitos como a Segunda Guerra Mundial e as mudanças políticas no Brasil desencadearam uma sociedade dilacerada, mutilada, sujeita a torturas, insensível e alienada. O poeta, por meio dessa peça poética, busca costurar as peças desconexas desse cenário caótico, revelando, assim, sua inquietação diante das profundas fissuras sociais e políticas que marcavam a sua realidade.

Além disso, a divisão do poema em oito partes evidencia a intenção de Drummond em retratar uma sociedade fragmentada diretamente na estrutura da obra. A ausência de métrica regular ou linhas uniformes na estrofe não deixa de refletir a complexa e crescente confusão diante dos acontecimentos de seu tempo. A oscilação de métricas e andamentos estróficos parece ser uma tentativa de capturar a tumultuada e desordenada realidade que o poeta enfrenta, transmitindo a instabilidade e a fragmentação de uma sociedade que lida com eventos cada vez mais desconcertantes e desafiadores.

“Nosso Tempo”, de *A Rosa do Povo* (1945), inicia-se com o célebre dístico:

Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos (Andrade, 2009, p.29).

De acordo com Correia (2009), com esse discurso de economia extrema e significado denso, Drummond destaca a interação entre os termos "partido" e "partido" sintetizando sua compreensão da época histórica e cultural. Essa abordagem reflete a visão do poeta sobre a divisão do homem e a alienação presentes na sociedade. Assim, ao juntar os dois sentidos da palavra, o substantivo e o adjetivo, longe de favorecer uma postura de abstenção e/ou postular uma união edificante que pairaria acima das tensões, o poema se equilibra entre a acusação dos partidarismos estreitos, dogmáticos, que levam ao estreitamento e fragmentação alienante do humano, e a ênfase do conflito, que exige uma tomada de posição política.

Sob esse prisma, logo no início do poema, os dois primeiros versos trazem um tema que perpassa o texto: a ausência de verdadeiro diálogo. O momento é

marcado pelo governo de Getúlio Vargas, época dilacerada por toda sorte de tensão ideológica e política. O mundo todo, aliás, estava dividido nesse período, pois além de territórios nacionais, o “tempo de partido” também evoca a cisão provocada pela Segunda Guerra Mundial.

Contudo, o “partido” em jogo não se limita apenas às estruturas sociais e políticas, mas abrange também a dimensão psicológica dos “homens partidos”. Em outras palavras, a existência humana é igualmente marcada por divisões e incompletudes. Essa fragmentação não apenas reflete os conflitos da época, mas também influencia o comportamento do homem enquanto ser social. Para o eu lírico, as relações humanas parecem ser moldadas num mundo distorcido, perspectiva que ressoa com as análises de Candido (2004) sobre a distorção presente na sociedade da época. Ao longo das linhas da primeira parte do poema, a angústia do eu lírico se revela ao descrever o período, marcado pela desintegração da existência social, conduzindo a uma desumanização progressiva da sociedade por meio do conflito.

A expressão poética dessa angústia reflete não apenas a observação do poeta sobre a realidade que o cerca, mas também sua profunda inquietação diante desse processo:

Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra (Andrade, 2000, p.29).

Ao ler este fragmento, deduz-se que a vida social carece de significado, encontrando-se alienada ao buscar apenas o essencial para a sobrevivência, sem propósito aparente (“carne, fogo, sapatos”). Aqui, as leis – sobretudo as repressivas de um regime autoritário – são insuficientes cultivar os lírios, fazendo desse poema, ao contrário de “A Flor e a Náusea” e de “Áporo”, um território marcado por essa ausência. Contudo, por mais que o aparato jurídico se imponha com força, ao não dar espaço para a esperança, ao tentar abafar o processo histórico de construção da experiência social dos sujeitos, o poder não se traduz em ordem, mas em tumulto, em desordem (com a qual, diríamos, ele também aprende a conviver e do qual se beneficiar). Freire (1987) destaca que aos opressores interessa manter a alienação, impedir a emergência das consciências e sua inserção crítica na realidade como

totalidade. Sem essa inserção crítica, a unidade de luta dos oprimidos é dificultada. Ele insiste também que isso também prejudica os opressores, que eles prejudicam a si mesmos, pois essa autopercepção desconsidera a verdadeira dinâmica opressiva que permeia a estrutura social, tornando-os igualmente “homens partidos”.

Mesmo que por sua ausência, os lírios inseridos poeticamente no poema revelam-se novamente como metáfora de esperança, pois todas as flores dispersas ao longo do livro, relacionadas à “rosa” que dá título à obra, também funcionam como símbolos esperançosos. A presença recorrente da flor como metáfora ao longo do livro reforça a ideia de que, para Drummond, a esperança é intrínseca à experiência humana e, mesmo diante das adversidades e desafios, a possibilidade de renovação e superação permanece como uma constante, simbolizada por essas flores, lírios e rosas que permeiam e simbolizam sua poesia.

Nessa estrofe, outro termo destacado é “tumulto”, possível evocação de toda a instabilidade política que assolava o Brasil da ditadura de Vargas, regime político que não falhou em traduzir tal instabilidade na inscrição de muitos nomes em pedra, em lápides. Esse contraste poético evidencia a dualidade entre a efervescência das revoltas e sua trágica conclusão, dualidade que deixa o poeta perplexo, reflexivo, diante das perdas humanas e sociais provocadas pelos conflitos e pela ausência de liberdade. Os últimos dois enjambements dessa estrofe reforçam o quadro de cisão, de desencontro: “As leis não bastam. Os lírios não *nascem* / da lei. Meu nome é tumulto, e *escreve-se* / na pedra”. No primeiro caso, a quebra faz repetir a palavra “lei” no início do verso, dando a sensação de prisão em terreno infértil, de retorno ao mesmo ponto de partida. No segundo caso, o isolamento de um termo dentro de um verso curto – procedimento já notado na conclusão de “A Flor e a Náusea” – parece lhe dar o papel de resto, resíduo, de saldo do processo: tudo o que restará não será nem lírio, nem lei, mas pedra, uma na qual o próprio tumulto se inscreve, deixando-a no meio do caminho das gerações por vir.

No verso inicial da terceira estrofe, “visito os fatos, não te encontro”, nota-se a incansável busca do eu lírico por algo que sintetize a terrível verdade da época. Por mais que procure e questione, a resposta parece evadir-se constantemente. Esse anseio insatisfeito, expresso no poema, reflete a angústia do poeta diante da falta de respostas para os desafios e contradições de sua realidade.

Visito os fatos, não te encontro.
Onde te ocultas, precária síntese,
penhor de meu sono, luz
dormindo acesa na varanda?
Miúdas certezas de empréstimo, nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me
a cidade dos homens completos (Andrade, 2000, p.30).

Assim, os versos revelam a frustração centrada no eu lírico, evidenciando que seu desespero é profundo, e até mesmo suas certezas parecem ser emprestadas. Nesse contexto, o tempo não se configura como um período de beijos e carícias, mas sim como dimensão marcada por dor, perda e solidão. A temporalidade descrita pelo poeta é caracterizada por um cenário de ruína e sofrimento, onde experiências afetivas positivas são substituídas por uma atmosfera desoladora e angustiante.

Dessa forma, ao mencionar "homens partidos" para se referir à desunião humana, o poeta utiliza também a expressão "cidades dos homens completos", que pode aludir ao Rio de Janeiro ou às metrópoles modernas, que seguem confusas e indecifradas, situação especialmente incômoda quando são a capital de um país, com seus legisladores e políticos sempre completos em seu traje de terno e gravata. Isso sugere uma crítica à elite política e social que, apesar de representar a completude e o poder, é percebida como fragmentada e desunida, desprovida dessa síntese ansiada pelo poeta.

Nas duas últimas estrofes da primeira parte, observa-se uma contradição, pois, numa delas, o eu lírico aparenta cessar a reflexão sobre o ocorrido, enquanto na outra emerge uma revolta crescente. Surge uma busca por resistência, indicando uma vontade de expressar as palavras reprimidas por meio desse canal. Agora, o poeta anseia por liberar seus gritos de raiva, desafio e esperança, revelando uma dualidade emocional e uma crescente disposição para enfrentar as adversidades e desafios presentes em sua realidade.

Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir.
(Andrade, 2000,p.30).

Nesse choro, inundado de reflexão e questionamento, o eu lírico se destaca como não sendo uma mera "coisa", já que somente objetos inanimados se silenciam diante de situações impactantes. O poeta expressa a rejeição à coisificação imposta pela sociedade, enfatizando a necessidade de se manter ativo, reflexivo e resistente diante das adversidades. Através desse choro, ele busca romper com a passividade associada aos objetos inanimados, assumindo um papel ativo na contestação das injustiças e desumanizações presentes em sua realidade. Temos visto como a teoria da educação em Paulo Freire visa justamente potencializar, desde a alfabetização, os sujeitos a exprimir essas “palavras em mim buscando canal”, palavras explosivas da revolta contra a resignação.

Se a primeira seção do poema revela essa ruptura social, a segunda expõe as frustrações do eu lírico frente a essa situação. Sua postura reflete a desconexão existente na sociedade, evidenciando a ausência de empatia e compreensão entre os indivíduos, o que contribui para a ampliação das tensões e descontentamentos presentes no contexto abordado pelo poema. Toda a temática da emancipação e da liberdade em Freire tem como pano de fundo contrastante justamente tal situação, em que a alienação dos sujeitos, não só de si próprios, mas também entre eles, é o que impede o trabalho de uma conscientização concreta da situação histórica, o que torna fácil dividi-los e mantê-los fragmentados.

Este é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços,
obscenos gestos avulsos.

Mudou-se a rua da infância.
E o vestido vermelho
vermelho
cobre a nudez do amor,
ao relento, no vale (Andrade, 2000, p. 30).

Nessa segunda seção, mesmo o amor parece ter sido abandonado ao relento – embora ainda vestido e protegido por um vestido vermelho, cor duas vezes citada, talvez não desligada de sua tonalidade ideológico-política conhecida. Inversamente, a terceira seção alude a “símbolos obscuros”, oriundos de “laboratórios platônicos”, o que também pode revelar incômodo e agudeza crítica do eu lírico em relação aos idealismos políticos abstratos da época.

Na terceira parte, o poema se inicia com a metáfora do "tempo de muletas", reforçando a visão do eu lírico sobre a era de mutilação enfrentada pelo homem moderno. Essa imagem sugere a fragilidade e a dependência do ser humano, destaca a vulnerabilidade diante de adversidades da época, evidencia a condição debilitada do homem diante das complexidades sociais e políticas.

E continuamos. É tempo de muletas.
Tempo de mortos faladores
e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,
mas ainda é tempo de viver e contar.
Certas histórias não se perderam.
Conheço bem esta casa,
pela direita entra-se, pela esquerda sobe-se,
a sala grande conduz a quartos terríveis,
como o do enterro que não foi feito, do corpo esquecido na mesa.
(Andrade, 2000, p.31)

Nessa sequência, observa-se o ímpeto rebelde do eu lírico contra a era de barreiras sociais e morais. Utilizando palavras e expressões carregadas de carga semântica negativa, o poeta retrata o caos, a devastação e a mutilação humana provocados pela guerra e pela repressão política. O fluxo do discurso reflete a intensidade da revolta do eu lírico diante das adversidades sociais, destacando a urgência de romper com as amarras que limitam a liberdade e a integridade humanas na narrativa poética.

Nesse cenário de modernidade destrutiva, cada vítima guarda em sua alma segredos preciosos que se transformam em "casas" para esses mistérios. O poeta, conhecedor dessas moradas secretas, sintoniza-se com sua própria alma, que também sussurra narrativas ocultas. A metáfora das "casas" revela a profundidade dos segredos individuais, enquanto a conexão do poeta com sua alma ressalta a sensibilidade para compreender e expressar as nuances da condição humana.

Entretanto, o eu lírico instiga a revelação desses segredos, pois "ainda é tempo de viver e contar". Esta convocação sugere uma esperança de resgate, uma oportunidade de transformação e um apelo à espera. O poeta expressa a crença de que, ao divulgar esses segredos, é possível dissolver a separação social, a alienação e a insensibilidade, restaurando a unidade perdida. Dessa forma, nota-se que o poeta inicia um chamado, convocando todas as entidades vivas e inanimadas a liberarem seus gritos desafiadores, iniciando um processo de mudança.

É tempo de meio silêncio,
de boca gelada e murmúrio,
palavra indireta, aviso
na esquina. Tempo de cinco sentidos
num só. O espião janta conosco (Andrade, 2000, p. 32).

A quarta estrofe reconhece a necessidade (ou a imposição) de um silêncio oblíquo, “palavra indireta, aviso / na esquina”. Devido à inapropriada conjuntura para a rebelião, os indivíduos eram aconselhados a agir com extrema cautela. A locução “meio silêncio” emerge como necessidade imperativa de sobrevivência, delineando um período caracterizado por medo e desconfiança, em que até mesmo o inimigo compartilha nossa mesa. Assim, a ação, até mesmo via palavra poética, reconhece-se em perigo, sob vigilância: “O espião janta conosco”. Os *enjambements* encenam, uma vez mais, esse deslizamento incessante que a palavra precisa assumir para não ser capturada e censurada, seja quebrando seu aviso nas esquinas do verso ou condensando os sentidos numa única aguda atenção ao inimigo.

Dentro dessa ótica, a rotina se torna um tema persistente ao longo do poema, manifestando-se como consequência direta da coisificação das massas urbanas. Essa coisificação, por sua vez, é um reflexo da tentativa de sobrevivência diante da avalanche de transformações sociais, políticas e econômicas que caracterizavam a realidade da época. A rotina, então, emerge como uma resposta às demandas e pressões impostas pelos parâmetros vigentes, delineando um cenário onde as pessoas buscam estabilidade diante das incertezas desencadeadas pelas mudanças em curso.

Para Achcar (1993), a quinta parte dessa obra desenha uma representação sombria do cotidiano na cidade grande, caracterizada por elementos como automação, alienação, reificação, rebaixamento dos instintos, tristeza entorpecida, falsificação e degradação. Nesse panorama, os versos expõem a complexidade e desumanização inerentes à vida urbana, revelando um ambiente marcado por processos que diminuem a vitalidade e autenticidade dos indivíduos.

Diante desse processo de objetivação, o eu lírico experimenta uma dor incontrolável, um enjoo crescente e um aperto na consciência social, sentimentos que ecoam nas descrições angustiantes do cotidiano exaustivo e decadente dos capitalistas. Esses indivíduos, imersos em empregos burocráticos, tornam-se cada vez mais alienados e mecanizados, ilustrando a desumanização inerente à busca incessante pela eficiência e produtividade na sociedade moderna.

Como já vimos, Freire (1987) crê que a alienação e a mecanização resultam da educação tradicional, que trata alunos como recipientes passivos de saber. Ainda argumenta que a falta de diálogo e participação ativa na aprendizagem leva à alienação, desconectando os indivíduos de si mesmos e da sociedade. Se o trabalho de construção da experiência histórica pela consciência surge muitas vezes na obra do educador brasileiro quase como um movimento inato e intrínseco da busca do ser humano pelo sentido, pela liberdade, isso não significa que o desejo por essa busca não possa ser profundamente mutilado, a ponto de se tornar dormente, pelo hábito de se viver alienadamente. Vimos anteriormente, lendo a obra de Freire e o poema “Caso do Vestido”, de Drummond, como tal alienação pode ganhar raízes profundas na subjetividade, fazendo o oprimido adotar a visão de mundo do opressor como seu próprio sistema de valores. Em certo sentido, podemos dizer que muitas vezes esse “espião que janta conosco” nos é bastante íntima. Como diz o educador brasileiro (1997, p. 98), trata-se de “sobrevivências míticas”, “espectros [...] que obstaculizam a edificação da nova sociedade”, e que tornam o oprimido “hospedeiro do opressor”.

Ao compor o poema “Nosso Tempo”, Drummond retrata um mundo marcado pela fome, dor, destruição e multidões despedaçadas. As máquinas percorrem as ruas asfaltadas, mas não se cruzam, não se veem, evidenciando a desconexão e a falta de interação em meio à realidade desoladora. Dentro desse cenário, as pessoas encontram-se totalmente imersas na vida solitária e rotineira da “modernidade”. É uma época em que os homens se tornam escravos de empregos “progressistas”, programados como máquinas para executar as mesmas tarefas diárias.

O poeta
declina de toda responsabilidade
na marcha do mundo capitalista
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas
promete ajudar
a destruí-lo
como uma pedreira, uma floresta,
um verme (Andrade, 2000, p. 36).

“Nosso Tempo” termina com esse voto do poeta: ele não só se livra de todo e qualquer compromisso com a “marcha do mundo capitalista”, mas ainda promete ser um aliado na busca pela destruição desse regime, busca em que se empenha com todas as suas armas. Os dois últimos versos, porém, são profundamente ambíguos:

o símile ali se endereça ao sujeito (o eu lírico) ou ao objeto (o mundo capitalista) do verbo destruir? Desde, pelo menos, Apollinaire, os vermes (pela homonímia de *vers* em francês) são uma poderosa metáfora do trabalho perfurador, corrosivo do verso, associação que reforça a mediação da palavra, da poesia, na proposta de empenho e intervenção feita pelo eu lírico aqui (cf. Apollinaire, 2001, p. 195, 197).

3.3 “Carrego comigo” (em contraste comparativo com “Cidade prevista”)

Em “Carrego comigo”, o eu lírico manifesta escutar um apelo, vindo do mar, um que ele mal percebe não responder, envolvido com algo em si mesmo que ao mesmo tempo o prende e o constitui em sua liberdade, singularidade. O anseio em se unir, em responder ao apelo histórico se faz sentir pelo contraste, ao mesmo tempo que reforça a cisão do eu entre seu desejo por caminhar, por seguir tal apelo, e a sua paralisia atual, o obstáculo.

Vem do mar o apelo,
vêm das coisas gritos.
O mundo te chama:
Carlos! Não respondes?

Quero responder.
A rua infinita
vai além do mar.
Quero caminhar

Mas o embrulho pesa.
Vem a tentação
de jogá-lo ao fundo
da primeira vala (Andrade, 2000, p. 21).

O “embrulho” é algo especial que marca a identidade do eu lírico, e é por isso que é tão difícil se livrar dele:

Perder-te seria
perder-me a mim próprio.
Sou um homem livre
nas levo uma coisa (Andrade, 2000, p.21).

Por outro lado, sua natureza é desconhecida – “serão duas cartas? / será uma flor? / será um retrato? / um lenço talvez” (2000, p. 20) – ilegível. Esse núcleo íntimo e estranho da subjetividade parece constituído num nível onde a palavra e o mundo estão plenamente misturados, um que possivelmente só poderia ser sondado

e partilhado indo-se além do mero soletramento do mundo, de uma mera montagem de suas partes justapostas.

Por que não me dizes
a palavra dura
oculta em teu seio
carga intolerável? (2000, p. 22)

Ponto importante de sublinhar é o ritmo e o andamento do poema em quadras de redondilha menor, uma métrica bastante familiar à prosódia da fala brasileira, o que talvez colabore para a sensação de intimidade que esse segredo carrega junto consigo (ou que o carrega, para utilizar aqui uma inversão aludida no poema: “Fardo sutil / que antes me carregas / do que és carregado, / para onde me levas?” (2000, p. 22). Se em “Carrego comigo”, o eu poético encontra barreiras que o privam de um envolvimento maior com o mundo, que o revelam, desde seu íntimo, como elemento distinto e heterogêneo à integração social, em “Cidade prevista”, o poeta parece não só escutar, mas se entregar plenamente à promessa de um país que “será um dia / o país de todo homem” (2000, p. 162), isso a ponto de se tornar fiador de tal compromisso diante de outros poetas. Aqui, Drummond expressa o anseio por uma coletividade pacífica, evidenciando sua visão otimista de ver todos os homens vivendo em harmonia:

Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade (Andrade, 2000, p.162).

No desejo utópico expresso no poema “Cidade Prevista”, o eu lírico projeta uma sociedade ideal, contrastando com a realidade desordenada e dolorosa em que vive. Drummond, ao encarnar os pensamentos do Outro, revela uma preocupação compassiva com a condição do próximo. O poema não apenas reflete a aspiração do eu lírico por um mundo harmonioso, mas também destaca a discrepância entre essa visão utópica e a crua realidade experimentada:

Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.
Mas ele será um dia
o país de todo homem. (Andrade, 2000, p.162).

Nesses versos, evidencia-se o anseio do eu lírico pelo país livre e inclusivo, estendendo sua preocupação além de si mesmo ou a classe dos poetas. Solidária ao sofrimento humano, a compaixão permeia o poema, refletindo um desejo por uma sociedade desprovida de imposições sociais e sofrimento generalizado. Em Freire (1987), vemos uma educação que promove a liberdade e a inclusão, que destaca a importância do trabalho social coletivo para criar ambientes de respeito a todas as formas de diversidade reunidas nesse “um jeito só de viver”. O educador defende uma abordagem inclusiva que reconheça as diferentes experiências e culturas dos alunos, promovendo a igualdade e a valorização de suas identidades.

Escrito em redondilhas maiores, em 45 versos, “Cidade prevista” não tem estrofes, derrama-se num só elã, unidade que parece reforçar o chamado coletivo – “poetas de Minas Gerais / e bardos do Alto Araguaia / vagos cantores tupis / recolhei meu pobre acervo” (2000, p. 161). Paradoxalmente, porém, trata-se de um poema que rejeita a obra poética já feita em nome da obra poética desejada, futura, que será o poema do novo mundo, da realização das promessas: “O que eu escrevi não conta / o que desejei é tudo”. Assim, a união do eu poético num coletivo de poetas esperançosos se consuma junto com a percepção não só de que o “país de todos” ainda não existe, mas também de que à luz dele a obra atualmente escrita se esvai. Inversamente, em “Carrego comigo”, como já vimos, a multiplicidade de quadras em redondilha menor expõe a dificuldade do eu poético de responder a um chamado externo, envolvido que ele está com seu fardo interior, insistentemente presente tal como a tônica em “i” nas estrofes finais:

Não sei o que seja.
Eu não a escolhi.
Jamais a fitei.
Mas levo uma coisa.

Não estou vazio,
não estou sozinho,
pois anda comigo
algo indescritível (Andrade, 2000, p. 22).

Por certo, “Cidade prevista” parece reverberar mais com os acordes cheios de promessa e esperança da pedagogia de Freire. Contudo, o engajamento consciente e ativo pela transformação social implica um processo de desalienação, que extrai de si mesmo as imagens, valores e hierarquias ideológicas impostas pelo opressor e internalizadas pelo oprimido. Vimos anteriormente como o teórico da educação trata

desse dilema interior, dessa “dualidade que se instala no interior do ser” (1987, p. 36). O poema de Drummond chama magistralmente nossa atenção para essa dupla face do sujeito, fazendo-nos mergulhar na sua vertigem.

3.4 “Morte do Leiteiro”

Nesse poema, “Morte do Leiteiro”, destaca-se a percepção do poeta em relação à injustiça sofrida pelos mais vulneráveis. O episódio narrado expõe o drama cotidiano do leiteiro, que, no exercício de sua profissão, é erroneamente associado a um ladrão e acaba sendo morto a tiros.

O poeta revela, através desse evento, a tragédia que recai sobre os menos favorecidos e como a sociedade pode ser implacável, cometendo erros fatais em suas suposições. Essa narrativa trágica torna-se um veículo para a crítica social, evidenciando as injustiças que permeiam as vidas dos marginalizados. Neste poema narrativo dramático, destacam-se três personagens principais: o leiteiro, o assassino e o poeta, que observa e descreve os acontecimentos ao leitor. O texto os enquadra desde a posição na sociedade ocupada por pessoas de baixo poder aquisitivo, sem voz e cidadania.

Ao defender a necessidade de capacitar as pessoas que enfrentam desafios materiais, ausência de representação e falta de cidadania, por meio da educação dialógica e libertadora, Freire (2014) ressalta que limitações econômicas não devem justificar nenhum impedimento ou juízo de valor de qualquer natureza. Sua teoria educacional, por inteiro, tem como pressuposto um princípio de igualdade humana que vai além daquela, meramente formal, estabelecida pelo estado de direito e pela lei, pois assenta em bases filosóficas e existenciais mais profundas. Nesse ponto, a educação freireana, como o poema de Drummond, ergue-nos contra os preconceitos de classe e sua atuação, tanto na constituição de hierarquias econômicas estruturais quanto nas pequenas e dolorosas tragédias do cotidiano, os inúmeros assassinatos de leiteiros, motoboys, domésticas e demais profissões subalternizadas, diariamente esmagadas pela máquina de produção capitalista.

Freire preconiza que a educação deve ser agente de transformação social, assegurando voz e cidadania plena a todos, independentemente de sua condição econômica. Trata-se de superar a marginalização e a exclusão, fomentando a igualdade de oportunidades. O poeta, ao identificar esses indivíduos como irmãos,

compartilha suas dores e expõe a realidade das injustiças sociais. O drama do leiteiro torna-se uma metáfora contundente da marginalização enfrentada por aqueles à margem do poder e privilégio. Acordando cedo, vindo do “último subúrbio”, o leiteiro chega a um bairro menos pobre, onde desliza com todo cuidado para não acordar ninguém. Mas...

Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.

Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade. (Andrade, 2000, p.110).

Nesse cenário, o poema apresenta uma perspectiva intrigante, onde um inocente perde a vida, e o assassino (dono da casa) “salva a propriedade” e escapa de qualquer consequência, justificando sua ação ao confundir o leiteiro com ladrão. Esse episódio denuncia a injustiça, evidenciando a impunidade diante de ações precipitadas, reforçando a falta de equidade no tratamento de diferentes estratos sociais. A obra destaca a fragilidade dos mais vulneráveis diante de um sistema que muitas vezes justifica a violência em detrimento da verdadeira justiça.

Freire (2014) reconhece a fragilidade dos mais vulneráveis diante de sistemas opressivos, destacando que a falta de acesso à educação de qualidade perpetua essa vulnerabilidade. Assim, a conscientização é essencial para abrir aos oprimidos a via para que compreendam e desafiem as estruturas que os mantêm em condição de fragilidade. O poeta, por sua vez, denuncia as injustiças perpetradas por pessoas mais fortes sobre aquelas mais frágeis, crimes que frequentemente escapam à punição por suas ações arbitrárias. O poema, escrito nos anos 1940, faz sentir uma

realidade ainda presente no Brasil de hoje, com sua hierarquia social dividida entre o centro e o subúrbio, hoje periferia, e constituída pela precarização do trabalho dos mais pobres e pela violência informal incessante e inclemente contra aqueles que não a aceitam. Como diz o poema logo em seu início...

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.

Sua lata, suas garrafas,
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve (Andrade, 2000, p.108-109).

Desde a primeira estrofe, o tom do poema é claramente definido. A expressão "Pouco leite" e "muita sede" destaca a carência de recursos para atender às necessidades dos mais vulneráveis, refletindo a desigualdade social no país. Essa

imagem nítida revela a miséria que assolava os mais pobres, sem perspectivas de melhoria no Brasil. A última estrofe citada revela a solidariedade profunda instigada pelo poema de Drummond com o outro: ali mesmo onde ele levanta a suspeita e indica a presença da carência (“e como a porta dos fundos / também escondesse gente / que aspira ao pouco de leite / disponível em nosso tempo”), o poema leva ao leitor quase que a ocupar a posição do leiteiro, pluralizada em “nós”: “avencemos por esse beco, / peguemos o corredor, / depositemos o litro...”.

A distinção entre o "leite bom" e os "seres humanos ruins" sublinha a divisão social, entre aqueles com acesso ao leite e o proletariado encarregado de distribuí-lo, mas impossibilitado de consumi-lo. A ausência de nome para o protagonista reforça a noção de isolamento, visto que o leiteiro é descrito apenas por meio de objetos relacionados ao seu trabalho, como latas, garrafas e sapatos de borracha. Esses elementos ressaltam a desigualdade social e a falta de identidade individual na sociedade, temas recorrentes na obra de Drummond.

Além disso, eles demonstram como, precarizado, o trabalho do leiteiro a um só tempo é mão de obra barata para os interesses dos opressores e também algo ameaçador, pois sorrateiro, informal, clandestino. Se a “porta dos fundos” serve para ocultar alguém necessitado de leite, mas marginalizado do cenário principal visível da cidadania, o movimento sorrateiro do leiteiro, no momento mesmo em que o leitor está ali junto com ele, encarnado num “nós”, poderia ser visto como indício de um gesto transgressivo, ou somente como uma tentativa de realizar seu trabalho sem incomodar ninguém?

No primeiro caso, veríamos o leiteiro converter a mercadoria leite em algo mais do que uma simples commodity, devolvendo-lhe seu valor de uso como alimento essencial para a humanidade. Sua ação iria além de apenas prover leite àqueles incapazes de pagar, mas sim de restaurar seu valor intrínseco como elemento vital para a sobrevivência humana. Nesse caso, dificilmente ele seria visto como inocente pelo assassino, mas teria sua inocência reafirmada num plano mais profundo, pois sua ação resgata um pouco da humanidade para si, para o leitor e para o narrador (cf. Pilati, 2007). Essa ação simbólica de restaurar o significado essencial do leite, para além do seu estado de “uma apenas mercadoria”, transcende o ato cotidiano, transformando-se em um gesto de resistência e promovendo a possibilidade de mudança e renovação na sociedade.

No entanto, apesar dos esforços do leiteiro para permanecer anônimo, sua ação não passou despercebida. Um senhor em pânico acorda e age imediatamente de acordo com suas propensões e preconceitos ideológicos. As lendas exercem controle, penetrando nas possibilidades cognitivas e impondo a todas as pessoas o modo de ver dos opressores. O contexto evidencia o papel dessas lendas, revelando seu poder na manutenção da ordem estabelecida e na proteção dos interesses daqueles que detêm o poder. Pilati (2007) destaca como essas normas sociais se tornam instrumentos para preservar a estrutura de poder existente.

Para reiterar a ideia, nesta parte do poema a arma torna-se o sujeito da ação.

Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
(Andrade, 2000, p.108-109).

Assim, o protagonista da ação é dissociado daquele que efetua o disparo, estabelecendo uma distância que ressalta alta de empatia e solidariedade. O homem, inicialmente considerado surpreso, opta por fugir em vez de socorrer o leiteiro, mesmo percebendo que matou um trabalhador inocente. Essa mudança revela as nuances da percepção e julgamento, destacando a complexidade das relações humanas diante de situações inesperadas e ações impulsivas.

Em seguida, o discurso reservado e gracioso do "senhor" sinaliza a restauração da normalidade e o retorno à ordem estabelecida. As palavras cruéis, como "Está salva a propriedade", reforçam a garantia da ordem e a materialização das mercadorias. A ordem delineada no poema é marcada pela atmosfera noturna

do sono, simbolizando a alienação, conforme destacado por Pilati (2007). Esse contraste entre o ambiente tranquilo da noite e a brutalidade das palavras ressalta a crítica do poeta à desumanização imposta pelo sistema. Como “A flor e náusea” e “Áporo”, o poema termina com um acontecimento, uma chegada.

Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.
(Andrade, 2000, p.108-109).

Se naqueles casos o aparecimento da flor era inexplicado e anunciava e/ou prometia uma transformação qualitativa do estado de coisas, aqui a aurora marca o avanço do curso natural do tempo, que engloba indiferentemente o leite e o sangue, a vida e a morte, igualmente perdidas “por entre objetos confusos”. Após a custosa chegada da manhã, a dura realidade persistia marcada no chão, na mistura de leite e sangue. Esse encontro simbólico, sintetizado na chegada da aurora, certamente nos leva para além do evento trágico, sugerindo uma fusão de opostos que segue ecoando no horizonte visual formado nos últimos versos. Além de representar a brutalidade social, também evoca uma reflexão mais profunda sobre a complexidade da existência e os paradoxos da vida. Assim, o poema drummondiano nos leva da denúncia contra a opressão social a um mergulho humanizador e sublime da relação entre sujeito e mundo, o que evoca a ligação entre os dois momentos da educação libertadora de Freire: o primeiro constituído contra a situação atual de opressão, o segundo com o “processo de permanente libertação”, que constituiria a vida humana na lida livre com suas infinitas potencialidades (1987, p. 44).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais importantes, essas questões pareceram ter grande presença em meio aos pensamentos e sentimentos do poeta lírico, perturbado pelas notícias a respeito do autoritarismo nazifascista ao redor do mundo e da ditadura do Estado Novo no Brasil. Nesse contexto, o eu lírico assume o papel de resistência à alienação do homem, resistência pela poesia, transformada num sinal de oposição.

Pela perspectiva subjetiva do poeta, a obra não deixa de assumir dimensão testemunhal, fazendo sentir as agruras da guerra. Assim, os versos de *A Rosa do Povo* não só expressam sentimentos individuais, mas também canalizam uma forma de abordar as experiências humanas num contexto tão hostil e também preservam a memória da resistência contra as adversidades da época.

Por certo, o poema, em sua natureza lírica e subjetiva, transcende qualquer função documental limitada a um só tempo, comunica com a emoção coletiva e pessoal do sujeito contemporâneo, ecoando dores e alegrias partilhadas por muitos ontem e hoje. A obra parece refletir a experiência íntima de alguém que, impedido de se juntar à luta, encontra na poesia uma maneira de expressar e aliviar sua angústia. Assim, o eu lírico assume caráter representativo, precisamente no sentido dado por Adorno em “O artista como representante” (2003), dando voz a frustrações e inquietações daqueles que são esmagados pela violência da história.

Desde o início desta dissertação, a leitura de Davi Arrigucci Júnior (2002) nos levou a considerar que o conteúdo real da poesia de Drummond consegue tocar um nó em que a conexão com os dilemas históricos e com as questões poético-formais, o elo intra-histórico com impasses de seu tempo e o transbordamento transhistórico na direção de inquietações atuais se alimentam mutuamente. A análise proposta ressalta a estreita relação entre a configuração formal da poesia e a consciência do processo criativo, destacando como esses elementos coexistem e se complementam na obra do poeta. Essa perspectiva enriquece a compreensão da poesia drummondiana, revelando camadas mais profundas de significado que permeiam tanto a forma quanto o conteúdo, oferecendo uma abordagem mais ampla e contextualizada da sua produção poética.

Arrigucci (2002, p. 102-103) percebe que a poesia de Drummond vai além do meramente histórico, da reprodução dos eventos do passado, mas ir além aqui não significa apagar o particular em prol de uma universalidade abstrata, pelo contrário,

significa revelar uma consciência profunda da experiência histórica enraizada na subjetividade. A habilidade de Drummond em expressar essa conexão entre o indivíduo e a história por meio de uma forma poética única é destacada como um elemento elementar para a compreensão da profundidade e da relevância de sua obra.

Ao considerar as análises propostas, compreende-se que o poeta mergulha nos sentimentos e angústias de uma sociedade imersa em um novo tempo, marcado pelos horrores da guerra e dos conflitos políticos internos e externos. Sua capacidade de testemunhar não se limita a retratar eventos, mas também explora as dimensões emocionais e sociais que permeiam essa experiência. Drummond, assim, se destaca por oferecer um testemunho poético profundo e diversificado, abordando não apenas cenas bélicas e opressivas, mas as complexidades humanas diante dessas circunstâncias.

Nesse contexto, a convergência entre a obra de Carlos Drummond de Andrade e os princípios da pedagogia de Paulo Freire revela-se como uma poderosa ferramenta na luta por uma sociedade mais igualitária e consciente. A poesia de Drummond, ao retratar angústias e esperanças do povo, construindo de uma forma indissociável a esses temas uma interação poeticamente mais densa com o mundo e a linguagem, dialoga diretamente com a proposta freiriana de uma educação libertadora, que capacita os indivíduos a compreenderem criticamente sua realidade e a agirem de maneira transformadora. Essa intersecção entre arte e educação promove um espaço de reflexão e engajamento social, impulsionando o avanço em direção a um mundo mais justo e humano.

Drummond habilmente emprega metáforas e símbolos para pintar um retrato vívido da realidade social brasileira. A *Rosa do Povo* emerge como um poderoso símbolo da resistência e beleza encontradas na luta do povo brasileiro, o “áporo” que nasce no meio do asfalto. Através de sua poesia, Drummond lança uma crítica contundente às desigualdades sociais e à exploração enfrentadas pela população, destacando a opressão e a injustiça que permeiam a sociedade.

Tanto Carlos Drummond de Andrade quanto Paulo Freire compartilham uma perspectiva crítica da realidade social brasileira em suas obras. Enquanto o poeta expressa essa visão por meio da poesia, com figuras de linguagem evocativas e ritmos sonoros envolventes, Freire aprofunda essa crítica em sua pedagogia libertadora, que busca conscientizar e capacitar os indivíduos para a transformação

social. Ambos denunciam desigualdades, a opressão e as injustiças que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo perspectivas valiosas para compreender e mudar essa realidade.

A dissertação realizou uma análise de alguns poemas do livro *A Rosa do Povo* de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 1945. Dos 55 poemas dessa obra, escritos entre 1943 e 1945, interpretamos mais detidamente 5, visando sempre sublinhar afinidades eletivas entre a poética drummondiana nesta obra e a teoria da educação de Paulo Freire.

A análise de "A Flor e a Náusea" revela um ponto elementar de convergência entre as obras de Drummond e Freire, emergindo como um fator central de nosso trabalho. A profundidade das ressonâncias e afinidades presentes nesse poema específico enfatiza a importância do diálogo entre literatura e pedagogia. Notamos previamente a descrição do que o educador denomina de "educação bancária", experiência educacional em que a linguagem é tratada de forma passiva, como um simples instrumento descritivo a ser usado pelo aluno; nesse contexto, a construção dialética da consciência e da palavra, em sua relação com o mundo, fica em segundo plano. O aluno aprende apenas a soletrar o mundo, sem realmente compreendê-lo. Tal abordagem mecânica e passiva da linguagem limita a habilidade do aluno de desenvolver uma compreensão crítica da realidade. As limitações da educação bancária mostram, pelo contraste, que é fundamental promover uma educação que estimule a reflexão e a interação ativa com a linguagem, permitindo uma construção significativa do conhecimento. Aqui entra a poesia.

Destaca-se a ideia de que na experiência educacional tradicional, marcada pela "educação bancária", o ser humano perde a oportunidade de verdadeiramente se envolver com o mundo e compreendê-lo de maneira a se tornar agente efetivo de sua construção e transformação. Em contrapartida, a enunciação poética instiga uma via alternativa, capaz de refletir a experiência histórica e crítica da consciência humana em sua relação com o mundo.

A alfabetização e a educação dialógica buscam compartilhar com o educando esse processo de construção de conhecimento, que ocorre por meio da linguagem e dos meios materiais de sua reprodução. Assim, a poesia emerge como ferramenta poderosa para estimular a reflexão, o questionamento e a transformação, permitindo que o aluno se torne verdadeiro construtor de seu próprio entendimento, construtor também dos processos sociais com os quais se envolve. É através desse diálogo

entre poesia, linguagem e educação que se abre espaço para uma aprendizagem autêntica e emancipadora, capaz de criar novas perspectivas e possibilidades para o indivíduo e a sociedade como um todo.

Drummond destaca de forma poética as questões sócio-históricas do país e do mundo. Esta é uma obra que desenvolveu bastante a criação do poeta mineiro e um dos livros mais admirados da moderna poesia brasileira. O poeta se volta para um eu artístico mais reflexivo e coletivo, de grande conteúdo político e social. Vale notar que as passagens e comparações entre literatura e sociedade são embasadas no diálogo com a fortuna crítica do poeta, mobilizada por esta dissertação junto com as reflexões políticas, históricas e sociológicas que a constituem.

Afinal, estamos na obra que mais explicitamente teria revelado o Drummond que se envolveu nas causas sociais e políticas de sua época, que explicita sua visão altruísta do próximo, solidária com quem sofre nesse “tempo de fezes”. Vemos em *A Rosa do Povo* um livro intimamente ligado ao contexto histórico vivido pelo Brasil e pelo mundo desde a década de 1930 e 1940, e à necessidade de confrontar a realidade e se manifestar contra as injustiças sociais. Nesta obra, Drummond critica a injustiça social, a guerra, a pobreza nacional e o descaso com a vida humana, é este homem que chamou a atenção do poeta, este homem sofredor, vítima de uma sociedade terrível. Nesse sentido, por sua maestria poética na lida com a linguagem, os temas que Drummond explora neste livro mantêm-se vivos, ajudando-nos ainda hoje a refletir sobre a desigualdade social e as injustiças que perduram junto com o capitalismo reinante.

Justamente nessa maestria poética de Drummond, que procuramos sublinhar nos poemas analisados nesta dissertação, revela-se a necessidade de conceber a palavra poética como fator decisivo para uma relação com a linguagem e o saber capaz de instigar o sujeito para o processo de conscientização da sua experiência na história, experiência que vai além da recepção passiva do conhecimento, de um soletramento meramente mecânico e instrumental, criticado pelo educador ao tratar do que chama de “educação bancária”. Assim, engajar-se na experiência histórica pela educação, em Freire, tanto quanto pela poesia, em *A Rosa do Povo*, envolveria construir uma postura crítica e livre frente à linguagem e suas práticas de nomeação do mundo, postura essa capaz de fazer justiça à experiência oprimida, aquela cujo nome não está nos livros: “Sua cor não se percebe. / Suas pétalas não se abrem. / Seu nome não está nos livros. / É feia. Mas é realmente uma flor” (2000, p. 17).

REFERÊNCIAS

- ABIB, José Antônio Damásio. Teoria social e dialógica do sujeito. **Psicologia: teoria e prática**, v. 7, n. 1, p. 97-106, 2005.
- ACHCAR, Francisco. **A Rosa do Povo & Claro Enigma**. Roteiro de Leitura. São Paulo: Ática, 1993.
- ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. Tradução: Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.
- AGUILAR, Gonzalo Moisés. **Poesia concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista**. Edusp, 2005.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **A Rosa do Povo**. São Paulo: Record, 2000.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Sentimento do Mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- APOLLINAIRE, Guillaume. **Contos breves seguido de O mago apodrecido**. Trad: Gonçalo de Barros Carvalho e Mello Mourão. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- ARANHA, Graça. **Espírito Moderno**. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925
- ARRIGUCCI JR., Davi. **Coração Partido - uma análise da poesia reflexivade Drummond**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- ARROYO, Miguel. **Paulo Freire, outro Paradigma Pedagógico**. Educação em Revista, v.35, n.e214631, 2019
- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. Arte & Ciência, 1998.
- BELLINTANI, Adriana Iop. Estado Novo: ditadura civil-militar. RELIGACIÓN.
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**; tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** – 50. ed. – São Paulo : Cultrix, 2015.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**, 33. ed., São Paulo: Cultrix. 1994.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o Tempo da poesia**, São Paulo: Cultrix, 1977.
- BRASIL DE FATO. **Há cem anos, nascia Paulo Freire: conheça a trajetória do patrono da educação brasileira**. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/19/ha-cem-anos-nascia-paulo-freire-conheca-a-trajetoria-do-patrono-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CANDIDO, Antônio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antônio. O poeta itinerante. **Literatura e Sociedade**, v. 9, n. 7, p. 302-315, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Ouro Sobre Azul, Rio de Janeiro, 2004.

CANDIDO, Antônio; CASTELO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira, 3: modernismo**. São Paulo: Difel, 1968

CARMO, Carlos Eduardo Vieira do. **A comunicação poética**. In: **RIBEIRO NETO, Amador. Linguagem da poesia**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências Sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales/CLACSO, 2005.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. 4. ed. São Paulo: Atual, 2004.

CERQUEIRA, Larissa Agostini. **A modernidade e os modernistas: o rosto da cidade na poesia. Características do modernismo urbano em"** *Pauliceia devairada e Menschheitsdämmerung*. 2011. Dissertação (Mestre em Letras: Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

CICERO, Antônio. **A poesia e a crítica: ensaios**. Editora Companhia das Letras, 2017.

Cogitare Enfermagem, v. 13, n. 4, 2008.

COHEN, Jean. **A Plenitude da Linguagem: Teoria da Poeticidade**, Coimbra: Almedina. 1987.

CONSELHO, Ana Carla Pereira Martins. **A poesia de Carlos Drummond de Andrade em manuais escolares do ensino médio no Brasil**. 2010. Dissertação (mestrado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.

CORREIA, Marlene de Castro. **Como Drummond Constrói “Nosso Tempo”**. Alea, Rio de Janeiro, vol.11, n.1, Jan./Jun., 2009

CORREIA, Marlene de castro. **Drummond: a magia lúcida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

DE BENEVIDES, C. (eds). *Pensar (en) los interstícios: teoría y práctica de la crítica pós-colonial*. Bogotá: CEJA, 1999.

DIANA, Daniela. **Carlos Drummond de Andrade**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/carlos-drummond-de-andrade/> Acesso: 01 nov. 2022.

FABRIS, Annateresa. **Modernidade e vanguarda: o caso do Brasil**. In: **Modernidade e modernismo no Brasil**. Campinas : Mercado de Letras, 1994. p. 9-25

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora/MG: Editora UFJF, 2005.

FERREIRA, Diego Lopes Esteves. **Biografia De Carlos Drummond De Andrade**. Clube de Autores, 2011.

FRAZÃO, Dilva. **Carlos Drummond de Andrade**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/carlos_drummond/. Acesso em: 11 nov. 2022.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**. Editora Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Ana Maria. et al. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Cortez editora, 2022.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. **Introdução à psicologia escolar**, v. 3, p. 61-78, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. **Röhrig, Christine. Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: 16ª Ed. Paz e Terra, p. 23-55, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 109

2005.

GADOTTI, Moacir. Alfabetizar e Politizar. Angicos, 50 anos depois. **Foro de Educación**, v. 12, n. 16, p. 51-70, 2014.

GALEANO, E. **Las palabras andantes**. Montevideo: Ediciones Del Chanchito, 1993.

GENS, Armando. **Sobre o Poema, o Poeta, o Livro**. In: MARTINS, Georgina; SANTOS, Leonor Werneck dos; GENS, Rosa (Orgs.). Literatura infantil e juvenil na prática docente. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2010.

GIROUX, Henry. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GOES, Maria Lívia Nobre. O Modernismo Contido de Sérgio Milliet: para uma releitura de sua atuação intelectual. **Revista de História da Arte e da Cultura**, n. 23, p. 91-107, 2015.

GUEDES, Teresa. **Ensinar a Poesia**, 4. ed., Porto: Edições Asa, 2002. HADDAD, Sérgio. **O educador: um perfil de Paulo Freire**. Todavia, 2019.

IASI, Luis Mauro. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

JUNIOR, Valdemar Valente. O Modernismo e a Revolução de 1930: alguns aspectos. **Em Tese**, v. 25, n. 1, p. 223-233, 2019.

LEITE, Olívia SL; DUARTE, José B. Aprender a Ler o Mundo. Adaptação do método de Paulo Freire na alfabetização de crianças. **Revista Lusófona de Educação**, v. 10, n. 10, 2007.

MARTINS, Rodrigo Nobrega. Modernismo no Brasil: fase heroica. **Revista Discentes**, v. 1, n. 07, p. 20-21, 2020.

MELLO, Cristina. **O Ensino da Literatura e a Problemática dos Gêneros Literários**, Coimbra: Almedina, 1998.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema – Ensaio de Crítica e de Estética**. São Paulo: É Realizações Editora, 2013.

MERQUIOR, José Guilherme. **Verso universo em Drummond**. É Realizações Editora Livraria e Distribuidora LTDA, 2016.

MERQUIOR, José Guilherme. **Verso Universo em Drummond; tradução de Marly de Oliveira**. Rio de Janeiro: Olympio, Secretaria de Estado de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1975.

MIGNOLO, Walter. The Darker Side of the Renaissance: literacy, territoriality and colonization. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1995.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê Drummond**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2007

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MÜHL, Eldon Henrique. Manifesto em defesa do legado de Freire. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 28, n. 3, p. 1197-1199, 2021.

OLIVEN, Ruben George. **Cultura e modernidade no Brasil**. São Paulo em Perspectiva, v. 15, p. 3-12, 2001.

PASINI, Leandro. O processo expiatório de A rosa do povo, de Carlos Drummond de Andrade. **Literatura e Sociedade**, v. 20, n. 21, p. 54-69, 2015.

PASINI, Leandro. **Prismas modernistas: a lógica dos grupos e o modernismo brasileiro**. São Paulo: Editora da Unifesp, 2022.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira. Paulo Freire: Uma vida como obra que permanece. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 9, n. 2, p. 247-262, 2014.

PILATI, Alexandre. **O poeta nacional sem nação: impasses da formação do Brasil na lírica de Carlos Drummond de Andrade**. 2007. 222p. Dissertação (doutorado) – Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas.

PILATI, Alexandre. **O poeta nacional sem nação: impasses da formação do Brasil na lírica de Carlos Drummond de Andrade**. 2007. 222p. Dissertação (doutorado) – Universidade de Brasília, 2007.

PORFIRIO, Francisco. **Paulo Freire: Paulo Freire é o Patrono da Educação Brasileira por reconhecimento ao mérito de sua obra e das suas contribuições para a educação e alfabetização no Brasil e no mundo**. 2020. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm>. Acesso em: 06 nov. 2022.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina**. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GUARDIOLA-RIVERA, O.; MILLÁN

RAMOS, Paula Viviane. A experiência da modernidade na secção de desenho da Editora Globo: **Revista do Globo (1929-1939)**. 2002. 273 f. : il."

Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, v. 2, n. 7, p. 64-72, 2017.

REVISTA FORUM. **Luiza Erundina: "Paulo Freire era uma ideia, algo maior do que ele como pessoa"**. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2019/9/19/luiza-erundina-paulo-freire-era-uma-ideia-algo-maior-do-que-ele-como-pessoa-61704.html>. Acesso em: 12 nov. 2022.

REVISTA GALILEU. **A vida e a obra de Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores poetas do Brasil**. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Vestibular-e-Enem/noticia/2019/10/vida-e-obra-de-carlos-drummond-de-andrade-um-dos-maiores-poetas-do-brasil.html>. Acesso em: 12 nov. 2022.

RIBEIRO, Polyana. Resenha Crítica da Obra Pedagogia da Autonomia.

RODRIGUES, Valéria Daiane Soares; REBELLO, Ivana Ferrante. E uma rosa se abre: a guerra e a flor na poesia de Drummond. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 23, n. 2, p. 129-136, 2013.

SAID, Roberto Alexandre do Carmo. **Quase biografia: poesia pensamento em Drummond**. 2007. 272f. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Comparada) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

SAID, Roberto. **A angústia da ação: poesia e política em Drummond**. Curitiba: Ed. UFPR; Belo Horizonte Ed. EFMG, 2005.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Carlos Drummond de Andrade: Análise da Obra**, 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **A flor, a vida, a poesia**. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. 42º ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Drummond: o gauche no tempo**. 5. ed. rev. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTANA, Joaquín G. **El joven Guillén**. La Habana: Abril, 1987.

SCHONORR, Giselle Moura. **Pedagogia do Oprimido**. IN: SOUZA, Ana Inês. Paulo Freire: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SECRETARIA de educação básica. Língua portuguesa: catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio: PNLEM/2009. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2008

SIMON, Iumna Maria. **Drummond: uma poética do risco**. São Paulo: Ática, 1978.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STRECK, Danilo Romeu. Da pedagogia do oprimido às pedagogias da exclusão: um breve balanço crítico. **Revista Educação & Sociedade**. v. 30, n. 107, maio/ago, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça. **Drummond: a Estilística da Repetição**, 2. ed., rev. e aum., Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976.

TELES, Gilberto Mendonça. **O Privilégio de Ler Drummond**, in Revista Brasileira, fase VII, Ano VIII, n.32, pp. 81-137, 2002.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**. Editora José Olympio, 2022.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal – suplementos literários franceses e**

brasileiros na década de 1990. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). Imprensa, história e literatura. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

VASCONCELOS, Maria Lúcia M. C.; BRITO, Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire.** 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes; São Paulo: Mack Pesquisa, Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2009.

VILLAÇA, Alcides. **Passos de Drummond.** Editora Cosac Naify, 2014.

VIOTTI, Fernando Baião. Diferentes formas da poesia resistência. **Estudos Avançados**, v. 37, p. 215-230, 2023.

ZITKOSKI, Jaime. **Paulo Freire e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.